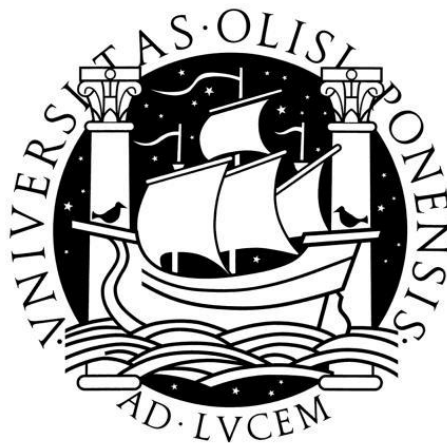


UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



O Bairro na Cidade –
A Relação entre a Satisfação Residencial e a Insegurança Percebida
nos Moradores de um Bairro Urbano

Inês Alves de Matos Pires Ferreira

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/
Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)

2011

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



O Bairro na Cidade –
A Relação entre a Satisfação Residencial e a Insegurança Percebida
nos Moradores de um Bairro Urbano

Inês Alves de Matos Pires Ferreira

Tese orientada pelo Professor Doutor Wolfgang Rüdiger Lind

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/
Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)

2011

Agradecimentos

Ao Professor Doutor Wolfgang Lind, pela orientação e apoio essenciais para a concretização deste trabalho. Agradeço-lhe a escuta activa, paciência, e disponibilidade prestadas em todos os momentos, mesmo quando geograficamente distanciados, e as sugestões e conhecimentos partilhados.

À Dr^a Elena Sautkina e Dr. Ferdinando Fornara (e sua equipa), pelo apoio e disponibilidade prestados, pelas suas sugestões, opiniões, e material fornecido, indispensáveis para a realização e enriquecimento deste trabalho.

À Dr^a Ana Vedes e Dr^a Verónica Neves, pelo auxílio prestado no início deste processo, pelos conhecimentos e informação partilhados.

Ao Giacomo Fazio, Isabel Fazio, e Riccardo Scafati, pelo auxílio na tradução da escala QARP. À Elena Tucci, Laura Marolla, e Inês Nunes pela ajuda inicial neste processo.

A toda a equipa do K'CIDADE da Alta de Lisboa, pelo apoio, empenho, e carinho prestados, fundamentais para que este estudo “ganhasse forma”. Particularmente à Carla Calado, pela disponibilidade total e auxílio constante; à Ana Carapinha pela enorme vontade e disponibilidade em ajudar, partilhando ideias e sugestões para melhorar o meu trabalho; e à Neuza Pestana, pela presença e apoio incansável, mesmo à distância, fornecendo material e informação essencial para a elaboração deste estudo, e pelos seus preciosos conselhos.

A todas as pessoas da Alta de Lisboa, que tornaram possível a concretização deste estudo; aos que participaram da amostra e/ou contribuíram com sábias sugestões e ensinamentos. Particularmente ao Luís Frota, Marco Freitas e Admir Carvalho, pela disponibilidade e colaboração na mobilização de participantes e recolha de dados.

À minha família, sobretudo aos meus pais, avó e irmã, pela presença constante, carinho, ajuda, e grande paciência, depositando em mim a confiança necessária e dando-me força para ultrapassar todos os obstáculos e realizar este trabalho com sucesso. À minha mãe, pela revisão exaustiva e crítica do português deste trabalho; ao meu pai, pela leitura atenta e crítica deste trabalho; à minha irmã, pelo auxílio indispensável na tradução do resumo.

Aos meus amigos, por me motivarem e estarem sempre presentes, mesmo à distância, nesta fase tão importante para mim. À Leonor, pela amizade, ajuda e partilha de ideias,

alegrias e frustrações, percorrendo esta etapa, como tantas outras, lado a lado; ao seu irmão, pelo apoio técnico essencial para que este trabalho se tenha concretizado.

Ao Carlos, pelo forte incentivo, pela dedicada atenção e carinho incomensuráveis, partilhando todos os momentos nesta fase importante, transmitindo-me a alegria, calma e confiança necessárias para cumprir mais este objectivo.

A todos os que, directa ou indirectamente, participaram nesta etapa, um

Muito Obrigada!

Resumo

O presente estudo pretende averiguar a relação entre a *Satisfação Residencial* e *Insegurança Percebida* de indivíduos que habitam em contextos residenciais urbanos. Contou com a participação de 52 indivíduos, residentes de um bairro periférico da cidade de Lisboa. De forma a medir a *Satisfação Residencial* utilizou-se a *Escala Breve da Qualidade do Ambiente Residencial Percebida* (PREQ; *Abbreviated Perceived Residential Environment Quality*, Fornara, Bonaiuto & Bonnes, 2009; versão adaptada por Bettencourt, *no prelo*). Para proceder à medição da *Insegurança Percebida* utilizou-se a *Escala de Insegurança Percebida* (EIP; Ferreira e Lind, *no prelo*), criada para o efeito, a partir do *Questionário de Mapas Cognitivos de Segurança e Insegurança* (Sautkina, 2007). Realizada uma análise factorial da escala EIP foram extraídos três factores, designadamente *Características Ambientais de Controlo Social*, *Medo do Crime* e *Representação do Local por Vitimação*. Pela análise dos índices psicométricos é possível concluir sobre a qualidade deste instrumento. Os resultados obtidos indicam a existência de uma relação significativa negativa entre a *Insegurança Percebida* e a *Satisfação Residencial* nomeadamente com as características do ambiente residencial sócio-relacional e contextual. Da análise destes resultados verifica-se que o *Medo do Crime* é o factor de *Insegurança Percebida* mais relacionado com a *Satisfação Residencial* dos moradores. Foram ainda identificadas relações significativas entre a *Satisfação Residencial* e variáveis sócio-demográficas como a *Idade*, *Nível de Escolaridade*, *Profissão*, *Tempo de Residência na Nova Habitação/Zona do Bairro* e *Tempo de Residência Anterior ao Realojamento*. A *Insegurança Percebida* não se relaciona com nenhuma das variáveis consideradas. A presente investigação contribui para alargar o conhecimento sobre o conceito de *Insegurança Percebida* e, sobretudo, direccionar o estudo da *Insegurança Percebida* e *Satisfação Residencial* para a intervenção em contextos urbanos específicos.

Palavras-chave: *Insegurança Percebida*, *Satisfação Residencial*, *Área de Residência*.

Abstract

The Neighbourhood in the City – The Relationship Between Residential Satisfaction and Perceived Insecurity of the Inhabitants of an Urban Neighbourhood

The study hereby presented aims to analyse the relationship between *Residential Satisfaction* and *Perceived Insecurity* of the inhabitants of urban residential neighbourhoods. In this study the sample was of 52 individuals, all of them living in the same neighbourhood within Lisbon suburbs. In order to evaluate *Residential Satisfaction* we used the *Abbreviated Perceived Residential Environment Quality* scale (PREQ; Fornara, Bonaiuto & Bonnes, 2009; adapted by Bettencourt, in press). As far as the evaluation of *Perceived Insecurity* is concerned, we applied the *Perceived Insecurity Scale* (EIP; Ferreira & Lind, in press), created for this purpose, from the *Cognitive Maps of Security and Insecurity Questionnaire* (Sautkina, 2007). After undergoing a factual analysis of the EIP scale, we gathered three factors: *Environment Characteristics of Social Control*, *Fear of Crime* and *Local Representation by Victimization*. The analysis of psychometric properties led us to conclude in favour of the quality of that instrument. The results obtained show the existence of a significantly negative relationship between *Perceived Insecurity* and *Residential Satisfaction*, namely social-relational and contextual characteristics of the residential environment. The analysed data shows us that *Fear of Crime* is the *Perceived Insecurity* factor mostly linked to the inhabitants' *Residential Satisfaction*. Furthermore, we identified various relevant correlations between *Residential Satisfaction* and socio-demographic variables such as *age*, *educational level*, *profession*, *length of residence in the new house / neighbourhood area* and the *length of residence before relocation*. However, *Perceived Insecurity* shows no correlation with these variables. This investigation has the asset of contributing to the enlargement of the concept of *Perceived Insecurity* and, above all, guiding the study of *Perceived Insecurity* and *Residential Satisfaction* to an intervention focused on specific urban contexts.

Key words: *Perceived Insecurity*, *Residential Satisfaction*, *Area of Residence*.

Índice Geral

Introdução.....	1
I. Enquadramento Teórico	2
1.1 Ambiente Residencial.....	2
1.1.1 Contexto Urbano: A Cidade.	2
1.1.2 O Bairro ou Área de Residência.	3
1.2 Satisfação Residencial	5
1.2.1. Evolução do Conceito de Satisfação Residencial.....	5
1.2.2. Factores que influenciam a Satisfação Residencial.....	7
1.3 Insegurança Percebida	8
1.3.1. A Criminalidade e Insegurança Urbanas	8
1.3.2. Definindo a Insegurança Percebida	9
1.3.3. Insegurança Percebida e Medo do Crime	12
1.4 Relação entre as variáveis em estudo. O caso dos bairros de Realojamento	13
II. Metodologia	16
2.1 Âmbito e Pertinência da Investigação	16
2.2 Questão de Partida e Questões de Investigação.....	16
2.3 Objectivos de Investigação.....	17
2.4 Selecção da Amostra	17
2.5 Caracterização da Amostra.....	18
2.6 Instrumentos Utilizados.....	21
2.7 Procedimento de Recolha da Amostra.....	25
2.7.1. Vantagens e Desvantagens da metodologia <i>online</i> . Aplicação de instrumentos de investigação via <i>online</i> e em formato de papel	26
III. Resultados.....	28
3.1 Estudo da <i>Escala de Qualidade do Ambiente Residencial Percebida</i> (QARP)	28
3.1.1. Características psicométricas da QARP	28
3.2 Estudo da <i>Escala de Insegurança Percebida</i> (EIP).....	31
3.2.1. Análise Factorial Exploratória	31
3.2.2. Características Psicométricas da EIP.....	33
3.3 Relação entre <i>Insegurança Percebida</i> e <i>Satisfação Residencial</i>	35
3.4 Relação entre <i>Satisfação Residencial</i> e Variáveis Sócio-demográficas	38

3.5 Relação entre <i>Insegurança Percebida</i> e Variáveis Sócio-demográficas	42
IV. Discussão dos Resultados e Conclusões	43
4.1 Índices Psicométricos da QARP	43
4.2. Índices Psicométricos e Factores da EIP	43
4.3 Relação entre a <i>Insegurança Percebida</i> e <i>Satisfação Residencial</i>	45
4.4. Relação entre <i>Satisfação Residencial</i> e Variáveis Sócio-demográficas	48
4.5. Relação entre a <i>Insegurança Percebida</i> e Variáveis Sócio-demográficas	52
4.6. Limitações do Estudo	52
4.7. Implicações Práticas e Sugestões Para Investigações Futuras	53
Referências Bibliográficas	55
Anexos	
Apêndices	

Índice de Gráficos

Gráfico 1. <i>Scree Plot</i> das Componentes Principais da EIP	32
---	----

Índice de Quadros

Quadro 1. Distribuição da Amostra por Grupos profissionais.....	20
Quadro 2. Médias, Desvios Padrão, Máximos e Mínimos das Macrodimensões da QARP	29
Quadro 3. Níveis de Consistência Interna das Macrodimensões da QARP.....	30
Quadro 4. Matriz de Componentes da EIP Após Rotação <i>Varimax</i> dos valores com Normalização Kaiser	33
Quadro 5. Médias, Desvios Padrão, Máximos e Mínimos dos Factores da EIP	34
Quadro 6. Níveis de Consistência Interna da escala EIP e seus factores.....	34
Quadro 7. Correlações de <i>Pearson</i> ou <i>Spearman</i> entre escala EIP total e as macrodimensões da escala QARP	36
Quadro 8. Correlações de <i>Spearman</i> entre os factores da macrodimensão <i>Características Sócio-relacionais</i> da QARP e os três factores da EIP	36

Quadro 9. Correlações de <i>Pearson</i> ou <i>Spearman</i> entre os factores da macrodimensão <i>Características Contextuais</i> da QARP e os três factores da EIP	37
Quadro 10. Correlações de <i>Pearson</i> entre a macrodimensão <i>Características Arquitectónico-urbanas</i> da QARP, seus factores, e Variáveis Sócio-demográficas	39
Quadro 11. Correlações de <i>Spearman</i> entre a macrodimensão <i>Características Sócio-relacionais</i> da QARP, seus factores, e Variáveis Sócio-demográficas	40
Quadro 12. Correlações de <i>Pearson</i> entre a macrodimensão <i>Características Funcionais</i> da QARP, seus factores, e Variáveis Sócio-demográficas	41
Quadro 13. Correlações de <i>Pearson</i> entre a macrodimensão <i>Características Contextuais</i> da QARP, seus factores, e Variáveis Sócio-demográficas	41

Introdução

“A cidade é uma construção social, o fruto da convivência e distribuição do espaço entre pessoas (...)”
(Ramírez, 2000, p.259).

O crescimento acentuado da concentração humana no contexto urbano nos últimos séculos causou transformações importantes na organização das cidades. O alastramento de bairros da cidade moderna para zonas periféricas e suburbanas formando autênticas cidades satélite, acarreta problemas sociais graves, com o aumento da violência e da criminalidade.

Evidenciada pelos *media*, a propagação do crime é um importante factor de insegurança para a população, e um aspecto fundamental na satisfação ou insatisfação dos indivíduos com o bairro onde vivem (Hur e Morrow-Jones, 2008). É no contacto com o espaço envolvente, percebendo as suas características físicas e sociais, que os indivíduos criam representações sobre ele, nomeadamente de insegurança, face a uma falta de controlo social percebida (Skogan, 1986). Tais representações podem condicionar a vida das pessoas, gerando o medo que, partilhado com outros moradores, pode afectar o bem-estar da comunidade residente.

Deste modo, o bairro ou área de residência afecta necessariamente a qualidade de vida dos seus habitantes, os quais adoptam uma atitude avaliativa do espaço envolvente, com base no seu *design* e contexto social (e.g relação com vizinhos), isto é, a satisfação residencial (Aragonés, Francescato & Garling, 2002; Fornara, Bonaiuto e Bonnes, 2009).

Da crescente preocupação com a qualidade de vida de populações urbanas, nomeadamente residentes em bairros periféricos da metrópole, surge a necessidade de estudar a Insegurança Percebida dessas comunidades, a que acresce o interesse sobre a sua relação com a Satisfação Residencial. Esta investigação procura, deste modo, analisar a relação entre estes dois conceitos, inerentes à relação dos indivíduos com o espaço onde residem.

O presente trabalho desenvolve-se em cinco capítulos, com início na apresentação de estudos realizados sobre as variáveis consideradas, até às principais conclusões e sugestões para estudos e intervenções futuras. O primeiro capítulo engloba o Enquadramento Teórico, onde se apresenta uma breve revisão de literatura sobre os conceitos mais pertinentes para este estudo. O segundo capítulo refere-se à Metodologia, onde serão expostos os objectivos principais do estudo e as questões de investigação formuladas, a caracterização da amostra, os instrumentos utilizados, e onde é descrito o procedimento de recolha de dados. O terceiro capítulo diz respeito à apresentação dos Resultados obtidos. O quarto capítulo, Discussão dos Resultados, consistirá na reflexão sobre os resultados obtidos, apresentação das limitações do estudo e propostas para investigações futuras.

I. Enquadramento Teórico

1.1. Ambiente Residencial

Com o intuito de compreender a relação entre a *Insegurança Percebida e Satisfação Residencial* dos indivíduos em bairros urbanos, é essencial debruçarmo-nos primeiro sobre o ambiente onde eles residem e a sua relação com o mesmo.

O ambiente residencial, local onde os indivíduos habitam, distingue-se dos ambientes laboral, escolar ou institucional, ao fornecer significado e identidade ao indivíduo (Amérigo, 2000). Nele estão incluídos a habitação do indivíduo, o seu bairro ou área de residência, os vizinhos e a comunidade urbana em geral, isto é, a cidade (Aragonés et. al, 2002; Marans & Couper, 2000; cit. por van Kamp, Leidelmeijer, Marsman & de Hollander, 2003).

Na visão de Carter e Rees (1982; cit. por Amérigo, 2002) os quatro componentes devem ser considerados no estudo de ambientes residenciais, e por interagirem a um nível físico (e.g. características ambientais reais, objectivas ou subjectivas), psicológico (e.g. factores de bem-estar) e social (e.g. relações de vizinhança) deve a sua intersecção com esses níveis ser considerada no estudo do conceito de ambiente residencial (Aragonés et. al, 2002).

De entre esses componentes, os vizinhos constituem a dimensão social do ambiente residencial, sendo fundamentais para a construção de redes sociais e consequente coesão social e construção de um sentido de comunidade (Amérigo, 2000; 2002). Os restantes são encarados numa perspectiva mais física, pese embora grande parte das redes sociais sejam estabelecidas nas áreas comuns da habitação e do bairro (Amérigo, 2002).

1.1.1. O Contexto Urbano: A Cidade

“A cidade é uma construção social, o fruto da convivência e distribuição do espaço entre pessoas, num certo momento histórico, social e psicológico único” (Ramírez, 2000, p.259).

A cidade consiste numa área geográfica de forte cariz social que engloba uma mescla de fenómenos diários que ocorrem simultaneamente em locais afastados e, de certo modo, independentes. Trata-se de um produto histórico que resulta da interacção de forças e interesses económicos e sociológicos, e que reflecte a distribuição e acomodação geográfica de um grande número de indivíduos num espaço restrito (Ramírez, 2000).

Com a industrialização massiva no território europeu a partir da segunda metade do século XIX, o contexto urbano tornou-se o habitat de grande parte da espécie humana, reunindo inúmeras pessoas em espaços reduzidos, onde as relações e heterogeneidade sociais

se foram desenvolvendo. O espaço urbano transformou-se num meio onde predominam lado a lado contrastes sociais, como cultura e ignorância, vida social e solidão, riqueza e miséria humana, e onde a diversidade cultural conduz ao distanciamento social. Formou-se um “mundo de estranhos”, onde as relações superficiais são cada vez mais abundantes e preferidas (Fisher, 1976; Milgram, 1977; cit. por Ramírez, 2000).

Diversos autores, sobretudo no campo da Psicologia Ambiental, estudaram o impacto do crescimento urbano na vida das pessoas e, conseqüentemente, no seu funcionamento e interacção com o espaço, sugerindo novas concepções da pessoa urbana. A Psicologia do Ambiente interessa-se pelo impacto do espaço físico no comportamento humano, bem como pelas ideias socialmente partilhadas (i.e. representações sociais) sobre o ambiente físico (Lima & Sautkina, 2007).

Face à sobrestimulação urbana as pessoas criam estratégias cognitivas, seleccionando os estímulos mais relevantes na interacção com o ambiente e memorizando-os, desenvolvendo representações mentais dele sob a forma de mapas cognitivos (“imagem espacial” ou “mapa psicológico”; Tolman, 1948; cit. por Aragonés, 2000). O mapa cognitivo é uma construção mental, por isso individual, que permite organizar a experiência social e cognitiva, influir sobre a organização do espaço, decidir para a acção, e conhecer domínios não espaciais de experiência do ambiente. Segundo Lynch (1960; cit. por Aragonés, 2000) existem mapas cognitivos colectivos ou “imagens públicas”, como as representações criadas pelos habitantes de uma cidade. O mapa cognitivo urbano é, assim, um desenho da cidade construído mentalmente a partir de pontos de referência familiares para o indivíduo (e.g. casa, local de trabalho) que permitem organizar espacialmente as ruas, cruzamentos e bairros. O conceito e fenómeno da representação mental de ambientes com os quais se contacta diariamente, inclusivamente a área ou bairro de residência, revela-se fundamental para esta investigação, estando na base dos dois fenómenos em estudo.

1.1.2. O bairro ou Área de Residência

Autores como McAndrew (1993; cit. por Amérigo, 2000, 2002) consideram o bairro aquilo que as pessoas interpretam dele, logo, não existe uma definição universal do mesmo, tornando-se um conceito algo confuso e polémico na comunidade científica. Investigadores confundem-no com termos semelhantes como comunidade, área ou distrito (Amérigo et. al, 2002). Por outro lado, autores como Marans e Rodgers (1975; cit. por Amérigo, 2000) encaram o bairro como a zona intermédia entre um *macrobairro* e *microbairro*. O primeiro

corresponde aos distritos oficialmente definidos, tomando como referência as principais ruas que o atravessam, e o segundo à área que circunda a habitação (vivenda, moradia ou prédio) num perímetro de cerca de seis casas.

Investigações posteriores consideram-no o nível intermediário de organização social entre a habitação e a comunidade urbana (cidade), no qual as pessoas desenvolvem um sentimento de comunidade ou pertença (McAndrew, 1993; cit. por Amérigo, 2002). Fornara, Bonaiuto e Bonnes (2009) consideram-no a ligação entre a casa e a cidade na percepção e acção dos indivíduos face ao ambiente residencial. As características individuais “ganham terreno”, e a área de residência começa a ser vista como uma categoria “pessoal” (Amérigo, 2002), uma construção da pessoa, e não apenas uma área geográfica ou unidade administrativa, como fora outrora considerado.

O conceito de bairro deve, portanto, ser definido no seu cariz físico e psicossocial (Aragonés & Amérigo, 1997; cit. por Amérigo, 2002). Fisicamente, trata-se da área que envolve a habitação, onde estão disponíveis diversos serviços (de saúde, recreativos, comerciais, educativos e sociais), na maioria alcançáveis a pé. Em termos psicossociais, é uma zona que permite o estabelecimento de redes sociais, desenvolvendo nos moradores um sentimento de pertença. O estudo de Weenig, Schmidt e Midden (1990; cit. por Amérigo, 2000) foi um marco no desenvolvimento dessa dimensão psicossocial, por aqui ser estabelecida uma tipologia de bairros em função de duas dimensões que definem o grau de coesão na rede social do bairro: a proximidade (quantidade de vínculos estabelecidos) e o sentimento comunitário (reflexo da qualidade desses vínculos). Seguindo esta abordagem, outros autores (Warren, 1978, McAndrew, 1993; cit. por Amérigo, 2000) estabeleceram uma tipologia de bairros em função das dimensões tipo e intensidade de interacção entre moradores, sentimento de identidade por residirem no bairro, e quantidade de ligação entre os moradores e o mundo exterior.

O bairro, ou área de residência, passou a ser visto como “sociológico”, instância espacial relativa à proximidade ou vizinhança, e zona da cidade que o indivíduo sente que lhe pertence e na qual se sente protegido. Deixa de ser apenas um local de investimento emocional para se considerar, actualmente, a unidade ambiental mais básica onde a vida social dos moradores se desenvolve, afectando a sua qualidade de vida (Hur & Morrow-Jones, 2008).

É no contacto com o ambiente residencial que os indivíduos desenvolvem percepções sobre o espaço, nomeadamente de segurança e insegurança, e simultaneamente se sentem (ou não) satisfeitos em viver nesse espaço, o que pode afectar a qualidade de vida percebida.

1.2. *Satisfação Residencial*¹

1.2.1. **Evolução do Conceito de Satisfação Residencial**

O interesse pelo estudo da satisfação das pessoas relativamente ao ambiente onde residem remonta a finais dos anos cinquenta, inícios de sessenta, resultado da necessidade de encontrar critérios de avaliação das condições de habitação adequados para melhorar a qualidade residencial e de vida dos indivíduos (Amérigo, 2000).

Importa, porém, antes de referir especificamente o conceito de Satisfação Residencial, analisar o significado dos termos que lhe estão inerentes.

O conceito de Satisfação tem sido definido de diferentes formas. Uma concepção frequentemente usada é a de Gärling e Firman (2002) que o definem como o resultado de realização que pressupõe a existência de algo (e.g. desejo) que deve ser satisfeito.

O conceito Residencial, por outro lado, não é consensual no seio da comunidade científica e Fornara, Bonaiuto e Bonnes (2009) enfatizam a necessidade de em cada estudo sobre ambientes residenciais estar implícito o conceito de residencial abordado, se mais *micro* (e.g. casa) ou mais *macro* (e.g. cidade). No presente estudo, o ambiente residencial em questão é o bairro ou área de residência, o qual inclui a habitação, edifício, espaços públicos comuns e serviços à disposição da comunidade residente.

Considerando o cariz abstracto dos conceitos que lhe subjazem, e pelo facto de a Satisfação Residencial ter sido definida sob diferentes perspectivas, não existe uma definição concreta e consensual do conceito (Amérigo, 2000).

Partindo de uma perspectiva cognitivista, é conceptualizada como a avaliação do ambiente residencial objectivo, comparada com um ambiente residencial idealizado, uma imagem (esquema cognitivo) do que as pessoas gostariam que esse ambiente fosse. Depende, portanto, do modo como é percepcionado, dos seus atributos e do *standard* de comparação, isto é, expectativas, aspirações e/ou necessidades pessoais (Rapoport, 1977, Marans & Rodgers, 1975, Campbell et. al, 1976; cit. por Potter & Cantarero, 2006).

Outros autores destacam o pólo afectivo ou emocional do conceito, definindo a Satisfação Residencial como a gratificação ou prazer em morar num determinado lugar (Fornara, Bonaiuto & Bonnes, 2009; Gold, 1980; cit. por Amérigo, 2000).

Investigações mais recentes encaram a Satisfação Residencial como uma atitude do indivíduo relativamente ao local onde vive (Amérigo, 2002). Esta conceptualização dirige-se para a noção de multidimensionalidade. Vista como uma atitude, a Satisfação Residencial engloba três facetas: conativa (comportamental; e.g. mudar de área de residência), cognitiva (e.g. percepções) e afectiva (e.g. satisfação), resultando as duas últimas da qualidade

¹ Nesta investigação a Satisfação Residencial é estudada enquanto Qualidade Residencial Percebida.

residencial percebida e da vinculação ao bairro (Bonaiuto, 2004; cit. por Francescato, 2002; Américo, 2002), conceitos relacionados com a Satisfação Residencial (Bonaiuto, Fornara & Bonnes, 2009). A Satisfação Residencial consiste numa resposta emocional que resulta da avaliação do espaço por comparação das suas características reais com as idealizadas (Francescato, Widemann & Anderson, 1985, 1989; cit. por Américo, 2002). Quanto menor a discrepância entre as imagens real e ideal, maior a Satisfação Residencial (Francescato, 2002; Américo, 2002).

A Satisfação Residencial tem sido perspectivada de dois modos distintos. Por um lado, enquanto critério da qualidade de vida geral do indivíduo e, por outro, como preditor de comportamentos específicos (e.g. mudança de habitação). No entanto, vários autores consideram essas abordagens conjuntamente, gerando modelos mais completos e integrados de Satisfação Residencial (Marans & Couper, 2000; van Poll, 1997; cit. por van Kamp, et. al, 2003; Américo, 2002).

O Modelo Sistémico de Satisfação Residencial (Anexo I) desenvolvido por Américo (1990, 1995; cit. por Américo, 2000, 2002), é um bom exemplo. Comprovado empiricamente, parte do princípio de que o espaço é “construído” pelos indivíduos na interação pessoa-ambiente (Kahana, Lovegreen, Kahana & Kahana, 2003). Este modelo tem início com a avaliação do indivíduo sobre as características objectivas (físicas e sociais) do ambiente residencial, tornando-o subjectivo. Nesse processo estão envolvidas características individuais (sócio-demográficas) e o padrão de comparação dos espaços ideal e real (que envolve necessidades, valores e expectativas do sujeito), os quais acabam por influenciá-lo.

Alguns autores consideram que atributos objectivos do ambiente residencial promovem directamente a satisfação (Christensen, Carp, Cranz & Wiley, 1992; Galster & Hesser, 1981; cit. por Américo, 2002). Fornara, Bonaiuto e Bonnes (2009) agrupam-nos em quatro domínios de qualidade residencial percebida: (1) arquitectónico e de planeamento urbanístico (dimensão espacial que engloba o planeamento de espaços arquitectónicos e urbanos, as áreas verdes e a organização da acessibilidade e das ruas); (2) das relações sociais (dimensão humana que inclui a segurança, sociabilidade e discrição da população); (3) das características funcionais (dimensão funcional que inclui os serviços disponíveis na zona residencial: de bem-estar, recreativos, comerciais e de transporte); e por último (4) o domínio das características contextuais (dimensão contextual que inclui a saúde ambiental, o cuidado e manutenção do espaço, e o ritmo de vida).

Regressando ao modelo de Américo (Anexo I), o ambiente residencial objectivo ao tornar-se subjectivo induz um grau de satisfação no indivíduo que, como já referido, será

maior quanto menor a discrepância entre o ambiente residencial real e ideal. Essa satisfação é uma resposta emocional que pode ser positiva ou negativa, dependendo do quão concretizadas estão as aspirações do indivíduo. Consequentemente, ele adopta comportamentos ou pensamentos adaptativos que lhe permitem manter-se em congruência com o ambiente, pois não é capaz de se sentir permanentemente insatisfeito (Teoria da Dissonância Cognitiva; cit. por Américo, 2002). As aspirações do indivíduo são, portanto, modificadas no sentido de se ajustarem às circunstâncias (Fishbein & Azjen, 1975; cit. por Américo, 2002). Um comportamento adaptativo deste tipo pode simplesmente ser a mudança de um atributo do ambiente residencial, conduzindo à repetição de todo o processo cíclico. Por fim, Américo acrescenta que o grau de satisfação com o espaço habitacional influencia a satisfação do indivíduo face à vida em geral, indo de encontro à perspectiva de Marans e Spreckelmeyer (1981; cit. por Hur & Morrow-Jones, 2008) que defendem que a satisfação com a área de residência permite prever comportamentos como a decisão do indivíduo em mudar de ambiente, o que afectará a sua qualidade de vida em geral.

1.2.2. Factores que influenciam a Satisfação Residencial

Na literatura têm sido realçados diversos factores indutores de Satisfação Residencial associados à área de residência. Alguns autores realçam mais certas características físicas dos bairros, enquanto outros as suas características sociais, posicionando-se num dos dois pólos.

Abordagens neotradicionais e neourbanistas² realçam as características físicas como as principais indutoras da Satisfação Residencial e do Sentido de Comunidade por, entre outras razões, diminuírem a dependência automóvel incentivando a actividade pedestre e promoverem a interacção entre os moradores (e.g. espaços verdes e espaços comuns entre os edifícios; Hur & Morrow-Jones, 2008).

Francescato e colaboradores (1986; cit. por Potter & Cantarero, 2006), desenvolveram uma taxionomia de seis domínios de factores que predizem esta satisfação, incluindo atributos objectivos do ambiente, características pessoais, crenças normativas e comportamentais, percepções, emoções e intenções comportamentais.

Goudy (1977; cit. por Potter & Cantarero, 2006), e Adams (1992; cit. por Kahana et. al, 2003) colocam a ênfase nas dimensões sociais como igualmente indutoras do bem-estar dos indivíduos. Os próprios residentes de bairros urbanos consideram-na a dimensão crucial quando formulam juízos de valor sobre o seu bairro (Lansing & Marans, 1969; cit. por Hur &

² O Novo Urbanismo consiste numa corrente de planeamento, arquitectura e *design* com postura neotradicionalista, anti-suburbana, e que rejeita a visão de um urbanismo pós-moderno. Esta abordagem procura transformar cidades de grandes dimensões, sem controlo, em vilas interligadas onde as pessoas socializem (Sarmiento, 2003).

Morrow-Jones, 2008). De facto, interagir com vizinhos, ter perto da área de residência amigos e familiares (Kahana et. al, 2003), e envolver-se em actividades na comunidade, sobretudo em bairros “satisfatórios” (Hur & Morrow-Jones, 2008), contribui fortemente para a satisfação dos indivíduos com o seu bairro.

Potter e Cantarero (2006) identificaram factores sociais, culturais e indutores de stress fortemente relacionados com a Satisfação Residencial. O emprego, nível sócio-económico, capacidade de comunicar, isolamento, discriminação, tensão entre moradores, e diferenças sócio-culturais são alguns dos factores evidenciados pelos autores.

O tempo de residência e a idade estão igualmente associados ao conceito de Satisfação Residencial. A idade correlaciona-se positivamente com este, pelo que populações idosas encontram-se tendencialmente mais satisfeitas com a área de residência em relação aos jovens. Este facto pode estar associado à maior identidade com o local por parte de quem ali habita há vários anos (Lima & Bonfim, 2009). Para moradores recém-chegados, a aparência física do bairro é mais relevante (Hur & Morrow-Jones, 2008), que a dimensão social, a qual é frequentemente salientada por moradores mais antigos. Estes são mais facilmente afectados pelo *stress*, devido à menor mobilidade e adaptação a mudanças na comunidade, dando maior relevância à criação de respostas sociais que sirvam o bem-estar comum (Potter & Cantarero, 2006).

É, todavia, necessário enfatizar que a influência de qualquer um destes factores na Satisfação Residencial depende, por um lado, do tipo de bairro onde a pessoa vive, “satisfatório” ou “insatisfatório” (Hur & Morrow-Jones, 2008) e, por outro, das características pessoais que influenciam o modo como cada um o vê e avalia, considerando-o “bom” ou “mau” para viver, conforme satisfeito ou não com as suas condições (físicas e sociais).

Na relação do indivíduo com a área de residência, ele extrai informações relevantes que determinarão a qualidade residencial percebida e a qualidade de vida em geral. A (in)segurança do espaço é, cada vez mais, vista como um factor determinante da qualidade de vida de qualquer ser humano, fundamental na percepção do espaço residencial.

1.3. Insegurança Percebida

1.3.1. A Criminalidade e Insegurança Urbanas

Mudanças sociais profundas e rápidas podem dar origem a fenómenos sociais graves (e.g. pobreza, exclusão social) o que, aliado à ruptura do controlo social exercido, e.g. pela família, polícia, escola (Cotta, 2005), pode aumentar a criminalidade e “violência urbana” (Machado da Silva, 2004; cit. por Dirk, Pinto & Azevedo, 2004) originando a insegurança na população.

A Criminalidade consiste num conjunto de actos contra a integridade (física, psicológica e social) do indivíduo e da população em geral, como o homicídio, agressão, roubo, invasão, maus tratos, tráfico de droga, os quais estão na base do que designamos insegurança (Cotta, 2005). Acarreta elevados prejuízos materiais e tem sobretudo consequências psicológicas para a população, afectando a sua qualidade de vida (Ferreira, 1998; cit. por Cotta, 2005).

A violência urbana, por conseguinte, é a representação colectiva de um conjunto de actos considerados crime, que resulta sobretudo da ineficiência percebida dos órgãos de manutenção da ordem (Machado da Silva, 2004; cit. por Dirk, Pinto & Azevedo, 2004). Lourenço (2010) refere cinco aspectos que a caracterizam: acções de fraca organização, o objecto da agressão é o espaço público (físico ou simbólico), os actores são sobretudo jovens, os actos são gratuitos e não dirigidos e tem efeitos colaterais vastos.

A insegurança, pessoal ou pública, está associada a noções de perigo e risco de actos contra a integridade (física ou psicológica) dos indivíduos, que possam constituir crime (Lourenço, 2010; Cotta, 2005). Segundo Roché (1994; cit. por Dirk, Pinto & Azevedo, 2004), a insegurança resulta do aumento de incivilidades (e.g. grafittis, vandalismo) que constituem uma nova violência urbana. A percepção de características deste tipo, físicas e/ou sociais, do ambiente (e.g. bairro), aliada a situações reais (vividas ou conhecidas) de crime, geram um sentimento de insegurança nos indivíduos, materializado no medo do crime (Roché, 1993; 1994; cit. por Dirk, Pinto & Azevedo, 2004; Lourenço, 2010; Cotta, 2005;).

Apesar de geralmente associada ao contexto da cidade (Dirk, Pinto e Azevedo, 2004), a insegurança não constitui um problema meramente urbano, mas social, identificado e estudado igualmente em comunidades rurais (Wills-Herrera, Orozco, Forero-Pineda, Pardo & Andonova, 2011).

1.3.2. Definindo a Insegurança Percebida ³

No âmbito da segurança e insegurança, sobretudo em estudos sobre vitimação, isto é, a ameaça de ser vítima de crime, verifica-se uma clara distinção entre a dimensão objectiva de (in)segurança, o crime real, e a dimensão subjectiva, percepção desse crime (Proto, 2002). No estudo da Insegurança Percebida importará claramente incidir sobre a segunda.

As percepções são expressões cognitivas que se encontram na base da interacção pessoa-ambiente, interpretações formuladas a partir de características, físicas e/ou sociais, do ambiente, num processo norteado pelas características de cada indivíduo. De facto, as pessoas processam os locais onde se encontram, desenvolvendo crenças e percepções únicas sobre

³ O termo Insegurança Percebida recebeu igualmente designações como Percepção de Insegurança (e.g. Carro, Valera & Vidal, 2010), Percepção do Sentimento de Insegurança (Güitrón & Guerrero, 2008), consideradas sinónimas. No presente estudo optou-se pelo termo *Insegurança Percebida*.

eles, sob a forma de, por exemplo, mapas mentais (Brofenbrenner, Moen & Garbarino, 1984; cit. por Roosa, White, Zeiders & Tein, 2009). Por este motivo, é essencial o seu estudo na compreensão dessa interacção (Roosa et. al, 2009; Sautkina, 2007), nomeadamente com o ambiente residencial, face ao perigo ou insegurança.

Na literatura psicossocial, a análise da insegurança pública encontra-se frequentemente associada ao estudo do medo do crime, à caracterização de locais perigosos e a processos de percepção de risco (Carro, Valera & Vidal, 2010).

Neste sentido, a Insegurança Percebida corresponde ao risco de crime percebido, isto é, à percepção do risco da pessoa ser vítima directa de crime ou de ocorrerem problemas no seu quotidiano associados a crime (i.e. ser vítima indirecta), sobretudo no seu bairro (Rountree & Land, 1996; Perkins et. al, 1992; cit. por Russo, Roccato & Vieno, 2010). A falta de controlo percebido sobre a situação (crime) aquando da avaliação do risco poderá constituir o principal factor explicativo da percepção e atitude (de medo e insegurança) da população face a esse risco (Slovic, 1987).

A percepção da população sobre a insegurança em locais específicos, como a área residencial, não corresponde muitas vezes aos dados objectivos (reais) de insegurança desse espaço, podendo mesmo ser contrária a tal realidade objectiva (“Paradoxo da Reafirmação”; Crawford, 2007) por resultar de uma avaliação subjectiva, com carácter único (Roosa et. al, 2009). Com base neste facto, estudos que abordem a insegurança em comunidades devem considerar não apenas dados objectivos de segurança e insegurança, mas também subjectivos (e.g. relatos; Roosa, et. al, 2009; Wills-Herrera, et. al, 2011).

Por outro lado, ainda que por vezes estudadas lado a lado, a Insegurança Percebida não é oposta à segurança percebida (Sautkina, 2007). Características físicas (e.g. incivildades físicas, qualidade de luz, comércio) e sociais (e.g. populações marginais, heterogeneidade cultural) do ambiente contribuem para a representação de, respectivamente, locais seguros e inseguros, não afectando o processo de representação contrário (Sautkina, 2007). Deste modo, definir os predictores da representação de segurança enquanto opostos directos dos da representação de insegurança, será contraproducente, podendo constituir um erro crasso de investigação. No entanto, concluir que para a percepção de segurança contribuem fortemente indícios físicos, enquanto a Insegurança Percebida se prende mais com aspectos sociais do local não constitui um erro, mas antes a constatação do que vem sendo demonstrado na literatura (Sautkina, 2007; Carro et. al, 2010; Roosa et. al 2009; Wills-Herrera et. al, 2011).

Sautkina (2007) defende que a percepção de pistas ambientais, que aumentam ou reduzem o sentimento de insegurança e medo do crime, intervém na construção de mapas

cognitivos de segurança e insegurança. Actualmente a Insegurança Percebida, enquanto risco de crime percebido, deixou de ser considerada um antecedente do medo do crime (Russo et. al, 2010), mas antes a componente cognitiva de uma atitude de insegurança que Rader (2004; cit. por Carro, et. al, 2010) designou “ameaça de vitimação”, na qual o medo do crime se refere à componente afectiva, e os comportamentos de protecção à componente comportamental.

Diversos são os factores que permitem predizer a Insegurança Percebida, predictores essencialmente do foro pessoal e contextual (Russo et. al, 2010; Carro, et. al, 2010).

Características individuais têm um papel crucial na predição da Insegurança Percebida, existindo pessoas mais sensíveis, ou cujas percepções são mais influenciadas por condições objectivas do bairro, contrariamente às que se focam nos seus aspectos subjectivos (Roosa et. al, 2009). Investigações locais (e.g. ao nível do *macrobairro*) destacam como variáveis individuais cruciais as competências de *coping* (apoio social e controlo cognitivo, emocional e comportamental; Carro et. al, 2010), características sócio-demográficas, como a idade e género (Russo et. al, 2010; Carro et. al, 2010), o nível sócio-económico (Russo et. al, 2010), experiências de vitimação e percepção de desordem física ou social (Russo et. al, 2010).

Ao nível contextual, incluem-se as características físicas (e.g. controlo visual, iluminação, vandalismo ou hora do dia) e sociais (e.g. presença de potenciais agressores, oportunidade de apoio social disponível, padrões de ocupação do espaço; Carro, et. al, 2010) do local.

Carro e colaboradores (2010) postularam um modelo teórico da Insegurança Percebida incluindo três factores ou variáveis predictoras dessa percepção: Competências Pessoais para *Coping*, englobando variáveis já referidas; Ambiente Perigoso, incluindo as variáveis contextuais mencionadas; e Representação do Espaço, a qual inclui ainda influências sociais que asseguram a representação de locais perigosos, a satisfação residencial e identidade de lugar.

Em estudos cujo foco é o *macroambiente*, isto é, não um local específico mas a nação ou sociedade em geral, o crime real, as características do bairro (sobretudo sociais) e a presença de incivilidades são as variáveis que melhor predizem o risco ao crime percebido (Insegurança Percebida). Em outros estudos cujo foco é um local externo ao bairro ou área de residência, a percepção de risco de crime é ainda influenciada pela sua proximidade ao bairro. Logo, a percepção de risco é superior em locais mais distanciados da habitação ou área de residência da pessoa (Dirk, Pinto e Azevedo, 2004; Sautkina, 2007), a qual é sempre considerada como mais segura do que qualquer outro espaço. Neste seguimento, supõe-se que “a criminalidade na rua é sempre menor que a do bairro, que é menor que a criminalidade

no município, que é menor que a do estado que é menor que a do país” (Dirk, Pinto & Azevedo, 2004, p. 28).

1.3.3. Insegurança Percebida e Medo do Crime

Na literatura, a noção de sentimento de insegurança encontra-se frequentemente associada ao conceito de *Insegurança Percebida*. Tal como a Satisfação Residencial, a insegurança é encarada como uma atitude, segundo Rader (2004; cit. por Carro et. al, 2010) uma “ameaça de vitimação” face ao ambiente e, por isso, composta por uma componente cognitiva (*Insegurança Percebida*), afectiva (sentimento de insegurança, materializado no medo do crime) e comportamental (e.g. comportamentos de evitação).

Contrariamente ao sentimento de insegurança, e sobretudo ao medo do crime, a *Insegurança Percebida* foi até ao momento pouco estudada no âmbito da investigação social e psicológica (Russo et. al, 2010; Garland & Stokols, 2002; Sautkina, 2007).

Roché (1991; 1993; 1994; cit. por Dirk, Pinto e Azevedo, 2004; Lourenço, 2010), considerado o autor do conceito de sentimento de insegurança, define-o como a inquietação cristalizada face ao crime e seus autores, face à percepção de pistas ambientais que transmitem um certo grau de insegurança (Lourenço, 2010). É um processo de interpretação do mundo circundante que se apodera dos indivíduos na forma de síndrome de emoções como o medo e a raiva (Cotta, 2005). É a expressão corporal de uma representação social do meio (*Insegurança Percebida*), baseada em experiências prévias do indivíduo.

Tseloni e Zarafonitou (2008) afirmam que o facto da pessoa experimentar directamente situações de vitimação além de potenciar a *Insegurança Percebida*, como referido, despoleta um sentimento de insegurança na pessoa face a esse local.

É possível identificar duas dimensões deste sentimento, o medo do crime (individual) e a preocupação com a ordem social (colectiva).

A preocupação pela ordem social consiste no receio generalizado face à percepção do enfraquecimento ou ausência de controlo social formal (e.g. por parte das autoridades) ou informal (e.g. pelos vizinhos ou familiares). Embora expressado individualmente refere-se à sociedade em geral, não estando associado a uma percepção individualizada (Lourenço, 2010; Dirk, Pinto & Azevedo, 2004).

O medo do crime, ansiedade relativa à segurança pessoal (Russo et. al, 2010), receio de ataques e suas consequências, manifesta-se em comportamentos de protecção da habitação, pedidos de protecção e, no geral, de práticas de evitação da vitimação (Lourenço, 2010). Trata-se de uma fase intencional e não reactiva do medo, de cariz emocional, que surge com a

percepção da proximidade de um crime, dada a experiência directa de vitimação, por conhecidos ou através dos meios de comunicação, a qual permanece mesmo após acontecimentos de risco (Dirk, Pinto & Azevedo, 2004; Cotta, 2005; Lourenço, 2010).

Van der Wurff e colaboradores (1989; cit. por Carro et. al, 2010) verificaram uma forte associação entre o medo do crime e quatro variáveis relevantes. São elas a percepção de ser um potencial alvo para o delinquente ou criminoso, a demonização das intenções dos outros, o poder de controlo da situação e, por último, a criminabilidade do espaço (enquanto fonte potencial de ameaças e insegurança). A última variável contribui fortemente para a reputação do local (e.g. bairro), a qual influencia o medo do crime (Garland & Stokols, 2002).

Garland e Stokols (2002) revelam que quando o significado atribuído a um bairro muda, passando a ser visto como perigoso pela comunidade residente e/ou “visitante” (com a divulgação de actos-crime nos *media* ou no cerne da própria comunidade, através do “passa a palavra”), qualquer situação negativa que ocorra no bairro agrava o medo, sobretudo no exterior a ele.

Se as pessoas que ali habitam deixam de investir no bairro, isolando-se (consequência da insegurança, sua percepção e medo do crime; Crawford, 2007), diminuem os níveis de coesão e solidariedade social (Russo, et. al, 2010). O bairro fica mais vulnerável a forças hostis (e.g. incivildades), podendo aumentar o nível do crime real, justificando consequentemente, o medo da população, o que piora a reputação do bairro. Sendo um processo cíclico, a gravidade do problema apela a intervenções mais estruturadas, que garantam a promoção da coesão social, sobretudo. Em concordância com esta perspectiva, autores revelam que as incivildades sociais percebidas contribuem em maior escala para a formação de representações negativas (de insegurança), enquanto mecanismos psicossociais, como a Satisfação Residencial e coesão social, demonstram ser mais relevantes na representação de insegurança (Woldoff, 2002; Valera & Carro, 2005; cit. por Sautkina, 2007).

1.4. Relação entre as variáveis em estudo. O caso dos Bairros de Realojamento

Ao longo do presente capítulo vem sendo referida a importância de cada uma das variáveis em estudo, *Insegurança Percebida* e *Satisfação Residencial*, no âmbito da qualidade de vida dos indivíduos. Apesar de se crer que a representação de um ambiente residencial como inseguro (*Insegurança Percebida*) está na base do processo de desenvolvimento da atitude de satisfação com esse espaço (Amérigo, 2002), não foram encontrados estudos que o comprovassem. Francescato (2002) afirma que a segurança (percebida), conceito essencialmente cognitivo resultante da interacção indivíduo-ambiente, encontra-se associada a

quase todas as dimensões do ambiente residencial. Contudo, segundo o autor não foi encontrada relação directa com a Satisfação Residencial.

No entanto, surgem na literatura estudos onde a relação entre ambos os conceitos é apresentada de forma mais clara, apelando à inclusão da *Satisfação Residencial* no conjunto de variáveis que explicam a *Insegurança Percebida* (Fernandéz & Corraliza, 1998; Martínez et. al, 2002; cit. por Carro, et. al, 2010). De facto, Carro e colaboradores (2010) comprovaram a elevada causalidade da representação do espaço, da *Satisfação Residencial* e identidade urbana, do apoio disponível percebido e da competência para lidar com situações de risco, na insegurança subjectiva. Segundo os autores, a elevada *Satisfação Residencial* das pessoas condiciona fortemente os seus julgamentos sobre a qualidade do ambiente, no caso entendida como a presença ou ausência de factores de risco, isto é, a *Insegurança Percebida* dele. Verifica-se que a *Satisfação Residencial* desses moradores está na base da *Insegurança* do espaço por eles *Percebida*. Contudo, não foram encontrados outros estudos que estabelecessem uma tal relação.

Embora de forma pouco nítida, estudos sobre habitação social ou pública, isto é, habitação destinada a pessoas em processo de realojamento, apresentam a relação entre *Insegurança Percebida* e *Satisfação Residencial*. Para o presente estudo revela-se fundamental abordar esta relação no contexto de habitação social, visto que a amostra em estudo provém maioritariamente de zonas PER (Plano Especial de Realojamento) do bairro analisado.

A vida em zonas de habitação social constitui um elemento aglutinador das duas variáveis, por um lado, pois com o aumento do número de habitantes de bairros de habitação pública insatisfeitos surgiu o interesse pelo estudo da *Satisfação Residencial* (Francescato, 2002) e, por outro, estes bairros, frequentemente associados a problemáticas sociais graves, como a delinquência, vandalismo e isolamento, são considerados inseguros ao nível societal.

Estudos realizados em contextos de habitação pública revelam que a Satisfação Residencial e medo do crime podem ter origem directamente nas características objectivas dessas áreas residenciais (McAndrew, 1993; cit. por Amérigo, 2002), na medida em que os bairros de habitação pública possuem características particulares que devem ser consideradas.

Primeiramente, a percepção dos residentes sobre o espaço residencial é influenciada, entre outras variáveis, pelo seu estatuto social (Carp, Zawadski & Shokrkon, 1976; Lansing & Marans, 1969; Yancey, 1971; cit. por Amérigo, 2002). Acontece que, em habitações públicas, regra geral, o estatuto social da comunidade a realojar e do arquitecto projectista não

coincidem, pelo que as construções não respeitam, muitas vezes, as percepções (de insegurança e segurança) dos futuros residentes.

Por outro lado, a modificação das condições residenciais, característica dos processos de realojamento, resulta na melhoria das condições habitacionais dos indivíduos, mas interrompe a vinculação deles àquele ambiente sócio-físico (Gans, 1962; cit. por Almeida & Castro, 2002). Este fenómeno, aliado à tipologia de construção por excelência, “edifícios em altura” sem espaços semipúblicos de convívio, conduz muitas vezes ao isolamento social e falta de controlo, tornando-o um local potencialmente perigoso, vulnerável a incivildades (Dirk, Pinto & Azevedo, 2004).

Aspectos sociais como a coesão social, uma ampla rede social no bairro e interacção com vizinhos, na base da *Satisfação* dos moradores com o seu ambiente *Residencial*, estão inversamente associados ao medo do crime e perigo (Amérigo, 2002), logo, poderão estar igualmente associados à *Insegurança Percebida*.

Com o processo de realojamento, a quebra das anteriores redes de vizinhança (Cardoso & Perista, 1994), aliada ao facto da inexistência de locais de convívio que promovam a interacção entre vizinhos, na maioria destes bairros, a Satisfação Residencial dos seus moradores poderá não ser elevada se o processo de realojamento for recente, por não existir ainda um forte sentido de comunidade (Almeida & Castro, 2002), o que afecta igualmente a segurança percebida por eles (Amérigo, 2002).

Em suma, considerando que a segurança percebida está na base da análise que os indivíduos fazem do seu bairro e, em geral, ambiente residencial (Amérigo, 1995; cit. por Amérigo, 2002), prevê-se que a Insegurança Percebida esteja na base da avaliação do ambiente residencial, influenciando o grau de satisfação dos moradores com a vida nesse espaço.

Apresentados os conceitos pertinentes para este estudo, proceder-se-á à explicação do âmbito da presente investigação, e ao estudo da relação entre a *Insegurança Percebida* e *Satisfação Residencial* em moradores de um bairro da cidade de Lisboa.

II. Metodologia

2.1. Âmbito e Pertinência da Investigação

A presente investigação visa contribuir para o estudo de fenómenos psicológicos associados à vivência em contextos urbanos no âmbito da relação pessoa-ambiente e, sobretudo, auxiliar a prática de intervenção comunitária num território específico. Surge da necessidade de entender a *insegurança percebida* e *satisfação residencial* dos moradores de um bairro de Lisboa, a Alta de Lisboa, onde a criminalidade, sentimento de insegurança e insatisfação com o bairro têm aumentado nos últimos anos (CEDRU, 2009; Calado e Pestana, 2009).

No âmbito da implementação do novo programa de policiamento da Polícia Municipal de Lisboa, Policiamento Comunitário, que coincidiu com a realização do presente estudo e em que a investigadora participou, o que contribuiu substancial e definitivamente como motivação para este estudo, foi elaborada uma análise da situação no bairro sobre a qualidade de vida dos seus habitantes. Foi realizado o diagnóstico sobre a insegurança de quem convive diariamente com o bairro, num *focus group* que juntou trinta e três moradores e membros de associações, instituições e grupos locais, o qual realçou as principais necessidades e acções de promoção da segurança no território.

Face à crescente preocupação da população local com a insegurança no território, e vontade de entidades locais em contribuir para a satisfação e bem-estar da mesma, o presente estudo pretende clarificar os dois fenómenos, identificando as características associadas à *insegurança percebida* e *satisfação residencial* naquela população, entendendo a sua relação.

2.2. Questão de Partida e Questões de Investigação

A presente investigação pretende verificar se a *insegurança percebida* de residentes de uma zona residencial urbana estará relacionada com a sua *satisfação residencial*, isto é, com a satisfação com o seu bairro e a vida nele. Assim, impõe-se a questão inicial: *Existe relação entre a insegurança percebida dos moradores de um bairro urbano e a sua satisfação residencial?*

Pretende-se dar resposta às seguintes questões de investigação: QI 1. Haverá relação significativa entre a qualidade residencial percebida (*Satisfação Residencial*) dos residentes do bairro e a sua *Insegurança Percebida*? QI 2. Quais os principais indicadores sócio-demográficos da *Satisfação Residencial*? QI 3. Quais os principais indicadores sócio-

demográficos da *Insegurança Percebida*? QI 4: Haverá indicadores sócio-demográficos comuns de *Satisfação Residencial* e *Insegurança Percebida*?

2.3. Objectivos de Investigação

Objectivos Gerais

Este estudo procura analisar a possível relação existente entre a *insegurança percebida* e *satisfação residencial* dos moradores de um bairro urbano. Pretende-se, assim, analisar a percepção dos moradores sobre esse bairro relativamente à segurança que lhes transmite, e avaliar o grau de satisfação com a área residencial.

Objectivos Específicos

A partir do objectivo geral anteriormente exposto, delimitaram-se objectivos mais específicos para guiar esta investigação, enumerados em seguida.

- i. Identificar as características do macroambiente (bairro), na base da *satisfação residencial* dos moradores, relacionadas significativamente com a *insegurança percebida*.
- ii. Identificar as características sócio-demográficas relacionadas com a *insegurança percebida*;
- iii. Identificar as características sócio-demográficas passíveis de influenciar a *satisfação residencial* dos moradores;
- iv. Identificar características sócio-demográficas relacionadas significativamente com ambas, a *insegurança percebida* e a *satisfação residencial*;

2.4. Selecção da Amostra

De forma a alcançar os objectivos propostos, dando resposta às questões formuladas, foi seleccionada uma amostra de conveniência de residentes de um bairro da periferia da cidade de Lisboa, o bairro da Alta de Lisboa.

A escolha desta população resultou do facto da investigadora ter realizado um estágio no território, permitindo a recolha de um maior número de questionários passíveis de ser avaliados. Também relevante para o presente estudo foi a heterogeneidade do bairro, que abriga pessoas de diferentes culturas, religiões e etnias que ali compraram casa (“moradores de venda livre”), ou para lá foram transferidas em processos de realojamento, e que poderá ter implicações na *insegurança percebida* e *satisfação residencial* dos moradores.

Considerando a metodologia utilizada, direccionada sobretudo para adultos, e respeitando certos princípios éticos, determinou-se a participação exclusiva de indivíduos com idade igual ou superior a dezoito anos, que habitam no bairro há pelo menos um ano. O último critério foi estipulado por se considerar doze meses um período mínimo de estabilidade residencial necessária para obter resultados mais conclusivos, nomeadamente no que concerne à *satisfação residencial*. Apesar de não ser um critério de selecção por excelência pretendeu-se ainda obter uma amostra com igual número de participantes “de venda livre” e realojamento, de forma a aumentar a sua representatividade.

Anteriormente à aplicação dos instrumentos de investigação foi explicado a cada participante o âmbito do estudo, oralmente e por escrito (ver Apêndice I), e pedido o consentimento para a sua participação (ver Apêndice II). Em seguida, os indivíduos responderam a um grupo de questões referentes aos seus dados pessoais e ao conjunto de escalas de avaliação das variáveis em estudo. Estes instrumentos, bem como a sua aplicação, serão melhor explicados no ponto 2.6. Dado o baixo nível de escolaridade e literacia de grande parte dos participantes o esclarecimento geral do estudo e de questões específicas dos instrumentos utilizados foi feito oralmente.

A aplicação dos instrumentos foi realizada de duas formas, impressa e *online*.

2.5. Caracterização da Amostra

O presente estudo contou com a participação de um total de 52 moradores da Alta de Lisboa, com idades compreendidas entre os 18 e os 78 anos ($M= 37.38$ e $DP= 17.092$), 53.8% do sexo feminino ($N=28$) e os restantes 46.2% ($N=24$) do sexo masculino. Os indivíduos são maioritariamente de nacionalidade portuguesa, 73.1% ($N=38$), estando também representados indivíduos de nacionalidade caboverdiana, 15.4% ($N=8$), quatro indivíduos angolanos (7.7%) e dois brasileiros (3.8%).

Em relação à naturalidade dos participantes, dos de origem portuguesa a maioria é proveniente das regiões centro e sul (69.1%, $N=36$) de Portugal Continental em comparação com a região norte (5.7%, $N=3$). Os participantes de origem na região norte são provenientes de Mondim de Basto, Lamego e Murça. Os da região centro-sul provêm maioritariamente de Lisboa (57.7%), embora se identifique um indivíduo de cada uma das cidades de Abrantes, Cascais, Entroncamento, Guarda, Mértola e Reguengos de Monsaraz. Por outro lado, 21% ($N=11$) dos respondentes é de origem africana, proveniente dos PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa), nomeadamente de Angola, Luanda (7.7%, $N=4$), de Moçambique, Maputo (1.9%, $N=1$), de Cabo Verde, Ilha de Santiago (5.7%, $N=3$) e Ilha de

Brava (3.8%, N=2) e de São Tomé e Príncipe, São Tomé (1.9%, N=1). Os dois restantes (3.8%) são originários de Goiania, no Brasil.

Relativamente ao estado civil dos participantes, na sua maioria são solteiros (57.7%, N=30), seguindo-se os casados (21.2%, N=11) e os que vivem em união de facto (9.6%, N=5). Os restantes, divorciados e viúvos, representam 11.6% da amostra total (5.8%, N=3 cada).

O nível de escolaridade dos participantes é variável. Não completaram o 9º ano 42.2% (N=22). A maioria completou um nível mais elevado de ensino. Desde o 9º ano ou equivalente (17.3%, N=9), 12º ou equivalente (15.4%, N=8), um quarto do total de respondentes completou o ensino superior, mestrado ou doutoramento (25%, N=13).

Em relação à composição familiar verifica-se uma média de três elementos por agregado familiar (M=3.54, DP=1.925) numa amplitude de um a dez elementos.

No que concerne à situação laboral dos indivíduos, apenas 42.2% (N=23) se encontra empregada ou activa, por oposição a 34.6% (N=18) desempregada. Os restantes 21.2% englobam os reformados ou aposentados e os estudantes, representando estes respectivamente 15.4% (N=8) e 5.8% (N=3) da amostra.

Relativamente à actividade laboral verificam-se extremos na amostra. A percentagem de indivíduos que ocupa cargos superiores (grupo 1)⁴ e profissões intelectuais e científicas (grupo 2; 30.3%), é quase tão elevada quanto a de trabalhadores não qualificados (39.4%), como se pode verificar no Quadro 1. Nem todos os 52 participantes identificaram a sua profissão, por se encontrarem em situação de desemprego, de reforma, ou serem estudantes e nunca terem tido um emprego. Dos que o fizeram, 24.3% (N=9) afirmam que a sua área de residência, bairro ou comunidade é também a sua área de trabalho. A grande maioria dos respondentes (75.7%, N=28) revelaram trabalhar em zonas exteriores à área de residência.

No que respeita ao tipo de alojamento dos participantes, os residentes em habitações de venda livre estão representados em apenas 28.8% (N=15), face a um elevado número de residentes de habitações de realojamento (71.2%, N=37).

Em relação ao local de habitação anterior, a maioria revelou ser proveniente de antigos bairros (“abarracados”) naquela zona (63.4 %, N=33), sobretudo do bairro da Quinta Grande (23.1%, N=12) em comparação com o bairro da Cruz Vermelha (11.5%), Musgueira Sul (11.5%) e Musgueira Norte (17.3%). Tal resulta do facto de a maioria dos participantes, como já referido, habitar em alojamentos cedidos em processos de realojamento. Grande parte dos

⁴ Definido de acordo com a Classificação Nacional de Profissões (CNP) do Instituto do Emprego e Formação Profissional (<http://www.iefp.pt/formacao/CNP/Paginas/CNP.aspx>; acedido em 10 de Dezembro de 2010).

Grupos Profissionais	Freq.	%
Grupo 1 (Quadros Superiores de Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresas).	3	9.1
Grupo 2 (Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas).	7	21.2
Grupo 3 (Técnicos e Profissionais de Nível Intermédio).	2	6.1
Grupo 4 (Pessoal Administrativo e Similares).	3	9.1
Grupo 5 (Pessoal dos Serviços e Vendedores).	4	12.1
Grupo 6 (Agricultores e Trabalhadores Qualificados da Agricultura e Pesca).	0	0
Grupo 7 (Operários, Artífices e Trabalhadores Similares).	0	0
Grupo 8 (Operadores de Instalações e Máquinas e Trabalhadores de Montagem).	1	3.0
Grupo 9 (Trabalhadores Não Qualificados).	13	39.4
Total	33	100

Quadro 1. Distribuição da Amostra por Grupos profissionais

restantes provêm de outras zonas de Lisboa (19.2%, N=10), ou mesmo de locais exteriores à cidade (17.3%, N=9).

Quanto aos dados relativos ao local de habitação actual, identificou-se um maior número de respondentes das zonas 1 (13.7%, N=7) e 6 (15.6%, N=8) do Plano Especial de Realojamento (PER) face às restantes referidas (PERs: 2, 3.9%; 3, 11.8%; 5, 2.0%; 7, 7.8%; 8, 3.9%; 10, 3.9%; 11, 2.0%; 12, 7.8%). Não foi, portanto, obtida a participação de moradores das zonas 4, 9 e 13, o que reduz a representatividade da amostra (ver Anexo V).

Os moradores de “venda livre” que participaram, por outro lado, habitam maioritariamente no condomínio Jardins de S. Bartolomeu (11.8%, N=6), seguindo-se o Condomínio do Parque (5.9%), Condomínio da Torre (2.0%), Colina de S. Gonçalo (2.0%), Colina de S. João de Brito (3.9%) e Edifício Dolce Vita (2.0%). Dada a reduzida amostra, não estão representados neste estudo os restantes condomínios do território (ver Anexo V).

Identificou-se a média de oito anos e meio ($M=8.64$; $DP=5.050$) de residência na nova habitação ou na zona de residência, que variou entre um e trinta e um anos. Apesar de um tão elevado número de anos não ser expectável, sendo a Alta de Lisboa um bairro mais recente (com a maioria dos realojamentos decorridos entre 2000 e 2001), reflecte uma excepção que poderá igualmente explicar os dois valores *missing* obtidos. Existe no território um antigo bairro, Pedro Queirós Pereira, o qual apesar de ter abrigado indivíduos realojados não é considerado zona PER por não ter sido alvo deste plano mas de projectos anteriores. Como

tal, apesar de considerada neste estudo como parte integrante do PER 3 (ver Anexo V), a maioria dos seus moradores habitam ali há mais de dez ou quinze anos, o que explica a situação verificada.

Em relação ao tempo de residência anterior, no caso de residentes em habitações de realojamento, este varia entre zero (para quem não viveu a experiência de realojamento) a quarenta anos, numa média de onze anos e meio ($M=11.8$, $DP=12.717$).

No que respeita à religião dos participantes, 69.2% indicou ter religião católica, 19.2% não possui religião, e os 11.5% restantes contemplam a religião islâmica, protestante e outras (não especificadas). No entanto, a maioria revelou não ser praticante da sua religião, 65.4% ($N=34$), face a 34.6% ($N=18$) que se identificaram como tal.

Por fim, relativamente ao envolvimento em actividades na comunidade, em média os sujeitos participam em uma actividade, numa amplitude de zero a cinco, e na sua maioria relevam não participar em nenhuma (38.5%, $N=20$). As actividades em que se envolvem maioritariamente são o voluntariado (36.5%) e actividades culturais e desportivas (26.9%).

2.6. Instrumentos Utilizados

De forma a estudar a *Insegurança Percebida* e *Satisfação Residencial* dos moradores do bairro (ou zona residencial) da Alta de Lisboa, foram utilizadas duas escalas de auto-relato. Por um lado, a *Escala de Insegurança Percebida* (EIP; ver Anexo III), construída com base no *Questionário de Mapas Cognitivos de Segurança e Insegurança* (Sautkina, 2007) e por outro a *Escala Breve da Qualidade do Ambiente Residencial Percebida* (QARP; ver Anexo IV), versão portuguesa da escala italiana *Abbreviated Perceived Residential Environment Quality* - PREQ (Fornara, Bonaiuto e Bonnes, 2009), traduzida e validada para a população portuguesa por Bettencourt (*no prelo*), em colaboração com a autora deste estudo. A escolha de tais instrumentos resultou não apenas do facto de a sua fundamentação teórica ser extremamente rica mas, sobretudo, por apresentarem bons índices psicométricos e, no caso da QARP, estar validada para a população portuguesa.

Foi igualmente aplicado um questionário sobre os dados sócio-demográficos dos participantes (ver Anexo II), o qual permitiu caracterizar a amostra em estudo. Em conjunto, os três instrumentos foram aplicados pela ordem em que são apresentados em seguida.

a) Questionário Sócio-demográfico

Recorreu-se ao presente questionário para caracterizar a amostra em estudo e realizar correlações entre variáveis sócio-demográficas e as variáveis em estudo (*insegurança percebida e satisfação residencial*).

O presente questionário resultou da adaptação do questionário sócio-demográfico elaborado por Marante (2010)⁵. As alterações introduzidas foram realizadas com o intuito de facilitar a compreensão e preenchimento pelos participantes, e direccioná-lo segundo os objectivos e pressupostos da investigação, adaptando-o às especificidades da população em causa.

Em relação ao de Marante (2010), foram incluídas questões relativas à situação residencial dos moradores, nomeadamente, o tipo de habitação, local da habitação anterior e actual, e tempo de habitação na residência actual e anterior, perfazendo um total de catorze questões. O questionário inclui igualmente uma questão relativa à profissão dos participantes, a qual não inclui exemplos concretos dos grupos profissionais, o que poderia originar ausências de resposta à mesma (N=19).

b) Escala Breve da Qualidade do Ambiente Residencial Percebida (QARP)

No presente estudo a *Satisfação Residencial* dos moradores da Alta de Lisboa foi medida através da *Escala Breve da Qualidade do Ambiente Residencial Percebida* (QARP). Esta foi traduzida e adaptada para a população portuguesa por Bettencourt (*no prelo*), versão portuguesa da escala italiana *Abbreviated Perceived Residential Environment Quality* (PREQ), criada e desenvolvida por Fornara, Bonaiuto e Bonnes (2009).

Criada em 1997 e aperfeiçoada em 1999 por Bonnes, Bonaiuto, Aiello, Perugini e Ercolani, a escala contava com 362 itens, sendo mais tarde adaptada por Bonaiuto, Fornara e Bonnes (2003; 2006) reduzindo o número para 141, tornando-se num instrumento mais consistente e seguro. Em 2009, Fornara, Bonaiuto e Bonnes redimensionaram novamente a escala original, construindo uma nova escala, breve, do instrumento. A escala breve PREQ foi validada para a população italiana, contando com a participação de 1488 pessoas residentes em vários bairros (centrais e periféricos) de onze cidades do país (Agrigento, Bologna, Cesena, Firenze, Grosseto, L'Aquila, Latina, Matera, Palermo, Pescara e Salerno), de pequena e média dimensão (com cerca de 50.000 a 400.000 habitantes).

A escala conta com 62 itens agrupados em quatro macrodimensões de avaliação da qualidade residencial consideradas na versão anterior do instrumento: a) características

⁵ Para consulta do questionário ver Marante (2010) *A Reconstrução do Sentido de Comunidade: Implicações Teórico-metodológicas no Trabalho sobre a Experiência de Sentido de Comunidade*. Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa

arquitectónico-urbanas; b) características sócio-relacionais; c) características funcionais; e d) características contextuais. Estas macrodimensões correspondem a quatro escalas diferentes, independentes entre si (pois não existe um valor total da escala); ou seja, é semelhante a uma bateria de escalas. Em cada escala ou macrodimensão agrupam-se entre uma a quatro subescalas as quais, por sua vez, incluem entre um a três factores que reportam, cada um, a três ou quatro itens (ver Anexo VI). De entre os itens que constituem a escala breve PREQ alguns estão formulados de modo a reflectir uma qualidade do ambiente percebida (i.e. são conotados positivamente) enquanto outros, pelo contrário, expressam a falta dela (i.e. conotados negativamente). Os últimos são considerados itens invertidos e prefazem um total de vinte e sete (itens 1, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 15, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 28, 32, 33, 34, 38, 40, 44, 47, 51, 54, 58, 62). De forma a assinalar as respostas a escala PREQ apresentava uma escala de resposta de tipo Lickert, numerada de um (1= Discordo Totalmente) a sete (7= Concordo Totalmente).

A escala breve PREQ foi recentemente adaptada e validada para a população portuguesa. O processo decorreu em várias fases, seguindo o método de tradução e retroversão sugerido por Hill e Hill (2005), passando pelo seu pré-teste, até à aplicação, e consequente validação por Bettencourt (*no prelo*). A tradução de italiano para português foi realizada por uma pessoa de nacionalidade portuguesa fluente em italiano, e a retroversão (i.e. “re-traduzir” do português para italiano) elaborada por outra de nacionalidade italiana, residente em Portugal há mais de três décadas, a qual não teve acesso à escala original. De forma a garantir uma tradução mais fidedigna a verificação e eliminação de discrepâncias entre tradução e retroversão foi realizada em conjunto com um professor de nacionalidade italiana do Centro Italiano de Cultura de Lisboa, definindo a versão final da escala portuguesa. Após realizado o pré-teste desta versão a oito pessoas, no presente estudo e em colaboração com Bettencourt (*no prelo*), a escala breve QARP foi aplicada a uma amostra de 155 pessoas, moradores de bairros de cidades portuguesas de norte a sul de Portugal Continental e arquipélagos da Madeira e Açores (ver Bettencourt, *no prelo*)⁶.

A escala breve QARP mantém os 62 itens da escala italiana. Contrariamente à versão original, todos os itens têm conotação positiva (e.g. item 3 - *Neste bairro existe pouco espaço entre uma construção e outra*; item 14 - *Este é um bairro bem ligado a partes importantes da cidade*) e a escala de resposta (tipo Lickert) apresentada abrange respostas de um (1= Discordo Totalmente) a cinco (5= Concordo Totalmente). O uso de uma escala de resposta

⁶ Bettencourt (*no prelo*) *Experiências Comunitárias e Familiares no Contexto Urbano: Relação entre Satisfação Residencial e Rituais Familiares e Culturais*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa

mais restrita face à da versão original prendeu-se com a necessidade de combater a probabilidade do uso de respostas extremas e a tendência de resposta central.

c) Escala de Insegurança Percebida

A *Insegurança Percebida* foi medida através da *Escala de Insegurança Percebida* (EIP), criada a partir do *Questionário de Mapas Cognitivos de Segurança e Insegurança* (Sautkina, 2007).

O *Questionário de Mapas Cognitivos de Segurança e Insegurança* foi elaborado por Sautkina (2007) num estudo sobre as representações ambientais de segurança e insegurança face ao crime de moradores da cidade de Lisboa. Este questionário estruturado é composto por um total de 82 questões, distribuídas por cinco secções, correspondendo a primeira ao *local de residência* (I), as três seguintes à identificação e avaliação de, *locais de perigo* (II), *locais menos seguros* (III) e *locais seguros* (IV) e, por fim, a quinta a *dados pessoais* (V).

Cada uma das secções II, III e IV é constituída por seis categorias (grupos de questões): A) *Identificação de locais representativos de perigo/relativa segurança/segurança* (um item); B) *Factores do sentimento de segurança – familiaridade com o local, características ambientais (físicas e sociais) de controlo e percepção do local* (oito itens, B1-B8); C) *Experiência de vitimação pessoal e secundária* (quatro itens, C1-C4); D) *Combinação de factores de sentimento de segurança - altura do dia (noite/dia) e companhia (sózinho/acompanhado) no local* (quatro itens, D1-D4); E) *Tipo de crime associado ao local* (cinco itens, E1-E5); e F) *Comportamentos de protecção* (três itens, F1-F3).

Cada secção inclui vinte e cinco questões, quatro de resposta aberta e os restantes itens avaliados em escalas tipo Lickert de amplitude variável, desde um (1=Sim) a dois (2=Não) ou um (1= Nada/Nunca/Não provável) a cinco (5= Muito/Muito provável). Escritos de igual forma, os itens das categorias B, C e D só diferem nos conceitos usados (e.g. II- percepção de perigo/perigoso; III- percepção de insegurança/inseguro; IV- percepção de segurança/seguro).

A *Escala de Insegurança Percebida* (EIP), por nós utilizada, foi criada adaptando apenas uma secção do questionário, a secção III (*Locais menos seguros*), por nesta se analisar somente a percepção dos indivíduos em termos de *insegurança*, recorrendo a termos como *inseguro* e *percepção de insegurança*. Ao contrário da versão original, na EIP não são apresentados os itens das categorias A (*Identificação do local*) e F (*Comportamentos de protecção em relação ao local*), pois, sendo a escala dirigida a contextos específicos (bairros urbanos como a Alta de Lisboa) tais questões revelar-se-iam desapropriadas.

Mantendo praticamente todos os itens das categorias B, C, D e E, na construção da escala EIP excluíram-se os de resposta aberta, obtendo um instrumento exclusivamente quantitativo. A escala ficou reduzida a 18 itens, todos conotados positivamente. Dos oito itens da categoria B apenas se mantiveram seis, e os quatro itens de cada categoria C, D e E permaneceram, inalterados, excepto dois. De facto, apenas os dois últimos itens da categoria C foram totalmente alterados visando a uniformização da escala EIP, já que na versão original constituíam itens de resposta sim/não, e os restantes itens da EIP eram avaliados de um a cinco. Por outro lado, as modificações feitas aos itens de B visaram somente clarificar o contexto de aplicação da escala (e.g. item 1 - *Uma eventual deterioração, graffiti e/ou lixo contribuem para a sua percepção de insegurança na Alta de Lisboa?*; item 2 - *A qualidade de iluminação contribui para a sua percepção de insegurança neste local?*).

2.7. Procedimento de Recolha da Amostra

Selecionada a amostra e os instrumentos a aplicar, foi realizado um pré-teste a cinco membros do bairro para verificar se os itens de cada instrumento eram claros e perceptíveis para todas as pessoas, sobretudo as de zonas no bairro onde o nível de iliteracia é elevado. Feitas pequenas alterações em alguns itens por sugestão dos sujeitos, realizou-se um segundo pré-teste que deu origem à versão final aplicada aos participantes (ver Anexos II, III e IV).

Em cada aplicação desta última versão os participantes foram informados sobre o âmbito do estudo, recebendo o esclarecimento do mesmo, por escrito, e assinaram um termo de consentimento informado, autorizando o uso dos dados fornecidos, e garantindo a sua voluntariedade e anonimato. Em seguida, preencheram o questionário sócio-demográfico e as escalas de avaliação das variáveis em estudo, a *Escala Breve de Qualidade do Ambiente Residencial Percebida (QARP)* e a *Escala de Insegurança Percebida (EIP)*.

Inicialmente estipulou-se a aplicação exclusiva dos questionários em formato impresso, presencialmente (i.e. pela investigadora, no território). A sua aplicação decorreu nos meses de Janeiro e Fevereiro de 2011, com o auxílio de membros da comunidade na mobilização de participantes em locais públicos da Alta de Lisboa, em actividades comunitárias promovidas no território e junto de associações locais. Durante este período foram igualmente entregues envelopes com os documentos necessários à participação no estudo a moradores que não os puderam completar no momento. Participaram, nesta fase, trinta e nove pessoas, quase exclusivamente residentes em zonas de realojamento.

Considerando o breve prazo para a aplicação dos questionários, dada a necessidade da investigadora em ausentar-se por motivos académicos, optou-se por extendê-la via *online*.

Seleccionados moradores que não haviam participado do estudo, a partir da base de dados e rede de contactos da equipa do K'CIDADE (Programa de Desenvolvimento Comunitário Urbano) da Alta de Lisboa, a sua participação foi solicitada via e-mail, pelos técnicos do programa. Foi também elaborado um *flyer* de divulgação do estudo (ver Apêndice III), distribuído no território, e publicada uma notícia em blogs e sites de associações e grupos locais (e.g. Grupo Comunitário da Alta de Lisboa), considerando que o método *online* facilitaria a divulgação do estudo (Kraut, Olson, Banaji, Bruckman, Cohen e Couper, 2003).

Os participantes acederam ao questionário através de um link (<http://www.questionario.totalh.com>) onde, aceites os termos de participação, puderam preencher os instrumentos referidos, apresentados pela mesma ordem que em papel. Em ambas as tipologias de aplicação (papel e *online*), os participantes tiveram à sua disposição duas tabelas (ver Anexo V) referentes à nomenclatura e localização exactas das áreas de realojamento e condomínios de venda livre da Alta de Lisboa, com o intuito de os auxiliar na resposta a questões específicas do estudo. Devido a questões técnicas, a recolha de dados via *online* decorreu nos meses de Abril e Maio, e ao contrário das expectativas participaram apenas treze pessoas, quase todas a residir em apartamentos de venda livre.

Após recolhida a amostra, os dados obtidos foram analisados com o programa SPSS (Statistical Packages for the Social Sciences) versão 18.0 para Windows.

Descrito o processo de recolha e análise dos dados de estudo, importa abordar a questão controversa no cerne da comunidade científica, da aplicação de questionários *online*, inclusive como metodologia complementar à tradicional, isto é, a sua aplicação em papel, por se ter recorrido a ambos os métodos para essa recolha.

2.7.1. Vantagens e Desvantagens da metodologia *online*. Aplicação de instrumentos de investigação via *online* e em formato impresso.

A investigação psicológica teve um crescimento exponencial com a evolução da tecnologia e o aparecimento da internet. Nos últimos anos, aumentou o número de estudos psicológicos desenvolvidos com recurso à metodologia *online*, isto é, cuja recolha de dados é feita aplicando instrumentos através da internet (e.g. questionários, testes).

Paralelamente, surgiram estudos controversos sobre a fidedignidade e comparabilidade dos resultados *online*, relativamente à metodologia tradicional (i.e. aplicações em papel; Fouladi et al., 2002; Miller et al., 2002; cit. por Lonsdale, Hodge e Rose, 2006). De facto, é

frequentemente evidenciada a probabilidade de maior número de repetições (Gosling, Vazire, Srivastava e John, 2004) e desistências (Kraut et. al, 2003) em aplicações *online*.

No entanto, neste estudo optámos por esse método, para além do formato em papel, devido aos seus diversos benefícios, salientados na literatura (Gosling et. al, 2004; Kraut, et. al, 2003; Lonsdale, Hodge e Rose, 2006; Dolnicar, Laesser e Matus, 2009). No método *online* é possível, em confronto com o tradicional, envolver participantes mais facilmente, por garantir maior anonimato e confidencialidade (Kraut et. al, 2003) e diminuir a pressão social (Sproull e Kiesler, 1991; cit. por Kraut et. al, 2003), alcançando amostras superiores e mais representativas da população em estudo (Gosling, 2004). É ainda possível combater a existência de participações repetidas, fruto do anonimato gerado (Kraut, et. al, 2003; Gosling, 2004), e para tal registámos o endereço I.P. de cada participante, eliminando os sujeitos repetidos, como sugerem Kraut e colaboradores (2003) e Gosling e colaboradores (2004).

Por outro lado, a aplicação de questionários *online* permite obter resultados de forma mais veloz, e maior número de questionários efectivamente completos (Lonsdale, Hodge e Rose, 2006). Para evitar respostas em branco pré-definimos a obrigatoriedade de resposta em todas as questões. Considerando, por fim, o formato simples e os reduzidos custos de selecção de sujeitos e recolha de dados face aos restantes métodos (Kraut, et. al, 2003; Gosling et. al, 2004), não sendo necessário inserir os dados em computador visto os servidores (*online*) fornecerem já bases de dados, o processo de recolha e análise foi facilitado por esta via.

A falta de consenso gerada na discussão sobre a aplicação de instrumentos de investigação, nomeadamente questionários, *online* vs. papel pode dever-se ao facto dos estudos comparativos recorrerem sobretudo a procedimentos de avaliação *ad-hoc*, descritivos, que não permitem retirar conclusões fortes (Ferrando e Lorenzo-Seva, 2005; cit. por Lonsdale, Hodge e Rose, 2006) sobre a melhor metodologia a aplicar.

Como tal, optámos por uma aplicação mista (*online* e em papel) das escalas, por investigações revelarem semelhanças entre os resultados de questionários *online* e os mesmos aplicados em papel (Buchanan e Smith, 1999; cit. por Lonsdale, Hodge e Rose, 2006). Aplicações mistas são benéficas, sobretudo, para obtenção de amostras de segmentos específicos da população (Dolnicar, Laesser e Matus, 2009), como no presente caso. Possibilitam a recolha fácil e eficaz de dados de populações urbanas jovens (como neste estudo) por uma via, ao acederem facilmente e revelarem preferência por questionários *online*, e de populações idosas (também aqui abordada) pela outra, ao continuarem a preferir responder a questionários por escrito, como a maioria das pessoas (Kraut, et. al, 2003).

III. Resultados

3.1 Estudo da *Escala de Qualidade do Ambiente Residencial Percebida* (QARP)

A escala QARP, como referido anteriormente, foi adaptada e validada para a população portuguesa num estudo recente (Bettencourt, *no prelo*).

A escala QARP, tal como a sua versão original (PREQ; Fornara et. al., 2009), não possui um valor total, consistindo num conjunto de quatro escalas (macrodimensões) independentes de avaliação da *Satisfação Residencial* (como uma bateria de escalas). São elas a) Características Arquitectónico-Urbanas, b) Características Sócio-relacionais, c) Características Funcionais e d) Características Contextuais.

Da análise factorial exploratória realizada a cada escala independente, com recurso ao método de extracção de componentes principais (ACP), foram identificados entre três a seis factores. Bettencourt (*no prelo*) identificou os seis factores pertencentes à macrodimensão *Características Arquitectónico-Urbanas* presentes na versão original (Fornara et. al, 2009): *Estética dos Edifícios*, *Densidade dos Edifícios*, *Dimensão dos Edifícios*, *Funcionalidade Interna*, *Ligações externas* e *Áreas Verdes*. Relativamente à macrodimensão *Características Sócio-relacionais* foram identificados três factores: *Segurança*, *Discrição* e *Sociabilidade*; na macrodimensão *Características Funcionais* foram encontrados seis factores: *Serviços Escolares*, *Serviços Sociais*, *Serviços Desportivos*, *Actividades Sócio-culturais*, *Serviços Comerciais*, e *Serviços de Transporte*; e por último, na macrodimensão *Características Contextuais* foram identificados os factores *Relaxante vs. Stressante*, *Estimulante vs. Aborrecido*, *Saúde Ambiental* e *Manutenção*.

No presente estudo determinaram-se as características psicométricas mais relevantes, com base nos objectivos propostos, e foram analisadas as correlações necessárias para responder às questões formuladas. Estas características foram determinadas com base nas quatro macrodimensões referidas. Porém, as correlações analisadas incluem igualmente os factores correspondentes a cada macrodimensão.

3.1.1 Características psicométricas da QARP

De seguida, apresentar-se-ão as características psicométricas determinadas na amostra em estudo.

a) Medidas de Tendência Central

Começou-se por calcular as médias, desvios padrão, máximos e mínimos das quatro macrodimensões da escala QARP. Os dados são apresentados no Quadro 2.

Macro-dimensões	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
1. <i>Características Arquitectónico-Urbanas</i>	3,42	,57	2,26	4,68
2. <i>Características Sócio-relacionais</i>	2,72	,54	1,89	3,89
3. <i>Características Funcionais</i>	2,94	,48	2,05	3,95
4. <i>Características Contextuais</i>	2,96	,54	1,71	4,07

Quadro 2. Médias, Desvios Padrão, Máximos e Mínimos das Macrodimensões da QARP

Verifica-se uma média de respostas mais elevada no factor *Características Arquitectónico-Urbanas* relativamente aos restantes, bem como ao nível do desvio padrão. Por outro lado, a dimensão *Características Sócio-relacionais* é a que apresenta a média de respostas mais reduzida. No entanto, as médias de todas aproximam-se do valor três, podendo admitir-se que a amostra em estudo apresenta níveis aceitáveis de *Satisfação Residencial*.

O desvio padrão mais baixo encontrado pertence à dimensão *Características Funcionais*. Os mínimo e máximo de cada macrodimensão encontram-se entre aproximadamente o valor dois, segundo valor mais baixo da escala de resposta, e cinco, o valor mais elevado desta.

b) Consistência Interna

Considerando o pressuposto de Gliem e Gliem (2003) de que quando se recorre a escalas de resposta tipo Lickert é indispensável calcular e relatar o coeficiente de confiança *alfa de Cronbach* de Consistência Interna, foram calculados e analisados os valores *alfa* das quatro macrodimensões ou “escalas” da escala QARP.

A partir dos valores das quatro macrodimensões avaliativas (Quadro 3.) verifica-se em geral uma consistência interna aceitável. Não faria sentido calcular o *alfa* para a escala total, por esta não possuir um valor total.

Os valores em todas as macrodimensões são elevados, com excepção da *Características Sócio-relacionais* ($\alpha=0.57$). O seu valor *alfa* é fraco, contudo, admissível para prosseguir a análise (Gleim & Gleim, 2003). Poderá este indicar que a variabilidade de respostas nesta macrodimensão resulta de dificuldades de interpretação dos itens que a constituem (Pestana & Gageiro, 2008). De facto, esta é a macrodimensão que apresenta menor número de itens (nove), o que influencia o “tamanho” de *alfa* (Gliem e Gliem, 2003) e, sendo eles

maioritariamente invertidos (sete em nove), a sua influência no valor *alfa* permite prever que a população em estudo tem dificuldade em interpretar estes itens formulados na negativa, o que foi comprovado por referência oral do orientador deste estudo. Tal pode igualmente dever-se ao facto dos participantes provirem, na sua maioria, de locais da Alta de Lisboa onde persistem baixos níveis de literacia.

Analisando os itens que integram esta macrodimensão verificou-se que o item 25 é o único que apresenta uma correlação inter-item corrigida extremamente baixa (-,114) e que aumenta o valor de *alfa* se retirado ($\alpha=0.65$). Contudo, optou-se pela sua permanência nesta macrodimensão, sobretudo pelo facto de no estudo de Bettencourt (*no prelo*) fazer parte dela.

No entanto, a reduzida heterogeneidade da amostra em estudo, comparativamente à de Bettencourt (*no prelo*), que verificou um valor *alfa* superior, ainda assim reduzido, nesta dimensão ($\alpha=0.68$), pode ser razão suficiente para explicar o valor.

No que concerne às restantes macrodimensões, a macrodimensão *Características Arquitectónico-urbanas*, é a que fornece o maior nível de consistência interna, com um valor ligeiramente superior (em 0.02) ao 0.82 revelado por Bettencourt (*no prelo*), fazendo prever que a variabilidade de respostas nesta “escala” se deve, sobretudo, à diversidade dos respondentes (Pestana & Gageiro, 2008). Por último, os valores *alfa* das macrodimensões *Características Funcionais* e *Características Contextuais* representam níveis aceitáveis de consistência interna ($\alpha>0.7$), no entanto, mais baixos relativamente aos verificados por Bettencourt (*no prelo*; $\alpha=0.89$ e $\alpha=0.79$, respectivamente).

Factores	Alfa de Cronbach (α)
1 - <i>Características Arquitectónico-urbanas</i>	0.84
2 - <i>Características Sócio-relacionais</i>	0.57
3 - <i>Características Funcionais</i>	0.77
4 - <i>Características Contextuais</i>	0.72

Quadro 3. Níveis de Consistência Interna das Macrodimensões da QARP

c) Teste à Normalidade

Averiguou-se a normalidade das quatro macrodimensões da QARP (ver Apêndice IV), de modo a prosseguir seguidamente à análise da relação destas com a escala EIP e variáveis sócio-demográficas, nos pontos 3.3 e 3.4 respectivamente.

Analisando os resultados do teste à normalidade de *Kolmogorov-Smirnov* (K-S) verifica-se que a única macrodimensão que apresenta distribuição não normal é a macrodimensão *Características Sócio-relacionais* ($n=52$, $k-s=,155$, $p=0,003$), indo de encontro aos resultados obtidos num estudo anterior ($p=0,008$; ver Bettencourt, *no prelo*). A macrodimensão

Características Contextuais apresenta uma distribuição que tende para a normal ($n=52$, $k-s=,118$, $p=0,069$), ainda que no limiar entre a normalidade e não normalidade, contrariamente ao verificado por Bettencourt (*no prelo*), onde esta apresenta distribuição não normal ($p=0,008$; ver Bettencourt, *no prelo*). Tal poder-se-á dever ao número reduzido da amostra em estudo, o qual deverá ser considerado numa leitura crítica dos resultados apresentados neste capítulo, bem como à maior heterogeneidade da amostra do estudo de Bettencourt (*no prelo*), que abrangeu toda a população portuguesa.

As macrodimensões *Características Arquitectónico-Urbanas* e *Características Funcionais* apresentam distribuição claramente normal ($n=52$, $k-s=,059$, $p=0,200$ e $n=52$, $k-s=,061$, $p=0,200$ respectivamente), sendo estes resultados coerentes relativamente aos apresentados por Bettencourt (*no prelo*).

3.2 Estudo da *Escala de Insegurança Percebida* (EIP)

3.2.1. Análise Factorial Exploratória

Realizou-se uma análise factorial exploratória recorrendo ao método de extracção das componentes principais (ACP). Este método consiste na transformação de um conjunto de variáveis quantitativas correlacionadas noutro com menor número de variáveis não correlacionadas, designadas componentes principais (Pestana & Gageiro, 2008). A realização de uma análise deste tipo deve respeitar princípios que garantam a sua validade, determinados nos testes de *Kaiser-Meyer-Olkin Measure of Sampling Adequacy* (KMO) e de esfericidade de Bartlett (Pestana & Gageiro, 2008). O valor obtido no teste KMO ($=0.707$) indica um nível aceitável de correlação entre os 18 itens da escala, e o facto de o teste de esfericidade de Bartlett ser significativo a 0.00 indica que existe correlação entre algumas variáveis, estando desse modo preenchidos os pré-requisitos necessários para prosseguir com a análise.

De entre os métodos existentes para seleccionar os factores a extrair, foram usados o *critério Kaiser*⁷ e o método *Scree test*. Através do primeiro foram extraídos seis factores, que explicam cerca de 76% da variância, com valores próprios superiores a 1.0 (Pestana & Gageiro, 2008). No entanto, da análise do *scree plot* (Gráfico 1.) extraíram-se apenas três factores, os pontos cuja união forma uma linha curva, até que esta começa a ficar horizontal.

Os três factores extraídos explicam aproximadamente 56% da variância cumulativa explicando o primeiro cerca de 33%, o segundo 14% e o terceiro 9% da variância.

Considerando esses valores, procedeu-se a uma análise factorial a três factores, utilizando o método de rotação ortogonal *Varimax*. Este é útil para compreender o significado dos

⁷ Deve ser usado para $K \leq 30$. São escolhidos os factores com variância explicada superior a 1 (i.e. com valores próprios >1 ; Pestana & Gageiro, 2008).

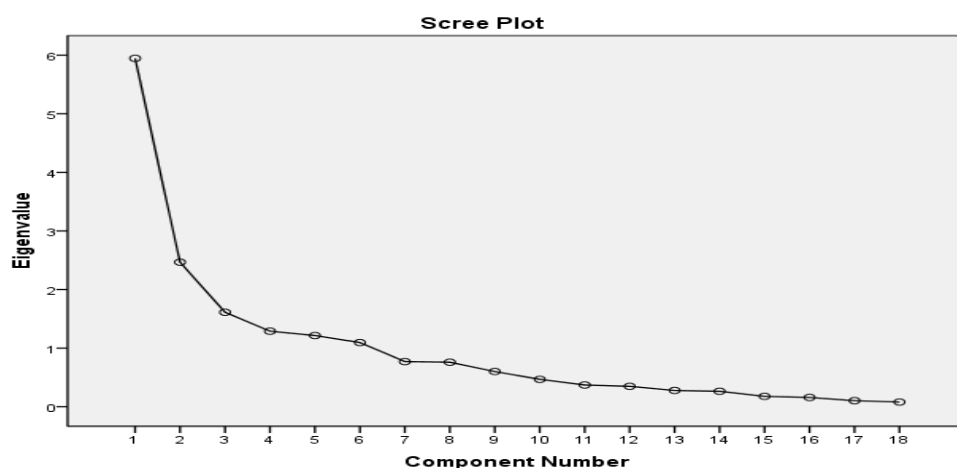


Gráfico 1. *Scree Plot* das Componentes Principais da EIP

factores, tornando-os mais interpretáveis, já que o seu objectivo é extremar os valores das saturações, tornando as elevadas ainda mais elevadas e as baixas mais baixas, associando-se cada variável a um só factor (Pestana & Gageiro, 2008). Neste caso, a solução convergiu em seis iterações, e as saturações dos itens em cada componente são apresentadas no Quadro 4.

A extracção dos itens a corresponder a cada factor respeitou o critério de peso factorial mínimo de 0.40, sendo que cada item deve pertencer ao factor no qual a sua saturação é maior. Assim, verifica-se pela análise do Quadro 4. que itens saturam cada um dos factores.

Itens	Componente		
	1	2	3
1	,597	,042	,142
2	,669	,018	,170
3	,751	,032	,280
4	,587	,337	-,301
5	,799	,234	-,233
6	,744	,187	,055
7	,099	,101	,712
8	,310	,081	,778
9	-,076	,223	,763
10	-,092	,546	,409
11	,038	,813	,081
12	,110	,825	-,008
13	,351	,508	,487
14	,515	,408	,351
15a	,240	,418	,176
15b	,225	,644	,337
15c	,327	,577	,308
15d	,041	,235	,570

Quadro 4. Matriz de Componentes da EIP Após Rotação *Varimax* dos valores com Normalização Kaiser

De todos os itens da escala, o 15a é o que apresenta a mais baixa saturação (0,418) face aos restantes, encontrando-se no limiar considerado (0,40) para integrar o factor dois. Por esse motivo, calculou-se o *alfa de Cronbach* se o item fosse retirado, de forma a averiguar se tal acção teria implicações significativas ao nível do *alfa* do factor e da escala total, isto é, da sua consistência interna. Em relação ao factor, o *alfa* aumentou mas não significativamente (apenas 0.05; $\alpha=0.87$) e relativamente à escala total, verificou-se mesmo uma descida do seu valor (em 0.04; $\alpha=0.83$), o que não justificou a retirada do item da escala.

De acordo com os resultados desta análise procedeu-se à composição dos factores através da determinação dos itens que as compõem, os quais foram já referidos.

Os itens 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 14 são os que apresentam maior saturação no primeiro factor, o qual possui valor próprio de 5.946. O cálculo da média destes itens deu origem ao factor que recebeu a designação de *Características Ambientais de Controlo Social*.

Relativamente ao segundo factor, cujo valor próprio é de 2.467, os itens que o saturam são o 10, 11, 12, 13, 15a, 15b e 15c, tendo sido designado por *Medo do Crime*.

O terceiro e último factor apresenta um valor próprio de 1.612. Os itens 7, 8, 9 e 15d são os que revelam maior saturação neste, factor que foi designado por *Representação do Local por Vitimação*.

As designações atribuídas a cada factor serão explicadas no capítulo IV.

3.2.2. Características Psicométricas da EIP

Determinados os factores da escala EIP, foram analisadas algumas características psicométricas da escala, essenciais para averiguar sobre as análises a realizar posteriormente. Estas características referem-se à escala EIP em geral e seus factores, em particular. Os resultados apresentados no presente capítulo devem, porém, ser encarados de forma crítica, na medida em que a amostra em estudo é, de facto, reduzida (N=52).

a) Medidas de Tendência Central

Averiguaram-se as médias e desvio padrão dos três factores da EIP e seu total, e determinados os seus máximos e mínimos, sendo os dados apresentados no Quadro 5.

Visualizando os dados constata-se que o factor *Representação do Local por Vitimação* é o que apresenta uma média mais baixa. Por outro lado, é possível concluir que se a média de respostas à totalidade da escala EIP é de aproximadamente 3,00, a população apresenta um nível razoável de *Insegurança Percebida*. Contudo, considerando a reduzida amostra em estudo, resultados como este devem ser analisados de forma crítica. Relativamente aos

Factores	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
1. <i>Características Ambientais de Controlo Social</i>	2,79	0,88	1,00	4,57
2. <i>Medo do Crime</i>	2,32	0,81	1,00	4,43
3. <i>Representação do Local por Vitimação</i>	2,26	0,90	1,00	4,75
Total EIP	2,50	0,68	1,22	4,17

Quadro 5. Médias, Desvios Padrão, Máximos e Mínimos dos Factores da EIP

desvios-padrão, o mais elevado corresponde ao factor *Representação do Local por Vitimação* e o mais baixo ao de *Medo do Crime*. Os mínimos apresentados correspondem ao valor mais baixo de resposta na escala Lickert, e os máximos aproximam-se, em geral, ao último nível de resposta (cinco).

b) Consistência Interna

Determinado o *alfa de Cronbach*, verificou-se uma muito boa consistência interna da escala na globalidade ($\alpha=.87$), isto é, a variabilidade de respostas encontrada dever-se-á sobretudo a diferenças entre os inquiridos, e não a dificuldades de interpretação (Pestana & Gageiro, 2008). Os valores *alfa* dos diferentes factores são apresentados no Quadro 6., todos entre aproximadamente 0.8 e 0.9, revelando uma muito boa consistência interna. O terceiro factor, *Conhecimento de Situações de Crime*, é o que apresenta o valor mais baixo, face aos restantes que apresentam aproximadamente o mesmo valor.

Factores	Alfa de Cronbach (α)
1 - <i>Características Ambientais de Controlo Social</i>	0.83
2 - <i>Medo do Crime</i>	0.82
3 - <i>Representação do Local por Vitimação</i>	0.76
EIP Total	0.87

Quadro 6. Níveis de Consistência Interna da escala EIP e seus factores

c) Teste à Normalidade

A distribuição normal constitui um pressuposto de utilização de muitos testes estatísticos e permite a aplicação de diversas estatísticas descritivas (Pestana & Gageiro, 2008).

Neste estudo foi analisada a normalidade da EIP e seus factores, de forma a estudar correctamente as correlações existentes entre as variáveis em estudo. Analisados os resultados do teste à normalidade de *Kolmogorov-Smirnov* (K-S), conclui-se que o primeiro

(*Características Ambientais de Controlo Social*) e terceiro (*Representação do Local por Vitimação*) factores da EIP apresentam distribuição normal ($n=52$, $k-s=,102$, $p=0,200$ e $n=52$, $k-s=,109$, $p=0,173$ respectivamente), bem como a escala EIP total ($n=52$, $k-s=,070$, $p=0,200$), sendo o segundo factor (*Medo do Crime*) o único com distribuição não normal ($n=52$, $k-s=,176$, $p=0,000$).

3.3 Relação entre *Insegurança Percebida* e *Satisfação Residencial*

O principal objectivo da presente investigação é averiguar a relação existente entre a *Insegurança Percebida* e a *Satisfação Residencial*. De forma a responder à primeira questão de investigação formulada (QI 1.), foram realizadas correlações de *Pearson* e *Spearman* (conforme a distribuição dos factores ser normal ou não, referida anteriormente com base no teste K-S) entre as macrodimensões ou “escalas” da QARP e o total da EIP. Dada a distribuição não normal da macrodimensão *Características Sócio-relacionais* e do factor *Medo do Crime*, nas análises relativas a estes foi calculado o coeficiente de correlação de *Spearman*, enquanto para as restantes macrodimensões e factores foi calculado o coeficiente de correlação de *Pearson*, por apresentarem distribuição normal.

Analisando os dados resultantes (Quadro 7.) verifica-se que apenas duas macrodimensões da escala QARP se encontram significativamente correlacionadas, de forma negativa, com a EIP total. São elas a *Características Sócio-relacionais* e a *Características Contextuais*, apresentando a primeira uma correlação mais elevada ($n=52$, $r=-,372$), a um nível de significância de $p<0.01$, em relação à segunda ($n=52$, $r=-,342$, $p<.05$). Significa, deste modo, que para valores elevados de qualidade percebida do ambiente sócio-relacional e do contexto da área de residência (Alta de Lisboa) encontraremos valores reduzidos de *Insegurança Percebida*. As restantes macrodimensões (*Características Arquitectónico-urbanas* e *Características Funcionais*) não estão correlacionadas de forma significativa com o valor total da EIP, logo, não são factores de qualidade residencial percebida que permitam explicar, neste caso, a *Insegurança Percebida* dos moradores da Alta de Lisboa.

Posteriormente, analisou-se a relação entre as quatro macrodimensões QARP e os três factores de EIP. Verificaram-se correlações significativas unicamente entre as macrodimensões *Características Sócio-relacionais* e *Características Contextuais* e, para além dos valores totais da EIP, o factor *Medo do Crime* ($n=52$, $\rho=-,442$, $p<0.01$; e $n=52$, $\rho=-,423$, $p<0.01$ respectivamente). Esses dados são apresentados nos quadros 8. e 9., e no Apêndice V. Significa que para valores elevados de qualidade percebida do ambiente sócio-relacional e

contexto residencial temos valores baixos de *insegurança percebida* baseada no medo e consequente sentimento de insegurança.

	Correlação de <i>Pearson</i>	Sig. (2-tailed)	Correlação de <i>Spearman</i>	Sig. (2-tailed)
EIP- QARP C. <i>Arquitectónico-urbanas</i>	,055	,698	-	-
EIP- QARP C. <i>Sócio-relacionais</i>	-	-	-,372**	,007
EIP – QARP C. <i>Funcionais</i>	-,043	,760	-	-
EIP – QARP C. <i>Contextuais</i>	-,342*	,013	-	-

*A correlação é significativa a um nível de significância de $p < 0.05$

** A correlação é significativa a um nível de significância de $p < 0.01$

Quadro 7. Correlações de *Pearson* ou *Spearman* entre escala EIP total e as macrodimensões da escala QARP

Considerando tais dados, estudaram-se igualmente as relações entre os factores das *Características Sócio-relacionais* e *Características Contextuais* e os factores de EIP (ver Apêndice V).

Correlação de <i>Spearman</i>				
		EIP		
		Características Ambientais de Controlo Social	Medo do Crime	Representação do Local por Vitimação
				EIP Total
QARP	C.Sócio-relacionais	-,227	-,442**	-,197
	. Segurança	-,487**	-,556**	-,387**

*A correlação é significativa a um nível de significância de $p < 0.05$

** A correlação é significativa a um nível de significância de $p < 0.01$

Quadro 8. Correlações de *Spearman* entre os factores da macrodimensão *Características Sócio-relacionais* da QARP e os três factores da EIP

As correlações significativas entre factores da macrodimensão *Características Sócio-relacionais* e factores da EIP encontram-se no quadro acima apresentado (Quadro 8.). Verificam-se correlações significativas apenas entre o factor *Segurança* e os três factores de EIP. Seria de prever tais resultados porque os itens do factor *Segurança* são construídos inversamente aos da escala EIP na globalidade. A correlação mais elevada é mantida com o factor *Medo do Crime* ($n=52$, $\rho = -,556$, $p < 0.01$). Os resultados revelam que a segurança no ambiente sócio-relacional da área de residência está associada a menores níveis de medo do

crime sentido na comunidade, com base em condições situacionais do espaço, e no conhecimento, pessoal e colectivo, de histórias de crime.

Analisando os dados apresentados no Quadro 9., relativos à relação entre factores da macrodimensão *Características Contextuais* e factores da EIP, verificam-se correlações significativas entre os factores *Relaxante vs. Stressante* e *Saúde Ambiental* e o factor *Medo do Crime* e os valores totais da escala EIP. Como este último factor da EIP apresenta distribuição não normal, as suas correlações foram calculadas recorrendo ao coeficiente ρ de *Spearman*. Os resultados indicam que quanto maior for a qualidade percebida das *Características Contextuais* da Alta de Lisboa, e mais relaxante e menos poluído o ambiente for percebido, menor será o nível de *Insegurança Percebida* no bairro e de medo do crime na comunidade.

Relativamente aos restantes factores, verifica-se ainda uma correlação significativa negativa entre o factor *Manutenção e Cuidado* e o factor *Representação do Local por Vitimação*. Assim, para níveis baixos de *insegurança percebida* gerada a partir de histórias contadas e rumores sobre crime na Alta de Lisboa (vitimação indirecta) teremos valores elevados de cuidado dos moradores com o ambiente residencial (e.g. manutenção da sinalética, limpeza das ruas).

Correlação de <i>Pearson</i> e <i>Spearman</i>				
		EIP		
		Características Ambientais de Controlo Social	Medo do Crime	Representação do Local por Vitimação
QARP	C. Contextuais	-,181	-,423**	-,191
	. Relaxante vs. Stressante	-,167	-,509**	-,261
	. Saúde Ambiental	-,168	-,311*	,252
	. Manutenção	-,079	-,247	-,278*
				EIP Total
				-,342*
				-,421**
				-,318*
				-,247

*A correlação é significativa a um nível de significância de $p < 0.05$

** A correlação é significativa a um nível de significância de $p < 0.01$

Quadro 9. Correlações de *Pearson* ou *Spearman* entre os factores da macrodimensão *Características Contextuais* da QARP e os três factores da EIP

Através dos dados alcançados poder-se-á responder à questão de investigação QI1. formulada. Os dados indicam que a *Insegurança Percebida* dos indivíduos se encontra relacionada com a sua qualidade residencial percebida (logo, *Satisfação Residencial*), nomeadamente em relação às características sociais e contextuais da Alta de Lisboa. Ou seja, quanto melhor é a *Satisfação Residencial* (melhor percepção das características sócio-

relacionais e contextuais) menor é a *Insegurança Percebida*, sobretudo baseada no Medo do Crime.

3.4. Relação entre *Satisfação Residencial* e Variáveis Sócio-demográficas

De forma a dar resposta à segunda questão de investigação formulada, realizaram-se correlações de *Pearson* e *Spearman* (conforme a distribuição das variáveis em estudo ser normal ou não normal) entre as macrodimensões e factores da escala QARP e as Variáveis Sócio-demográficas consideradas (ver Apêndice VI). São elas a *Idade*, *Género*, *Nível de Escolaridade*, *Número de Elementos do Agregado Familiar*, *Profissão*, *Trabalhar na Área de Residência*, *Tempo de Residência na Nova Habitação/Zona do Bairro*, *Tempo de Residência Anterior ao Realojamento*, *Praticante da Religião*, *Número de Actividades Realizadas no Bairro de Residência*.

Foram calculadas correlações entre as Variáveis Sócio-demográficas e, uma a uma, macrodimensão e seus factores. Os resultados são apresentados nos Quadros 10. 11. 12. e 13.

Apenas a variável *Género* não se encontra correlacionada significativamente com nenhuma das quatro macrodimensões da QARP ou com os seus factores.

Pela análise do Quadro 10. verificam-se correlações positivas entre o *Nível de Escolaridade* e os factores *Densidade dos Edifícios*, *Dimensão dos Edifícios*, *Funcionalidade Interna*, *Áreas Verdes* e os valores totais da macrodimensão *Características Arquitectónico-Urbanas*, indicando que indivíduos com maior nível de escolaridade tendem a percepcionar melhor a *Densidade* e *Dimensão dos Edifícios*, *Funcionalidade Interna*, as *Áreas Verdes* existentes e aspectos *Arquitectónico-Urbanos* do bairro. Os valores totais da macrodimensão *Características Arquitectónico-urbanas* encontram-se ainda correlacionados negativamente de forma significativa com as variáveis *Tempo de Residência na Nova Habitação/Zona do Bairro* e *Tempo de Residência Anterior ao Realojamento*, sendo a última correlação mais elevada ($n=52$, $r=-,402$, $p<0.01$) o que indica que, em geral, pessoas que habitam há mais tempo na actual Alta de Lisboa tendem a percepcionar menos qualidade nos aspectos arquitectónico-urbanos do bairro. A variável *Tempo de Residência na Nova Habitação/Zona do Bairro* apresenta-se igualmente correlacionada de forma negativa com o factor *Densidade dos Edifícios* tal como a variável *Tempo de Residência Anterior ao Realojamento* com o factor *Dimensão dos Edifícios*. Tais resultados indicam que quanto maior o tempo de residência na actual habitação, pior percepcionada é a *Densidade dos Edifícios* do bairro, enquanto quanto maior esse tempo e o tempo de habitação na zona da Alta de Lisboa, anterior ao realojamento no caso de pessoas realojadas, pior percepcionada é a *Dimensão dos Edifícios*

do bairro. Identificaram-se ainda correlações significativas negativas entre o factor *Áreas Verdes* e as variáveis *Tempo de Residência Anterior ao Realojamento* e *Profissão*, o factor *Funcionalidade Interna* e *Profissão*, bem como entre *Ligações Externas* e a variável *Trabalha na Área de Residência*. Os resultados evidenciam uma maior qualidade percebida das *áreas verdes* quanto menor o tempo de residência nesta zona antes dos realojamentos. Evidencia igualmente a melhor qualidade percebida das *Áreas Verdes* e *Funcionalidade Interna* (i.e. circulação de transporte próprio e estacionamento) do bairro quanto maior a qualificação profissional dos moradores (o Grupo Profissional 1 diz respeito a maiores qualificações profissionais, e grupo 9 a menores qualificações - ver Anexo II), e maior qualidade percebida do bairro em termos de centralidade e ligação a outras partes da cidade em pessoas que trabalham na Alta de Lisboa.

Correlação de Pearson						
V. Sócio-demográficas	QARP					
	Características Arquitectónico-Urbanas	Densidade dos Edifícios	Dimensão dos Edifícios	Funcionalidade Interna	Ligações Externas	Áreas Verdes
Nível de Escolaridade	,449**	,325*	,284*	,302*	,110	,507**
Tempo Residência na Nova Habitação/Zona do Bairro	-,282*	-,334*	-,168	-,239	-,036	-,188
Tempo Residência Anterior ao Realojamento	-,402**	-,143	-,340*	-,244	-,110	-,468**
Profissão	-,343	-,210	-,025	-,403*	,058	-,540**
Trabalha na Área de Residência	-,099	,006	,207	-,122	-,335*	-,178

*A correlação é significativa a um nível de significância de $p < 0.05$

** A correlação é significativa a um nível de significância de $p < 0.01$

Quadro 10. Correlações de *Pearson* entre a macrodimensão *Características Arquitectónico-urbanas* da QARP, seus factores e Variáveis Sócio-demográficas

Considerando os dados presentes no Quadro 11., verifica-se que a qualidade percebida das *Características Sócio-relacionais* e da *Discrição* no bairro é superior se o *Nível de Escolaridade* também o for, na medida em que existem correlações positivas entre estes, sendo a correlação positiva mais elevada entre o *Nível de Escolaridade* e o factor *Discrição* ($n=52$, $\rho=,518$, $p<0.05$). As correlações negativas mais baixa e mais elevada verificam-se entre o *Tempo de Residência na Nova Habitação/Zona do Bairro* e, respectivamente, as *Características Sócio-relacionais* ($n=52$, $\rho=-,280$, $p<0.05$) e a *Discrição* ($n=52$, $\rho=-,483$, $p<0.05$) percebidas. Significa, deste modo que a qualidade percebida do ambiente sócio-

relacional e *discrição* na Alta de Lisboa é mais elevada para quem habita na actual residência, nesta zona, há um menor período de tempo.

O factor *Discrição* correlaciona-se ainda significativamente, de forma negativa, com a *Profissão* e a variável *Praticante da Religião*, indicando que quanto mais elevado o grupo profissional dos indivíduos (i.e. menor a qualificação do cargo ocupado, e.g. Grupo 9 – Trabalhadores Não Qualificados) e se não são praticantes da sua religião, menor será a qualidade percebida da *Discrição* no bairro, isto é, menos discreto é considerado. Por último, o factor *Sociabilidade* correlaciona-se unicamente com a variável *Número de Elementos do Agregado Familiar* de forma positiva, verificando-se que quanto maior o número de elementos por agregado, maior a *Sociabilidade* percebida no ambiente residencial.

Correlação de Spearman			
V. Sócio-demográficas	QARP		
	Características Sócio-relacionais	Discrição	Sociabilidade
Nível de Escolaridade	,368**	,518*	,007
Tempo Residência na Nova Habitação/Zona do Bairro	-,280*	-,483**	-,011
Número de Elementos do Agregado Familiar	,098	-,253	,288*
Profissão	-,321	-,403*	,166
Praticante da Religião	-,070	-,284*	,161

*A correlação é significativa a um nível de significância de $p < 0.05$

** A correlação é significativa a um nível de significância de $p < 0.01$

Quadro 11. Correlações de Spearman entre a macrodimensão *Características Sócio-relacionais* da QARP, seus factores e Variáveis Sócio-demográficas

No caso dos valores totais das macrodimensões *Características Funcionais* e *Características Contextuais*, não se verificam correlações significativas com nenhuma das variáveis sócio-demográficas estudadas. Contudo, existem correlações significativas entre alguns dos seus factores e algumas dessas variáveis, apresentadas nos quadros 12. e 13.

Por um lado (Quadro 12.), verificam-se correlações significativas entre o factor *Serviços Educativos* e o *Tempo de Residência na Nova Habitação/Zona do Bairro*, positivas, indicando que quanto maior o tempo de residência neste bairro, maior a qualidade percebida dos *Serviços Educativos* (e.g. escolas, centros de apoio à infância) locais; e também entre o factor *Serviços Sociais* e a variável *Idade*, negativas, o que revela que quanto mais novos os indivíduos, maior a qualidade percebida dos serviços sociais existentes e maior a importância da sua existência

No Quadro 13. foram identificadas correlações positivas significativas entre o factor *Estimulante vs. Aborrecido* e o *Número de Actividades Realizadas no Bairro* e entre o factor *Relaxante vs. Stressante* e o *Nível de Escolaridade*, sendo a segunda mais elevada ($n=52$, $r=-,362$, $p<0.01$), bem como correlações negativas entre o factor *Manutenção* e o *Número de Actividades Realizadas no Bairro* ($n=52$, $\rho=-,312$, $p<0.05$) e *Tempo de Residência Anterior ao Realojamento* ($n=52$, $\rho=-,285$, $p<0.05$). Os resultados indicam que quanto maior o nível de escolaridade dos moradores, mais relaxante o ambiente da Alta de Lisboa é por eles percebido. Igualmente, quanto maior o número de actividades em que os moradores se envolvem, mais o ambiente residencial (bairro) é visto por eles como estimulante, e menor é a sua preocupação e cuidado face ao bairro. Por fim, no caso de indivíduos realojados, quanto maior o período de residência anterior ao realojamento nesta zona da cidade, menor a preocupação com a manutenção do bairro.

Correlação de Pearson			
V. Sócio-demográficas	QARP		
	Características Funcionais	Serviços Educativos	Serviços Sociais
Idade	-,179	-,016	-,365*
Tempo Residência na Nova Habitação/Zona do Bairro	-,205	,288*	-,017

*A correlação é significativa a um nível de significância de $p < 0.05$

** A correlação é significativa a um nível de significância de $p < 0.01$

Quadro 12. Correlações de *Pearson* entre a macrodimensão *Características Funcionais* da QARP, seus factores, e Variáveis Sócio-demográficas

Correlação de Pearson				
V. Sócio-demográficas	QARP			
	Características Contextuais	Relaxante vs. Stressante	Estimulante vs. Aborrecido	Manutenção
Nível de Escolaridade	,140	,362**	-,110	,020
Número de Actividades Realizadas no Bairro de Residência	,007	,191	,335*	-,312*
Tempo Residência Anterior ao Realojamento	-,200	-,184	,041	-,285*

*A correlação é significativa a um nível de significância de $p < 0.05$

** A correlação é significativa a um nível de significância de $p < 0.01$

Quadro 13. Correlações de *Pearson* entre a macrodimensão *Características Contextuais* da QARP, seus factores, e Variáveis Sócio-demográficas

De acordo com os resultados obtidos foi possível responder à segunda questão de investigação, identificando os indicadores sócio-demográficos da qualidade do ambiente residencial percebida (logo, da *Satisfação Residencial*). São eles a *Idade*, *Nível de*

Escolaridade, Número de Elementos do Agregado Familiar, Profissão, Trabalhar na Área de Residência, Tempo de Residência na Nova Habitação/Zona do Bairro, Tempo de Residência Anterior ao Realojamento, Praticante da Religião, e o Número de Actividades Realizadas no Bairro de Residência.

3.5. Relação entre *Insegurança Percebida* e Variáveis Sócio-demográficas

Com o intuito de dar resposta às duas últimas questões de investigação (QI 3. e QI 4.) realizaram-se correlações de *Pearson* e *Spearman*, consoante a distribuição das variáveis em relação à curva normal, entre os valores da EIP Total e dos seus factores e as variáveis sócio-demográficas referidas no ponto 3.4. (Ver Apêndice VII). Não foram encontradas correlações significativas, quer isto dizer que nenhum indicador sócio-demográfico está correlacionado com a *Insegurança Percebida* na Alta de Lisboa. Consequentemente, para responder à questão de investigação QI4, não parecem existir indicadores sócio-demográficos comuns da *Satisfação Residencial* e da *Percepção de Insegurança* no presente estudo.

IV. Discussão dos Resultados e Conclusões

Neste estudo pretendeu-se avaliar a relação entre a *Satisfação Residencial* dos moradores de um bairro periférico da cidade de Lisboa, a *Alta de Lisboa*, e a *Insegurança* por eles *Percebida*. O presente capítulo consistirá inicialmente na discussão dos resultados dos índices psicométricos da *Escala Breve de Qualidade do Ambiente Residencial Percebida* (QARP) e *Escala de Insegurança Percebida* (EIP). Seguir-se-á a discussão sobre a relação entre ambas as variáveis em estudo, *Satisfação Residencial* e *Insegurança Percebida*, entre a *Satisfação Residencial* e algumas Variáveis Sócio-demográficas consideradas, e entre a *Insegurança Percebida* e essas mesmas Variáveis Sócio-demográficas, de forma a dar resposta às questões de investigação formuladas.

4.1. Índices Psicométricos da QARP

Da análise da escala QARP, explicada no capítulo anterior, conclui-se que esta apresenta bons índices psicométricos. Contudo, de todas as suas macrodimensões, a dimensão *Características Sócio-relacionais* é a que apresenta valores mais baixos. A partir da análise do seu valor *alfa*, verificaram-se problemas com o item 25 (“Neste bairro, as pessoas não se metem nos assuntos dos outros”), o que poderá resultar de problemas de interpretação do item. A má interpretação pode dever-se ao facto de ele ser negativo, considerando a maior dificuldade da população portuguesa em lidar com a negativa, segundo referência oral do orientador deste estudo, e também da dificuldade em compreender a palavra “assuntos”, a qual pode ser pouco clara neste contexto. Sugere-se a formulação deste item na forma positiva e a substituição da palavra “assuntos” por “vida”, transformando-a numa expressão mais corrente. Sugere-se uma reformulação da seguinte forma: “Neste bairro, as pessoas metem-se na vida dos outros”.

Considerando os relativamente baixos resultados dos índices psicométricos desta macrodimensão, sendo a que apresenta, de toda a escala QARP, um maior número de itens invertidos, sugere-se, em investigações futuras, a transformação de todos esses itens para a sua forma positiva e a eliminação do item 25.

4.2. Índices Psicométricos e Factores da EIP

Pode-se concluir, a partir da análise da escala EIP realizada, que ela apresenta bons índices psicométricos. Relativamente aos factores da escala EIP, a partir da Análise Factorial realizada encontraram-se três factores, os quais foram nomeados considerando os itens que os compõem e o presente na literatura sobre a temática da *Insegurança Percebida*. Os factores e

itens constituintes são apresentados em apêndice (Apêndice VIII) sendo em seguida justificada a sua nomenclatura.

O **factor 1** encontrado é constituído pela maioria dos itens (itens 1 a 6) da categoria *Factores do Sentimento de Insegurança*, e um dos itens (item 14) da categoria *Combinação de Factores do Sentimento de Insegurança - Altura do dia e Companhia no local*, do *Questionário de Mapas Cognitivos de Segurança e Insegurança* (Sautkina, 2007).

Ao analisar os itens que compõem o factor verifica-se que os seis primeiros correspondem ao impacto de características físicas e sociais do ambiente, nomeadamente, incivildades físicas e sociais (itens 1 e 3; Skogan, 1986), heterogeneidade étnica (item 4; Matei, Ball-Rokeach & Qiu, 2001), iluminação (item 2; Ramsay, 1991), e apoio social percebido (itens 5 e 6; Sundeen & Mathieu, 1976; cit. por Skogan, 1986) na Insegurança Percebida. A presença do item 14 neste factor não seria de prever, de acordo com a literatura. No entanto, poder-se-á supor que está associado à avaliação de características já referidas, nomeadamente a iluminação (“noite”) e apoio social percebido (“acompanhada”).

A percepção das características mencionadas pode ser vista como uma pista, sinal ou indício de declínio da ordem social, isto é, de controlo social ineficiente ou, por outro lado, de um aumento dessa ordem, constituindo sinal de controlo eficiente (Sautkina et. al, 2007). Por este motivo, sugere-se o nome *Características Ambientais de Controlo Social* para este factor. Nome que nos parece pertinente, pois, de facto, a existência de características no ambiente cuja presença garante ou, por outro lado, impede, o controlo social percebido, induz ou inibe a percepção do lugar como inseguro (Insegurança Percebida), tal como acontece com o Medo do Crime (Sautkina, 2007).

O **factor 2** encontrado é composto por um item (item 10) da categoria *Experiência de Vitimação Pessoal e Secundária*, três (itens 11, 12 e 13) da *Combinação de Factores do Sentimento de Insegurança - Altura do dia e Companhia no local*, e três (15a, 15b e 15c) da categoria *Tipo de Crime Associado ao Local*, do questionário que originou a EIP.

Analisando esses itens, verifica-se que dizem respeito ao risco de crime percebido, nomeadamente a probabilidade de ocorrência de certo tipo de furto, com base em condições situacionais específicas e em experiências prévias de vitimação directa.

O poder de controlo percebido face à situação (Slovic, 1987), que pode derivar de condições situacionais como a altura do dia e companhia no local; a experiência prévia de vitimação directa e probabilidade percebida de ocorrer um crime como o roubo (Fishman e Mesh, 1996; cit. por Güitron e Guerrero, 2008) são condições associadas ao medo pessoal do crime, as quais integram o factor 2. Por conseguinte, considerou-se o nome atribuído, *Medo*

do Crime, pertinente por estar estreitamente associado à *Insegurança Percebida*, sendo por alguns autores considerados termos intermutáveis (Carro et. al, 2010; Russo et. al, 2010).

Por último, o **factor 3** encontrado inclui três itens (itens 7 a 9) da categoria *Experiência de Vitimação Pessoal e Secundária*, e um (item 15d) da categoria *Tipo de Crime Associado ao Local*, do questionário de Sautkina (2007).

Da análise dos itens verifica-se que os três primeiros se referem à influência da informação sobre crime no bairro, transmitida pelos meios de comunicação (*media*) e rumores, na representação do bairro como um local inseguro. Englobam, deste modo, experiências de vitimação indirecta (i.e., que o indivíduo não vivencia directamente mas tem delas conhecimento) da qual faz igualmente parte a comunicação com outros moradores sobre crime. Tais experiências aumentam o risco de crime percebido ao nível local (Russo et. al, 2010). Segundo Matei e colaboradores (2001), a percepção dos indivíduos sobre o ambiente envolvente é um produto da interacção social, a qual se desenvolve na infraestrutura comunicativa das histórias contadas. Logo, a informação obtida nesse espaço através dos referidos meios participa, segundo os autores, na estruturação das percepções ou representações espaciais de insegurança. Como tal, sugerimos o nome *Representação do Local por Vitimação* para este factor.

Com base na literatura, não se preveria a presença do item 15d neste factor por, ao corresponder à probabilidade percebida de ocorrer “homicídio involuntário no acto de roubo”, estar associado aos itens 15a, 15b e 15c, presentes no factor 2. Supomos que a sua presença neste factor deve-se ao facto de a probabilidade percebida de um crime violento deste tipo ocorrer no bairro, ser gerada a partir do conhecimento de situações deste tipo, transmitido de forma indirecta.

4.3. Relação entre a *Insegurança Percebida* e *Satisfação Residencial*

Partindo da primeira questão de investigação formulada - Haverá relação significativa entre a qualidade residencial percebida (*Satisfação Residencial*) dos residentes do bairro e a sua *Insegurança Percebida*? - foi possível verificar uma correlação significativa negativa entre as duas variáveis. Significa assim que, quanto mais elevada for a *Satisfação Residencial* dos moradores da Alta de Lisboa, menor a sua *Insegurança Percebida* nesse espaço.

Verificou-se que a *Insegurança Percebida* dos moradores deste bairro está associada, de forma negativa, à sua satisfação com as *Características Sócio-relacionais* do bairro.

Significa que, quanto maior a qualidade do ambiente sócio-relacional do bairro percebida, menor será a *Insegurança Percebida* dos indivíduos, sobretudo relativa ao Medo do Crime. A

percepção do bairro como um local que não propicia o relacionamento interpessoal pode conduzir os indivíduos a um maior isolamento, fomentando a sua insegurança e medo do crime. Considerando os processos de realojamento na Alta de Lisboa, prevê-se que a quebra de relações de vizinhança daí resultante (CEDRU, 2010; Gans, 1962; cit. por Almeida e Castro, 2002) possa ter dificultado a coesão social, e gerado o isolamento e maior insegurança e medo em alguns moradores. Deste modo, as características sociais do bairro podem influenciar o medo do crime por parte dos moradores e a representação do bairro como um local inseguro. O estabelecimento de relações sociais de vizinhança é um factor em muito valorizado pelos moradores da Alta de Lisboa (CEDRU, 2010), e pode ter um papel fundamental no combate à insegurança, pelos facto dos indivíduos percepcionarem a existência deste apoio social informal (Skogan, 1986). Tais relações podem propiciar o envolvimento dos indivíduos na comunidade, integrando actividades e dinâmicas no bairro que permitam combater o isolamento social.

Pre vemos que esta relação seja bidireccional, isto é, que possam igualmente a *Insegurança Percebida* no bairro e o medo ter um impacto negativo na *Satisfação Residencial* dos moradores, sobretudo relativa às características sócio-relacionais do bairro, já que o medo do crime pode diminuir a coesão social, intimamente ligada a essa satisfação (Carro et. al, 2010).

De entre os factores da macrodimensão *Características Sócio-relacionais*, apenas a Segurança se encontra significativamente correlacionada com a *Insegurança Percebida* e todos os seus factores, sobretudo o Medo do Crime. Como seria de prever, quanto menor a qualidade percebida da segurança do bairro, maior será a percepção de indícios de desordem social (i.e. de falha do controlo social), maior o medo do crime, mais facilmente o bairro é percepcionado como um lugar inseguro, e maior a *Insegurança Percebida*, em geral. De facto, esta relação pode resultar da deorganização social percebida, através da percepção de indícios no bairro que limitam o controlo pessoal do crime. A presença de incivildades, sobretudo sociais, pode despoletar a *Insegurança Percebida* dos moradores, o medo do crime e comportamentos associados (Sautkina, 2007; Skogan, 1986), isto é, uma atitude de insegurança face ao bairro, construída na relação com os outros (Matei, et. al, 2001). A percepção de tal desordem origina uma ansiedade generalizada, que poderá diminuir a *Satisfação* com o bairro (Robinson, Lawton, Taylor & Perkins, 2003). O contrário também podia ser válido, isto é, maior será a segurança percebida destes moradores quanto menor o medo do crime, quanto menor a representação do bairro como um local inseguro, e quantos mais indícios de controlo social efectivo no bairro forem percepcionados.

Verificou-se ainda uma correlação significativa negativa entre a *Insegurança Percebida* e a Satisfação com as *Características Contextuais* do bairro, o que significa que quanto menor a qualidade percebida dessas características (i.e. características do espaço onde o bairro se insere), mais os moradores vêem o bairro como inseguro. Quer isto dizer que os moradores percebem o seu bairro como mais inseguro ao considerarem-no mais agitado, confuso, não cuidado, ou poluído, face a outros bairros com características opostas, em parte por aquelas lhes poderem transmitir uma certa ansiedade, manifestada na forma de medo do crime.

De facto, verificou-se que o Medo do Crime se encontra significativamente correlacionado, de forma negativa, com a qualidade percebida das *Características Contextuais*, em geral, e os factores *Relaxante Vs. Stressante* e *Estimulante Vs. Aborrecido*. Significa, portanto, que quanto maior é o medo do crime, mais os moradores tendem a perceber o contexto onde vivem como pior, considerando-o, por exemplo, mais stressante (agitado, conflituoso) e poluído, face a outros bairros.

Perspectiva-se, assim, que a uma área residencial onde a agitação humana e ocorrência de conflitos seja mais evidente, estará associado um maior medo do crime. Isto porque tensões e conflitos inter-étnicos (Matei et. al, 2001), bem como a densidade populacional (Gifford & Peacock, 1979; cit. por Gifford, 2007) aumentam o medo nas pessoas, ainda que a última prediga mais o crime real do que o medo associado (Gifford, 2007; Sautkina, 2007).

Verificou-se, por fim, a existência de correlação significativa negativa entre o factor *Manutenção* e o factor *Representação do Local por Vitimação*, significando que quanto menor a qualidade da manutenção do bairro percebida (i.e. o cuidado das pessoas para com o bairro), mais os moradores formularão representações de insegurança sobre o bairro, individual e colectivamente. Poderá este facto resultar da percepção de incividades (físicas e/ou sociais) no bairro, contribuindo para que os moradores, ao interagirem com outros, formem percepções generalizadas (representações sociais) sobre a insegurança no bairro. O contrário podia ser igualmente válido. Os moradores, ao representarem o seu bairro como menos inseguro, individual e colectivamente, poderão tender a perceber a manutenção do bairro como mais eficaz, vendo uma maior preocupação de todos em cuidar dele.

Em suma, a *Satisfação Residencial* e *Insegurança Percebida* relacionam-se de modo inverso, pelo que ao aumento de uma corresponde a diminuição da outra. A menor *Satisfação Residencial* dos moradores da Alta de Lisboa, baseada em Características Sócio-relacionais (e.g. relações interpessoais; segurança no bairro) e Contextuais (e.g. tranquilidade, pureza e manutenção do bairro), está associada à maior *Insegurança Percebida* por eles, e vice-versa.

De acordo com diagnósticos recentes, a primeira hipótese é a mais viável, visto que a insegurança dos moradores daquele “macrobairro” é mais elevada entre os que se encontram insatisfeitos com as condições do bairro (CEDRU, 2010). Por outro lado, salientam a relação entre a satisfação e insegurança destes moradores, tendendo ambas a ser elevadas no território (CEDRU, 2010). Este facto comprova a tendência das pessoas em valorizar o seu bairro, considerando-o mais seguro, relativamente a outros bairros (Dirk, Pinto e Azevedo, 2004).

4.4. Relação entre *Satisfação Residencial* e Variáveis Sócio-demográficas

Em resposta à Questão de Investigação 2. - Quais os principais indicadores sócio-demográficos da *Satisfação Residencial*? – foram encontradas relações significativas entre a Satisfação Residencial e algumas variáveis sócio-demográficas estudadas.

Tempo de Residência na Actual Habitação/Zona da Área de Residência e Tempo de Residência Anterior ao Realojamento e Satisfação Residencial

Em relação às variáveis *Tempo de Residência na Actual Habitação/Zona da Área de Residência e Tempo de Residência Anterior ao Realojamento*, verificou-se a reduzida Satisfação Residencial dos moradores que residem na Alta de Lisboa há mais tempo, sobretudo ao nível das *Características Arquitectónico-urbanas* daquele ambiente residencial. Indivíduos que habitam há mais tempo no bairro, sobretudo que viveram na zona durante mais tempo antes dos processos de realojamento, têm uma pior percepção das actuais condições espaciais, como a *Densidade dos Edifícios*. O contrário também se verifica. Quem ali habita há menos tempo, considera essas condições mais satisfatórias. Este resultado vai contra a teoria de Bonnes, Bonaiuto, Ercolani e De Rosa (1991; cit. por Bonaiuto e Bonnes, 2002), de que o maior tempo de residência no bairro está associado a maior satisfação com a densidade sócio-espacial. Tal resultado pode também resultar do facto de a Satisfação Residencial de moradores mais antigos depender de factores de *stress*, como a tensão entre vizinhos (Potter e Cantarero, 2006), logo, a proximidade entre os edifícios do bairro pode ser encarada como factor de *stress* que limita essa satisfação.

Para indivíduos realojados que viveram mais tempo na zona anteriormente, de maior idade, a percepção da *Dimensão dos Edifícios* e das *Áreas Verdes* actuais é pior. Prevê-se que isso seja resultado da dificuldade de adaptação de moradores mais antigos ao novo espaço residencial (Potter e Cantarero, 2006), com edifícios “em altura”, diferente do antigo ambiente de terrenos vastos e habitações unifamiliares. Pode a *Dimensão dos Edifícios* ser vista como factor de *stress*, dada a diferença percebida entre morar em habitações térreas e edifícios “em

altura”. As pessoas que habitam há mais tempo na zona percebem as *Áreas Verdes* existentes como insuficientes ou pouco cuidadas, provavelmente por as compararem com os terrenos amplos que existiam antes, e que ficavam ao cuidado deles, incluindo a manutenção de pequenas hortas.

A relação significativa negativa estabelecida entre a variável *Tempo de Residência Anterior ao Realojamento* e o factor *Manutenção* segue a mesma perspectiva, supondo-se que as novas condições de habitação, em edifícios “em altura”, propicie um menor cuidado percebido sobre o bairro, já que os espaços que antes estavam ao cuidado de cada um já não existem, sendo hoje comuns mas, na visão destes moradores, desrespeitados.

Por outro lado, a variável *Tempo de Residência na Actual Habitação/Zona da Área de Residência* e a macrodimensão *Características Sócio-relacionais* e o factor *Discrição* apresentam uma relação significativa negativa. Logo, moradores mais recentes consideram o ambiente residencial da Alta de Lisboa mais discreto, valorizando a sua aparência física (Hur & Morrow-Jones, 2008), enquanto os mais antigos percebem-no como indiscreto e valorizam sobretudo os seus aspectos sociais. Pode este fenómeno advir do facto de relações de vizinhança recentes impossibilitarem uma intromissão imediata, em contraste com relações de vizinhança de vários anos, que garantem a confiança necessária para a indiscrição.

Por fim, relativamente ao *Tempo de Residência na Actual Habitação/Zona da Área de Residência* e *Serviços Educativos*, verificou-se que indivíduos que habitam há mais tempo na Alta de Lisboa têm uma melhor percepção dos *Serviços Educativos* à disposição. Isso pode resultar do facto destes indivíduos, ao residirem na Alta de Lisboa há mais tempo, terem constituído família e contactarem ao longo de anos com esses serviços (e.g. na educação dos filhos, dos netos) acompanhando a sua evolução, estando mais informados e concientes da sua qualidade.

Nível de Escolaridade e Profissão e Satisfação Residencial

Considerando as variáveis *Nível de Escolaridade* e *Profissão* e o factor *Funcionalidade Interna*, verifica-se que o maior *Nível de Escolaridade* e qualificação da *Profissão* estão associados à percepção do ambiente residencial da Alta de Lisboa como mais funcional internamente. Esta relação pode surgir do facto de indivíduos com mais escolaridade e qualificação profissional mais elevada, mais literados e tendencialmente orientados para a cultura, exigirem o melhor para a sua qualidade de vida. Logo, percebem a qualidade do acesso e deslocação no bairro como útil e satisfatória, almejando um estilo de vida mais saudável.

Verificou-se ainda que o ambiente residencial da Alta de Lisboa é percepcionado por pessoas com maior *Nível de Escolaridade* e maior qualificação da *Profissão* como mais discreto. Essa relação pode advir do facto de pessoas com qualificações académicas e profissionais mais elevadas poderem ser tendencialmente mais reservadas, interessando-se por actividades culturais, resistindo à indiscrição alheia e intromissão nos assuntos de outros.

O *Nível de Escolaridade* estabeleceu ainda uma relação positiva com a macrodimensão *Características Arquitectónico-urbanas*, e os seus factores *Densidade dos Edifícios*, *Dimensão dos Edifícios* e *Áreas Verdes*. Significa assim que, quanto maior o *Nível de Escolaridade*, maior a qualidade percebida das características físicas do ambiente residencial em geral, nomeadamente, *Densidade dos Edifícios*, *Dimensão dos Edifícios* e *Áreas Verdes*. Podemos supor, face a esta relação, que moradores mais escolarizados percepcionam o ambiente residencial da Alta de Lisboa, cosmopolita, com edifícios “em altura” separados por avenidas e com áreas de lazer (e.g. jardins), como mais satisfatório e com maior qualidade face a outros ambientes urbanos (e.g. maior aglomerado de casas sem espaços entre si). Por outro lado, a uma maior escolaridade pode também estar associado um nível sócio-económico mais elevado o qual, segundo Bonnes, Bonaiuto, Ercolani e De Rosa (1991; cit. por Bonaiuto e Bonnes, 2002), está associado a uma maior satisfação com a densidade sócio-espacial do ambiente residencial.

Por último, a relação negativa entre o *Nível de Escolaridade* e o factor *Stressante vs. Relaxante* remete para que indivíduos com maiores competências académicas considerem o espaço residencial da Alta de Lisboa mais relaxante (i.e. tranquilo e saudável). A relação entre ambos pode resultar do facto destes indivíduos, mais exigentes com a sua qualidade de vida, valorizarem os atributos do ambiente residencial que garantem maior conforto, distanciando-se de potenciais conflitos sociais, os quais contribuem para a percepção de *stress* ambiental.

Restantes Variáveis Sócio-demográficas e Satisfação Residencial

Em relação à variável *Trabalha na Área de Residência* e o factor *Ligações Externas*, verifica-se que indivíduos que moram e trabalham na Alta de Lisboa consideram o bairro mais central e de fácil acesso a outras zonas da cidade. Prevemos que tal seja resultado do facto de a vida destas pessoas gravitar em torno ao bairro, isto é, saindo dele com menos frequência relativamente a quem trabalha fora dele, diariamente e é confrontado com o trânsito. Deste modo, podem formar uma ideia deturpada sobre a centralidade do bairro na cidade, já que na realidade é um bairro periférico de Lisboa, por contactarem apenas com este

espaço ou com bairros próximos, dirigindo-se com menos frequência a outras zonas da cidade, e fazendo-o essencialmente em períodos de menos movimento .

A relação significativa positiva encontrada entre o *Número de Elementos do Agregado Familiar* e a *Sociabilidade* indica que indivíduos com núcleos familiares mais numerosos percebem o ambiente residencial da Alta de Lisboa como mais sociável. Prevê-se que uma tal percepção resulte do facto de indivíduos de famílias numerosas contactarem diariamente com mais pessoas, tornando-se comunicativas e sociáveis, e vendo na *Sociabilidade* uma qualidade do bairro. Por outro lado, a sua rede social de apoio será tendencialmente mais alargada, o que justifica a maior satisfação com a sociabilidade na zona.

A relação significativa negativa entre a *Idade* e o factor *Serviços Sociais* reflecte que indivíduos de maior idade percebem menor qualidade nos *Serviços Sociais* presentes no território da Alta de Lisboa. Prevê-se que uma tal percepção resulte do facto dos serviços dirigidos a esta população serem em número reduzido ou inadequados face às suas necessidades. Considerando que a população idosa é a que habita há mais tempo no bairro, é normal que dê maior importância aos aspectos do bairro que permitem aumentar ou contribuir para a satisfação das necessidades dos seus moradores (Potter e Cantarero, 2006). Carece o bairro, na visão desses moradores, de serviços sociais dirigidos à “terceira idade” mais adequados, que fomentem o relacionamento interpessoal, inclusivé intergeracional.

Ser *Praticante da Religião* é uma variável associada ao factor *Descrição*, verificando-se que indivíduos praticantes vêem o ambiente residencial do bairro mais discreto como factor de satisfação. Prevê-se que ambientes de culto religioso, fomentem a introspecção na população crente, ainda que propiciem a partilha, estando as pessoas mais disponíveis para a comunidade. Segundo Silva (2010), pessoas com alta religiosidade são mais agradáveis, generosas e leais. Podem elas estar satisfeitas com um ambiente mais discreto, que possibilita a partilha e inter-ajuda sem que estas sejam vistas como intromissões indesejáveis.

Por fim, o *Número de Actividades Realizadas no Bairro* está positivamente relacionado, de forma significativa, com o factor *Estimulante vs. Aborrecido*. Indivíduos mais envolvidos na Alta de Lisboa consideram o bairro mais estimulante, e aparentam estar mais satisfeitos com essa estimulação. Este facto poderá ser explicado pelas referências feitas por Hur e Morrow-Jones (2008), de que indivíduos que interagem através de actividade social, isto é, na comunidade, sentir-se-ão mais satisfeitos com o bairro por essa interacção. Por outro lado, indivíduos que se envolvem em diversas actividades na comunidade (i.e. quanto maior o *Número de Actividades Realizadas no Bairro*), percebem uma pior manutenção do

ambiente residencial. Podemos supor que, contactando essas pessoas com as necessidades do ambiente residencial e os meios para o cuidar, passem a ser mais exigentes nessa manutenção.

4.5. Relação entre a *Insegurança Percebida* e Variáveis Sócio-demográficas

No que concerne à questão de investigação 3 (Quais os principais indicadores sócio-demográficos de *Insegurança Percebida*?), não se verificou qualquer relação significativa entre a *Insegurança Percebida* dos moradores da Alta de Lisboa, e as variáveis sócio-demográficas estudadas. Como tal, não foi igualmente possível identificar indicadores sócio-demográficos comuns a ambas as variáveis em estudo. Logo, a resposta à questão de investigação 4 (Haverá indicadores sociodemográficos comuns de *Satisfação Residencial* e *Insegurança Percebida*?) foi negativa.

Apesar de se esperar encontrar uma relação significativa entre a *Insegurança Percebida* e variáveis como a idade, género e nível de escolaridade, por ser realçado na literatura que idosos e mulheres (Carro et. al, 2010; Russo et. al, 2010), e indivíduos com menor escolaridade (Russo et. al, 2010), são mais vulneráveis a tal percepção, não se verificou esse poder preditivo na *Insegurança Percebida* dos moradores da Alta de Lisboa.

Prevemos que a causa fundamental do resultado inconclusivo deste estudo seja a baixa heterogeneidade da amostra, fruto do número reduzido de participantes obtido, e que poderá não ter permitido sobressair diferenças entre grupos considerados contrastantes, como homens e mulheres, idosos e jovens, religioso praticante e religioso não praticante.

4.6. Limitações do Estudo

As primeiras limitações deste estudo referem-se à recolha da amostra. Em primeiro lugar, o número reduzido da amostra recolhida aponta para uma interpretação prudente dos resultados obtidos.

A extensão elevada dos instrumentos utilizados, sobretudo da escala QARP, foi apontada pelos moradores como o principal obstáculo à participação, e que pode ter gerado desmotivação nos participantes. Sugere-se que, em futuras aplicações da escala, o número de itens que a constitui seja revisto, adaptando-a a todos os contextos, sobretudo onde o nível de literacia é mais reduzido.

O formato de aplicação dos instrumentos de investigação pode também ter sido factor de certo enviesamento. A aplicação oral directa, na maioria dos casos, pode ter influenciado o tipo de resposta dos participantes e/ou inibido os mesmos de transmitir a sua real percepção, sobretudo relativa à insegurança na zona onde vivem, pelo receio em desvalorizá-la.

O uso da palavra “bairro” para designar o ambiente residencial dos participantes, em estudo, foi igualmente limitativo. Sendo este conceito construído por cada um (McAndrew, 1993; cit. por Amérigo, 2000), não existindo um conceito universal do mesmo, a percepção dos participantes sobre o seu “bairro” pode não ter sido claramente transmitida neste estudo. Podem os participantes, na maioria dos casos, ter associado a palavra aos antigos bairros (essencialmente abarracados; e.g. Cruz Vermelha, Musgueira Norte) existentes na zona, não associando, sobretudo moradores de zonas PER, a Alta de Lisboa à palavra “bairro”. Por esse motivo, para colmatar esta limitação poder-se-ia utilizar o termo “Alta de Lisboa” em vez de “bairro”, para clarificar o contexto específico que pretendemos estudar. Usando estes instrumentos em contextos mais abrangentes, deve-se substituir a palavra “bairro” por “área de residência”, por ser este um conceito mais abrangente e não tão limitativo.

Por último, a escala EIP, meramente quantitativa, poderá não avaliar de modo satisfatório a *Insegurança Percebida* da população. A inexistência de questões de resposta aberta é, por alguns autores vista como factor limitativo na avaliação de um constructo essencialmente subjectivo como a percepção de algo. Deverá futuramente esta escala ser adaptada, incluindo igualmente itens de resposta aberta, os quais permitam obter resultados qualitativos mais ricos de como as pessoas percebem o seu ambiente residencial, no caso, a sua área de residência.

4.7. Implicações Práticas e Sugestões Para Investigações Futuras

A presente investigação averiguou a relação entre a *Insegurança Percebida* e *Satisfação Residencial* dos moradores de um bairro periférico da cidade de Lisboa. Analisou dois conceitos fundamentais da Psicologia Ambiental, inserindo-os na prática de Intervenção Comunitária. Procurou-se realçar a relação entre ambos, demonstrando a importância de, na intervenção comunitária da zona residencial da Alta de Lisboa, conduzir a prevenção e/ou combate à insegurança segundo aspectos do ambiente residencial indutores da Satisfação Residencial da população. Teve, por isso, o mérito de direccionar o estudo da insegurança e satisfação residencial para a análise e intervenção em contextos específicos, designadamente comunidades residentes urbanas, adoptando um carácter exploratório e interventivo.

Por outro lado, procurou este estudo contribuir para alargar a investigação existente sobre a percepção ao nível da insegurança, ou risco de crime, não encarando apenas a sua vertente emocional (medo do crime), mais estudada.

No entanto, a implicação prática mais saliente deste estudo foi a criação de uma nova escala de avaliação da Insegurança Percebida, a *Escala de Insegurança Percebida* (EIP), a

partir do *Questionário de Mapas Cognitivos de Segurança e Insegurança* de Sautkina (2007). Apresentando bons índices psicométricos, criou-se uma escala passível de estudar directamente a *Insegurança Percebida* no contexto específico da Alta de Lisboa, e ambientes com características idênticas a esta área de residência.

Não obstante as sugestões para investigações futuras referidas ao longo deste trabalho, realçaremos propostas relevantes para investigações futuras que permitam complementar este estudo ou colmatar lacunas do mesmo, já mencionadas.

Por um lado, a realização de um estudo comparativo que avalie a relação das variáveis estudadas em dois grupos da comunidade da Alta de Lisboa, nomeadamente moradores de zonas PER (i.e. de realojamento) e moradores de condomínios privados (i.e. “de habitações venda livre”) seria uma proposta interessante. Consideradas populações divergentes em aspectos sócio-demográficos como o nível de escolaridade e nível sócio-económico, este estudo permitiria analisar potenciais diferenças ao nível da *Insegurança Percebida*. Perspectivou-se esta análise no presente estudo. Contudo, o número reduzido da amostra e, sobretudo, a discrepância entre o número de participantes de zonas de realojamento (N=37) e de condomínios de “venda livre” (N=15), não o permitiu.

Pertinente seria igualmente a realização de um estudo que analisasse a relação entre as variáveis abordadas e uma terceira variável importante, a Identidade Local. Tal estudo demonstra ser relevante sobretudo no contexto de realojamento (zonas PER) da Alta de Lisboa. Isto porque Carapinha (2010), verificou que o sentimento de comunidade actual da população ali realojada, aspecto fortemente associado à identidade local (Almeida e Castro, 2003), é inferior ao da comunidade anterior ao realojamento, podendo a identidade local, satisfação e mesmo a insegurança percebida estarem associados a esse fenómeno.

Por último, sugere-se a análise da estabilidade temporal da *Satisfação Residencial* dos moradores desta área residencial, no máximo em seis meses, através do método de teste-reteste. Esta análise possibilitará averiguar se a *Satisfação Residencial* se mantém ou, pelo contrário, altera ao longo do tempo, procurando entender quais os factores na base desse fenómeno. Isto é, mais facilmente serão encontrados os aspectos relevantes que a influenciam. O mesmo se sugere relativamente à *Insegurança Percebida*, revelando alguns estudos a importância deste tipo de análise na reacção ao crime e satisfação com o bairro relativamente à permanência de incivildades durante um ano (Robinson et. al, 2003).

A partir deste estudo concluímos que a *Satisfação Residencial* e a *Insegurança Percebida* são conceitos interligados, produto e factor da qualidade de vida de moradores de áreas residenciais urbanas como a Alta de Lisboa. Importará, doravante, perceber o quanto

afectarão também a qualidade de vida dos moradores de bairros deste tipo. Em síntese, este estudo permitiu compreender a relação entre dois conceitos da vertente ambiental do ramo da Psicologia, e demonstrar a sua relevância na intervenção directa com comunidades residentes de contextos específicos como os bairros nas cidades.

Bibliografia

- Almeida, I. e Castro, P. (2002, Maio). Realojamento – Satisfação Residencial e Identidade Local. Comunicação apresentada no *1º Colóquio Psicologia, Espaço e Ambiente* Universidade de Évora, Évora.
- Amérigo, M. (2000). Ambientes Residenciales. In Aragonés, J. I. & Amérigo, M. (Eds.). *Psicología Ambiental* (pp. 173-190). Madrid: Psicología Pirámide.
- Amérigo, M. (2002). A Psychological Approach to the Study of Residential Satisfaction. In Aragonés, J. I.; Guido, F. & Garling, T. (Eds.). *Residential Environments: Choice, Dissatisfaction and Behavior* (pp. 81-100). London: Bergin e Garvey.
- Aragonés, J. I. (2000). Cognición Ambiental. In Aragonés, J. I. & Amérigo, M. (Eds.). *Psicología Ambiental* (pp. 43-58). Madrid: Psicología Pirámide.
- Aragonés, J. I., Francescato, G. & Garling, T. (2002). Evaluating Residential Environments. In Aragonés, J. I.; Guido, F. & Garling, T. (Eds.). *Residential Environments: Choice, Dissatisfaction and Behavior* (pp. 1-14). London: Bergin e Garvey.
- Bettencourt (no prelo). *Experiências Comunitárias e Familiares no Contexto Urbano: Relação entre Satisfação Residencial e Rituais Familiares e Culturais*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.
- Bonaiuto, M. & Bonnes, M. (2002). Residential Satisfaction in the Urban Environments within the UNESCO-MAB Rome Project. In Aragonés, J. I.; Guido, F. & Gärling, T. (Eds.). *Residential Environments: Choice, Dissatisfaction and Behavior* (pp. 101-134). London: Bergin e Garvey.
- Bonaiuto, M., Fornara, F. & Bonnes, M. (2003). Indexes of perceived residential environment quality and neighbourhood attachment in urban environments: a confirmation study on the city of Rome. *Landscape and Urban Planning*, 65, 41–52.

- Bonaiuto, M., Fornara, F. & Bonnes, M. (2006). Perceived residential environment quality in middle- and low-extension italian cities. *Revue européenne de psychologie appliquée*, 56, 23 –34.
- Calado, C. & Pestana, N. (2009). *Diagnóstico Famílias na Comunidade 2009-2010*. Lisboa: K’CIDADE.
- Carapinha, A. (2010) *Influência do Processo de Realojamento na percepção de Sentido de Comunidade e Apoio Social Percebido*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.
- Cardoso, A. e Perista, H. (1994). A cidade esquecida - pobreza em bairros degradados de Lisboa. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 15, 99-111.
- Carro, D., Valera, S. & Vidal, T. (2010) Perceived insecurity in the urban space: personal, social and environmental variables. *Quality & Quantity*, 44, 303-314.
- CEDRU (2009). *Alta de Lisboa – Análise da situação de partida: Aplicação de inquéritos em painel aos agregados familiares*. Lisboa: Fundação Aga Khan.
- CEDRU (2010). *Alta de Lisboa – Análise da situação de partida: Aplicação de inquéritos em painel aos agregados familiares*. Lisboa: Fundação Aga Khan.
- Cotta, F. A. (2005, Fevereiro/Março) A crise da modernidade e a insegurança social. *Mneme – Revista de Humanidades*, 7 (14), 1-12. Consultado em 20 de Maio de 2011 através de <http://www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/mneme/article/view/284/259>
- Crawford, A. (2007, February). Perceptions of Crime and Insecurity: Urban Policies in an Era of Hyperactivity and Ambiguity. In A. Groenemeyer & X. Rousseaux (Organization) *Assessing Deviance, Crime & Prevention in Europe. Project CRIMPREV*. Report of the First General Conference (pp. 66–81). Consultado a 16 de Setembro de 2011 através de <http://www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/mneme/article/view/284/259>
- Dirk, R. C., Pinto, A. S. & Azevedo, A. L. V. (2004, Outubro). *Avaliando o Sentimento de Insegurança nos Bairros da Cidade do Rio de Janeiro*. Comunicação apresentada no XXVIII Encontro Anual ANPOCS. GT: Conflitualidade Social, Acesso à Justiça e

- Reformas do Poder Judiciário. Consultado a 20 de Maio de 2011 através de http://urutau.proderj.rj.gov.br/isp_imagens/Uploads/Artigo2004001.pdf
- Dolnicar, S., Laesser, C. & Matus, K. (2009). Online Versus Paper: Format effects in tourism surveys. *Journal of Travel Research*, 47(3), 295-316.
- Francescato, G. (2002). Residential Satisfaction Research: The case For and Against. In Aragonés, J. I.; Guido, F. & Gärling, T. (Eds.). *Residential Environments: Choice, Dissatisfaction and Behavior* (pp. 15-34) London: Bergin e Garvey.
- Fornara, F., Bonaiuto, M., & Bonnes, M. (2009). Cross-Validation of Abbreviated Perceived Residential Environment Quality (PREQ) and Neighborhood Attachment (NA) Indicators. *Environment and Behavior*, 20 (10), 1-26.
- Garland, C. A. & Stokols, D. (2002). The Effect of Neighborhood Reputation on Fear of Crime and Inner-City Investment. In Aragonés, J. I.; Guido, F. & Gärling, T. (Eds.). *Residential Environments: Choice, Dissatisfaction and Behavior* (pp. 205-240). London: Bergin e Garvey.
- Gärling, T. & Firman, M. (2002). A Psychological Conceptualization of Residential Choice and Satisfaction. In Aragonés, J. I.; Guido, F. & Gärling, T. (Eds.). *Residential Environments: Choice, Dissatisfaction and Behavior* (pp. 55-81). London: Bergin e Garvey.
- Gifford, R. (2007). *Environmental psychology: Principles and practice* (4th Ed.). Colville, WA: Optimal Books.
- Gliem, J. & Gliem, R. (2003, October). *Calculating, Interpreting, and Reporting Cronbach's Alpha Reliability Coefficient for Likert-Type Scales*. Paper presented at the Midwest Research to Practice Conference in Adult, Continuing and Community Education. The Ohio State University, Columbus, OH. Retrieved September 8, 2011, from <https://scholarworks.iupui.edu/bitstream/handle/1805/344/Gliem%20&%20Gliem.pdf?sequence=1>
- Gosling, S. D., Vazire, S., Srivastava, S. e John, O. P. (2004). Should We Trust Web-Based Studies? A Comparative Analysis of Six Preconceptions About Internet Questionnaires. *American Psychologist*, 59 (2), 93-104.

- Güitrón, A. C. M, Guerrero, L. R. V (2008). Inseguridad pública y miedo al delito, un análisis de las principales perspectivas teóricas y metodológicas para su estudio. *Letras jurídicas: Revista electrónica de derecho*, 6, 1-21. Consultado em 15 de Setembro de 2011 através de <http://letrasjuridicas.cuci.udg.mx/numeros/articulos6/articulo%20Cecilia%20MorquechoRafaelVizcarra.pdf>
- Hill, M. & Hill, A. (2005). *Investigação por Questionário*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Hur, M. & Morrow-Jones H. (2008). Factors That Influence Residents' Satisfaction With Neighborhoods. *Environment and Behavior*, 40 (5), 619-635.
- Kahana, E., Lovegreen, L., Kahana, B. & Kahana, M. (2003). Person, environment, and Person-environment fit as Influences on residential Satisfaction of elders. *Environment and Behavior*, 35 (3), 434-453.
- Kraut, R., Olson, J., Banaji, M., Bruckman, A., Cohen, J. & Couper, M. (2003). *Psychological Research Online: Opportunities and Challenges*. Consultado em 24 de Agosto de 2011 através de <http://www.apa.org/science/leadership/bsa/internet/internet-report.pdf>
- Lima, D. & Bomfim, (2009). Vinculação afetiva pessoa-ambiente: diálogos na psicologia comunitária e psicologia ambiental. *Psico*, 40 (2), 491-297.
- Lima M. L. & Sautkina E. (2007) Psicologia ambiental: um esboço sobre o seu desenvolvimento em Portugal e no mundo. *Psicologia*, XXI, 5-15.
- Lonsdale, C., Hodge, K. & Rose, E. A. (2006). Pixels vs. Paper: Comparing Online and Traditional Survey Methods in Sport Psychology. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 28, 100-108.
- Lourenço, N. (2010). Cidades e Sentimento de Insegurança: Violência Urbana ou Insegurança Urbana? In Júnior, E. A. P., da Silva, J. F. & Maron, J. (Eds.) *Um toque de Qualidade. Eficiência e Qualidade na Gestão da Defesa Nacional*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Defesa Nacional.
- Marante, L. (2010). *A Reconstrução do Sentido de Comunidade: Implicações Teórico-metodológicas no Trabalho sobre a Experiência de Sentido de Comunidade*.

- Dissertação de Mestrado em Psicologia. Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.
- Matei, S., Ball-Rokeach, S. J., & Qiu, J. L. (2001). Fear and misperception of Los Angeles urban space: A spatial-statistical study of communication shaped mental maps. *Communication Research*, 28 (4), 429-463.
- Pestana, M. H. & Gageiro, J.N. (2008). *Análise de dados para ciências sociais – A complementariedade do SPSS* (5ª Ed.). Lisboa: Edições sílabo.
- Potter, J. & Cantarero, R. (2006). How Does Increasing Population and Diversity Affect Resident Satisfaction? A Small Community Case Study. *Environment and Behavior*, 38 (5), 605-625.
- Proto, B. (2002). From Crime to Cities. In M. Balbo & A. Cusinato (Eds.) *Master PVS Progetto urbano 2001–2002*. Venezia: Università IUAV di Venezia. Consultado a 13 de Setembro através de http://www.iuav.it/Ricerca1/Dipartimen/dP/masterPVS/archivio/aa2001200/masterPVS_progetto_urbano0102.pdf#page=47
- Ramírez, B. F. (2000). El Medio Urbano. In Aragonés, J. I. & Américo, M. (Eds.). *Psicología Ambiental* (pp. 259-280). Madrid: Psicología Pirámide.
- Ramsay, M. (1991). *The Effect of Better Street Lighting on Crime and Fear: A Review*. Crime Prevention Unit Paper, 29. London: Home Office.
- Robinson, J., B. Lawton, R. B. Taylor, and D. D. Perkins. 2003. Longitudinal Impacts of Incivilities: A Multilevel Analysis of Reactions to Crime and Block Satisfaction. *Journal of Quantitative Criminology*, 19, 237-274.
- Roosa, M. W., White, R. M. B., Zeiders, K. H. & Tein, J-Y. (2009) An examination of the role of perceptions in Neighborhood Research. *Journal of Community Psychology*, 27 (3), 327-341.
- Russo, S., Roccato, M. & Vieno, A. (2010, December 16). Predicting Perceived Risk of Crime: a Multilevel Study. *American Journal of Community Psychology*. Consultado a 20 de Setembro de 2011 através de <http://www.springerlink.com/content/j3m07366x71126w2/fulltext.pdf>

- Sarmiento, J. (2003). Variações sobre o Urbanismo Pós-moderno. *Revista da Faculdade de Letras: Geografia, Universidade do Porto*, 19, 255-265.
- Sautkina, E. (2007). Environmental representations of safety from crime versus insecurity: A study in Lisbon. *Revista de Psicologia Social*, 22, 289-298.
- Sautkina, E., António C., Caseira H., Correia F., Dimitriou D., Grijó C., Loureiro A., Morais R. (2007). Factores ambientais e psicossociais da avaliação de risco do furto por Carteirista: O caso de dois locais em Lisboa. *Psicologia*, XXI, 79-97.
- Silva, D. (2010) *Traços de Personalidade e Religião: Meio Rural versus Meio Urbano*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Faculdade de Psicologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- Skogan, W. (1986). Fear of Crime and Neighborhood Change. *Crime and Just*, 8, 203-224.
- Slovic, P. (1987). Perception of Risk. *Science, New Series*, 236, 280-285.
- Tseloni, A. & Zarafonitou (2008) Fear of Crime and Victimization. A Multivariate Multilevel Analysis of Competing Measurements. *European Journal of Psychology*, 5 (4), 387-409.
- van Kamp, I., Leidelmeijer, K., Marsman, G. & de Holander, A. (2003) Urban environment quality and human well-being. Towards a conceptual framework and demarcation of concepts; a literature study. *Landscape and Urban Planning*, 65, 5-18.
- Wills-Herrera, E., Orozco, L. E., Forero-Pineda, C., Pardo, O., & Andonova (2011) The Relationship between perceptions of insecurity, social capital and subjective well-being: Empirical evidences from areas of rural conflict in Colombia. *The Journal of Social Economics*, 40, 88-96.

Apêndices



Esclarecimento sobre o estudo

Esta folha é para si. Leia atentamente, poderá guardá-la se pretender

Este estudo, inserido no âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, tem por objectivo estudar a percepção dos moradores da Alta de Lisboa sobre esta zona da cidade de Lisboa, em termos de segurança/insegurança e a sua relação com a satisfação com o mesmo.

Ao participar deste estudo irá responder a um questionário (quatro grupos de questões). Poderá parecer-lhe que está a responder a itens idênticos, contudo, estes estão presentes para efeitos de validação pelo que agradecemos que responda a todos os itens. No final do questionário encontrará duas páginas apenas para auxílio na resposta a algumas questões, caso necessite.

A sua participação neste estudo manter-se-á confidencial e anónima. Em caso de dúvida ou esclarecimento sobre o estudo, poderá contactar através do seguinte endereço electrónico: ines.matos.ferreira@gmail.com

Agradecemos a sua participação neste estudo. É muito importante o seu contributo!



Termo de Consentimento Informado

Por favor, leia este texto antes de aceitar participar neste estudo.

Este estudo pretende analisar a percepção que os moradores da Alta de Lisboa têm sobre este bairro, nomeadamente ao nível da segurança e satisfação com o mesmo. Se decidir participar neste estudo, após ler este termo de consentimento deve assiná-lo e entregá-lo à pessoa responsável pela aplicação.

Para poder participar deverá:

- Residir na Alta de Lisboa há, pelo menos, um ano;
- Ter mais de 18 anos.

Ao participar neste estudo responderá a um questionário com quatro grupos de questões, relacionados com os seus sentimentos, percepções e comportamentos relativamente à Alta de Lisboa. Poderá preenchê-los logo depois de assinar este termo de consentimento, o qual confirma que a sua participação é voluntária.

A duração esperada de participação é de aproximadamente 30 minutos.

1. A sua participação é *completamente* voluntária;
2. As suas respostas às perguntas em todos os questionários manter-se-ão *anónimas*.

Caso queira obter algum esclarecimento sobre este estudo, pode contactar através do endereço electrónico ines.matos.ferreira@gmail.com.

Ao assinar, declaro que tenho 18 anos de idade ou mais, que li e entendi a declaração acima, e que concordo em participar neste estudo.

Rubrica do participante _____

Data ____/____/____

Responsável pela aplicação (nome) _____

(assinatura) _____

ESTA FOLHA DEVE SER ENTREGUE SEPARADAMENTE À PESSOA RESPONSÁVEL PELA APLICAÇÃO.

OBRIGADA PELA SUA COLABORAÇÃO.

Inês Alves Ferreira

e-mail: ines.matos.ferreira@gmail.com

Colaboração num estudo sobre a Alta de Lisboa

Inês Ferreira— Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa

Gostaria de participar num estudo sobre a percepção dos moradores da Alta de Lisboa sobre este bairro?

Sou uma aluna da Faculdade de Psicologia da U.L. e, no âmbito do meu Mestrado, estou a realizar um estudo sobre a percepção que os moradores da Alta de Lisboa têm sobre esta zona da cidade.

Mas, para se concluir sobre o que melhor e/ou pior caracteriza a Alta na opinião dos seus moradores, é essencial a participação de todos vós!

Peço, por isso, a cada um (**maior de 18 anos, que more na Alta de Lisboa há pelo menos 1 ano**) que dê 20 minutos do seu tempo para responder a um questionário pela internet, através da seguinte página:

<http://www.questionario.totalh.com>

Para qualquer esclarecimento, contacte-me através do e-mail abaixo indicado.
Obrigada pela sua disponibilidade e contributo!

Inês Ferreira

Teste à Normalidade das escalas QARP e EIP

Quadro 1. Teste à Normalidade K-S (com correcção Lilliefors) das Macrodimensões da Escala QARP

	Kolmogorov-Smirnov		
	estatística	df	sig
1. <i>Características Arquitectónico-urbanas</i>	,059	52	,200
	,155	52	,003
2. <i>Características sociorrelacionais</i>	,061	52	,200
	,118	52	,069
3. <i>Características Funcionais</i>			
4. <i>Características Contextuais</i>			

Quadro 2. Teste à Normalidade K-S (com correcção Lilliefors) da Escala EIP e seus factores

	Kolmogorov-Smirnov		
	estatística	df	sig
1. <i>Características Ambientais de Controlo Social</i>	,102	52	,200
2. <i>Medo do Crime</i>	,176	52	,000
3. <i>Representação do Local por Vitimação</i>	,109	52	,173
EIP Total	,070	52	,200

Quadro 1. Correlações de *Spearman* e *Pearson* entre os factores da macrodimensão *Características Sociorrelacionais* da QARP e os três factores da EIP

Correlações de <i>Pearson</i> e <i>Spearman</i>				
QARP		EIP		
		Características Ambientais de Controlo Social	Medo do Crime	Representação do Local por Vitimação
				EIP Total
	C.Sociorrelacionais	-,227	-,442**	-,197
	C. Arquitectónico-urbanas	,117	,009	,080
	C. Contextuais	-,181	-,423**	-,191
	C. Funcionais	-,003	-,045	-,071

*A correlação é significativa a um nível de significância de $p < 0.05$

**A correlação é significativa a um nível de significância de $p < 0.01$

Quadro 2. Correlações de *Spearman* entre os factores da macrodimensão *Características Sociorrelacionais* da QARP e os três factores da EIP

Correlação de <i>Spearman</i>				
QARP		EIP		
		Características Ambientais de Controlo Social	Medo do Crime	Representação do Local por Vitimação
				EIP Total
	C.Sociorrelacionais	-,227	-,442**	-,197
	. Segurança	-,487**	-,556**	-,387**
	. Discrção	,242	,108	,132
	. Sociabilidade	-,077	-,240	-,064

*A correlação é significativa a um nível de significância de $p < 0.05$

**A correlação é significativa a um nível de significância de $p < 0.01$

Quadro 3. Correlações de *Pearson* e *Spearman* entre os factores da macrodimensão *Características Contextuais* da QARP e os três factores da EIP

		Correlação de <i>Pearson</i> e <i>Spearman</i>			
		EIP			
		Características Ambientais de Controlo Social	Medo do Crime	Representação do Local por Vitimação	EIP Total
QARP	C. Contextuais	-,181	-,423**	-,191	-,342*
	. Relaxado vs. Stressante	-,167	-,509**	-,261	-,421**
	. Estimulante vs. Aborrecido	-,037	,136	,252	,109
	. Saúde Ambiental	-,168	-,311*	,252	-,318*
	. Manutenção	-,079	-,247	-,278*	-,247

*A correlação é significativa a um nível de significância de $p < 0.05$

**A correlação é significativa a um nível de significância de $p < 0.01$

Correlações entre a escala QARP e Variáveis Sócio-demográficas

	Variáveis Sociodemográficas									
Macrodimensões e Factores da QARP	Correlação de <i>Pearson</i>									
	Idade	Género	Nível de Escolaridade	Número de Elementos do Agregado Familiar	Tempo de Residência na nova habitação/zona	Tempo de Residência anterior a realojamento	Profissão	Número de Actividades Realizadas na Área de Residência	Trabalha na Área de Residência	Praticante da Religião
Características Arquitectónico-Urbanas	-,174	,090	,449**	-,028	-,282*	-,402**	-,343	,103	-,099	-,103
Estética dos Edifícios	-,067	-,022	,162	-,020	-,185	-,167	-,229	,055	,119	,018
Densidade dos Edifícios	,006	,189	,325*	,123	-,334*	-,143	-,210	,144	,006	,041
Dimensão dos Edifícios	,141	-,046	,284*	,065	-,168	-,340*	-,025	,153	,207	,009
Funcionalidade Interna	-,074	,227	,302*	-,008	-,239	-,244	-,403*	-,010	-,122	,003
Ligações Externas	-,130	,083	,110	-,049	-,036	-,110	,058	,139	-,335*	,215
Áreas Verdes	-,218	,104	,507**	-,165	-,188	-,468**	-,540**	-,042	-,178	-,092
	Correlação de <i>Spearman</i>									
Características Sociorrelacionais	-,081	,155	,368**	,098	-,280*	-,197	-,321	,083	-,234	-,070
Segurança	-,196	,229	,161	,188	-,113	-,225	-,187	,128	-,253	-,035
Discrição	,229	-,035	,518*	-,253	-,483**	-,252	-,403*	,033	-,098	-,284*
Sociabilidade	-,129	,101	,007	,288*	-,011	,163	,166	,272	,154	,161

	Variáveis Sociodemográficas									
Macrodimensões e Factores da QARP	Correlação de <i>Pearson</i>									
	Idade	Género	Nível de Escolaridade	Número de Elementos do Agregado Familiar	Tempo de Residência na nova habitação/ zona	Tempo de Residência anterior a realojamento	Profissão	Número de Actividades Realizadas na Área de Residência	Trabalha na Área de Residência	Praticante da Religião
Características Funcionais	-,179	,036	-,090	,104	,162	-,053	,134	,001	-,205	,204
Serviços Educativos	-,016	-,110	-,244	-,078	-,288*	,142	,289	,166	-,216	,265
Serviços Sociais	-,365*	-,006	,170	-,098	-,017	-,270	-,033	,068	-,202	-,164
Serviços Recreativos	-,079	,053	,032	-,028	,016	-,088	-,246	-,038	-,173	,219
Serviços Comerciais	,020	,080	-,169	,123	,186	,115	,216	,063	,038	,210
Serviços de Transporte	-,214	,028	-,046	,269	,050	-,116	,269	-,201	,158	,014
	Correlação de <i>Pearson</i>									
Características Contextuais	-,046	-,068	,140	,027	-,123	-,200	-,137	,007	-,097	,038
Relaxante vs. Stressante	-,137	-,052	,362**	,101	-,256	-,184	-,057	,191	-,035	-,015
Estimulante vs. Aborrecido	,028	-,070	-,110	,052	,209	,041	,173	,335*	-,028	,160
Saúde Ambiental	,065	,002	,113	-,050	-,226	-,097	-,230	-,160	,011	,010
Manutenção	-,107	-,059	,020	,013	-,043	-,285*	-,229	-,312*	-,208	-,069

*A correlação é significativa a um nível de significância de $p < 0.05$

**A correlação é significativa a um nível de significância de $p < 0.01$

Correlações entre a escala EIP e Variáveis Sócio-demográficas

	Variáveis Sociodemográficas									
Macrodimensões e Factores da QARP	Correlação de <i>Pearson</i>									
	Idade	Género	Nível de Escolaridade	Número de Elementos do Agregado Familiar	Tempo de Residência na nova habitação/zona	Tempo de Residência anterior a realojamento	Profissão	Número de Actividades Realizadas na Área de Residência	Trabalha na Área de Residência	Praticante da Religião
EIP Total	,097	-,043	-,046	-,115	,065	,121	,017	,117	,056	-,006
Características Ambientais de Controlo Social	,022	-,223	,098	-,060	-,141	-,047	-,061	,170	-,036	-,067
Representação do Local por Vitimação	-,031	,109	,016	-,040	,161	,105	,176	,245	,066	,065
	Correlação de <i>Pearson</i>									
Medo do Crime	,194	,084	-,139	-,182	,052	,114	-,003	-,152	,095	,058

Factores da Escala de Insegurança Percebida (EIP)

Factor 1 – Características Ambientais de Controlo Social

1. Uma eventual deterioração, graffiti e/ou lixo contribuem para a sua percepção de insegurança na Alta de Lisboa?
2. A qualidade de iluminação contribui para a sua percepção de insegurança neste local?
3. Uma eventual presença de populações marginais (sem-abrigo, alcoólicos, toxicodependentes, passadores de droga) contribui para a sua percepção de insegurança neste local?
4. Uma eventual presença de muitas pessoas de etnias e de nacionalidades diferentes da sua contribui para a sua percepção de insegurança neste local ?
5. Uma falta eventual de vigilância (polícias, seguranças) contribui para a sua percepção de insegurança neste local?
6. Uma eventual passividade das pessoas presentes neste local em situações de crime contribui para a sua percepção de insegurança neste local ?
14. Na sua opinião, este local é inseguro durante a noite para uma pessoa acompanhada?

Factor 2 – Medo do Crime

10. Os rumores e histórias que ouviu assemelham-se a vivências próprias?
11. Na sua opinião, este local é inseguro durante o dia para uma pessoa sozinha?
12. Na sua opinião, este local é inseguro durante o dia para uma pessoa acompanhada?
13. Na sua opinião, este local é inseguro durante a noite para uma pessoa sozinha?
- 15 a. Que tipo de delitos ou crimes de rua julga prováveis neste local? Furto por carteirista (não violento, discreto).
- 15 b. Que tipo de delitos ou crimes de rua julga prováveis neste local? Furto por esticção (com recurso à força).
- 15 c. Que tipo de delitos ou crimes de rua julga prováveis neste local? Roubo à mão armada (com armas brancas ou de fogo).

Factor 3 – Representação do Local por Vitimação

7. Já ouviu (leu, viu) nos jornais, televisão, rádio que este local é inseguro ?
8. Os rumores e histórias contadas que ouviu caracterizam este local como inseguro?
9. Os rumores e histórias que ouviu assemelham-se a vivências de familiares, amigos e conhecidos seus?
- 15 d. Que tipo de delitos ou crimes de rua julga prováveis neste local? Homicídio involuntário no acto de roubo.

Anexos

Modelo de Satisfação Residencial (Amérigo, 1990)

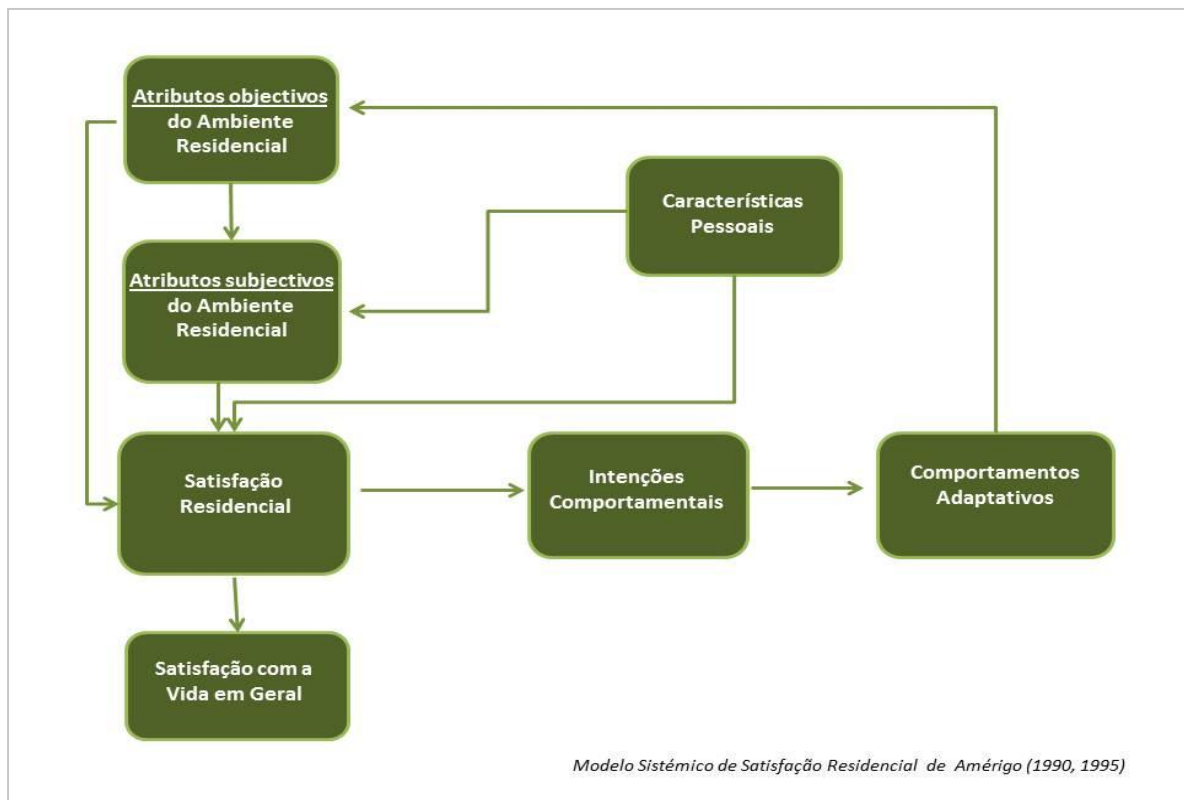


Fig. 1. Modelo Sistêmico da Satisfação Residencial de María Amérigo (1990; 1995), adaptado de Amérigo (2000; 2002).

Questionário Sócio-demográfico

Solicitamos a sua colaboração para responder às questões que se seguem e agradecemos a sua participação neste estudo. É muito importante que **leia atentamente e responda individualmente a todas as questões dos questionários.** Deixar questões em branco anula todos os questionários. Não existem respostas certas nem erradas, o que interessa é o que pensa e sente realmente. Para poder participar neste estudo **deverá ser maior de 18 anos e morar na Alta de Lisboa há, pelo menos, 1 ano.**

1. Idade :

2. Sexo:

Feminino ☐ Masculino ☐

3. Nacionalidade:

4. Naturalidade:

5. Estado Civil:

Solteiro/a ☐ União de Facto ☐ Casado/a ☐ Separado/a ☐ Divorciado/a ☐ Viúvo/a ☐

6. Indique o nível de escolaridade mais elevado que completou:

Menos que o 4º ano <input type="checkbox"/>	7º ano <input type="checkbox"/>	Ensino Superior <input type="checkbox"/>
4º ano <input type="checkbox"/>	8º ano <input type="checkbox"/>	Mestrado /Doutoramento <input type="checkbox"/>
5º ano <input type="checkbox"/>	9º ano/ equivalente <input type="checkbox"/>	
6º ano <input type="checkbox"/>	12º ano/ equivalente <input type="checkbox"/>	

7. O seu agregado familiar é constituído por quantos elementos?

8. Qual a sua situação laboral?

Desempregado ☐ Empregado/Activo ☐ Estudante ☐ Reformado ☐
Outra ☐ Qual? _____

9. Indique a sua profissão.

- ☐ Grupo 1 (Quadros Superiores de Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresas).
- ☐ Grupo 2 (Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas).
- ☐ Grupo 3 (Técnicos e Profissionais de Nível Intermédio).
- ☐ Grupo 4 (Pessoal Administrativo e Similares).
- ☐ Grupo 5 (Pessoal dos Serviços e Vendedores).
- ☐ Grupo 6 (Agricultores e Trabalhadores Qualificados da Agricultura e Pesca).
- ☐ Grupo 7 (Operários, Artífices e Trabalhadores Similares).
- ☐ Grupo 8 (Operadores de Instalações e Máquinas e Trabalhadores de Montagem).
- ☐ Grupo 9 (Trabalhadores Não Qualificados).

9.1 Trabalha na área de residência, bairro ou comunidade local em que habita?

Sim ☐ Não ☐

10. Qual o tipo de habitação em que reside?

Habitação de realojamento ☐

Habitação de venda livre ☐

Outra ☐ Qual? _____

10.1. Em que local habitava anteriormente?

Cruz Vermelha ☐ Musgueira Norte ☐ Musgueira Sul ☐

Quinta do Louro ☐

Quinta Grande ☐ Quinta da Pailepa ☐ Calvanas ☐

Galinheiras ☐

Outro local da cidade ☐ Outro ☐ Qual? _____

11. Em que zona da Alta de Lisboa reside actualmente?

PER ☐ Qual? _____

Condomínio de venda livre ☐ Qual? _____

12. Há quanto tempo habita nesta nova habitação/zona do bairro (Alta de Lisboa)?

12.1. Se vive em habitação de realojamento, quantos anos viveu na residência anterior?

13. Religião:

Católica ☐

Sem religião ☐

Judaica ☐

Islâmica ☐

Protestante ☐

Hindu ☐

Outra ☐ Qual? _____

13.1. É praticante?

Sim ☐ Não ☐

14. Em que actividades participa na sua área de residência/bairro/comunidade local?

Voluntariado ☐

Actividades culturais, desportivas ☐

Actividades na área do ambiente ☐

Dirigismo associativo ☐

Actividades religiosas ☐

Associação de pais ☐

Outro ☐ Qual? _____

Escala de Insegurança Percebida (Ferreira e Lind, 2011)

Responda às seguintes questões **considerando a zona da Alta de Lisboa (em geral)**. Ao responder a cada uma das questões use a escala de 1 a 5 apresentada abaixo (1 – *Nada*; 2 – *Pouco*; 3 – *Médio*; 4 – *Bastante*; 5 – *Muito*), assinalando um número junto a cada item, consoante o grau em que o item se refere à sua percepção desta zona em termos de segurança/insegurança. Por exemplo, se considerar que o item 1 **não se refere em nada** à sua percepção de insegurança, deverá assinalar com uma cruz (X) no quadrado correspondente ao **1** (nada); se considerar que este se **refere pouco** à sua percepção, assinale com uma cruz no quadrado junto ao **2** (pouco), e assim sucessivamente.

	Nada	Pouco	Médio	Bastante	Muito
1. Uma eventual deterioração, graffiti e/ou lixo contribuem para a sua percepção de insegurança na Alta de Lisboa?	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5
2. A qualidade de iluminação contribui para a sua percepção de insegurança neste local?	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5
3. Uma eventual presença de populações marginais (sem-abrigo, alcoólicos, toxicodependentes, passadores de droga) contribui para a sua percepção de insegurança neste local?	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5
4. Uma eventual presença de muitas pessoas de etnias e de nacionalidades diferentes da sua contribui para a sua percepção de insegurança neste local?	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5
5. Uma falta eventual de vigilância (polícias, seguranças) contribui para a sua percepção de insegurança neste local?	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5
6. Uma eventual passividade das pessoas presentes neste local em situações de crime contribui para a sua percepção de insegurança neste local?	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5
7. Já ouviu (leu, viu) nos jornais, televisão, rádio que este local é inseguro?	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5
8. Os rumores e histórias contadas que ouviu caracterizam este local como inseguro?	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5
9. Os rumores e histórias que ouviu assemelham-se a vivências de familiares, amigos e conhecidos seus?	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5
10. Os rumores e histórias que ouviu assemelham-se a vivências próprias?	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5
11. Na sua opinião, este local é inseguro <u>durante o dia para uma pessoa sozinha?</u>	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5
12. Na sua opinião, este local é inseguro <u>durante o dia para uma pessoa acompanhada?</u>	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5
13. Na sua opinião, este local é inseguro <u>durante a noite para uma pessoa sozinha?</u>	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5
14. Na sua opinião, este local é inseguro <u>durante a noite para uma pessoa acompanhada?</u>	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5

	Nada	Pouco	Médio	Bastante	Muito
15. Que tipo de delitos ou crimes de rua julga prováveis neste local ?					
a) Furto por carteirista (não violento, discreto)	<div><div></div><div>1</div></div>	<div><div></div><div>2</div></div>	<div><div></div><div>3</div></div>	<div><div></div><div>4</div></div>	<div><div></div><div>5</div></div>
b) Furto por esticção (com recurso à força)	<div><div></div><div>1</div></div>	<div><div></div><div>2</div></div>	<div><div></div><div>3</div></div>	<div><div></div><div>4</div></div>	<div><div></div><div>5</div></div>
c) Roubo à mão armada (com armas brancas ou de fogo)	<div><div></div><div>1</div></div>	<div><div></div><div>2</div></div>	<div><div></div><div>3</div></div>	<div><div></div><div>4</div></div>	<div><div></div><div>5</div></div>
d) Homicídio involuntário no acto de roubo :	<div><div></div><div>1</div></div>	<div><div></div><div>2</div></div>	<div><div></div><div>3</div></div>	<div><div></div><div>4</div></div>	<div><div></div><div>5</div></div>

QARP – Escala breve da Qualidade do Ambiente Residencial Percebida (adaptação de Bettencourt, Ferreira e Lind, 2011)

Ao responder ao presente questionário, **pense no seu bairro enquanto Alta de Lisboa em geral (não o bairro em específico em que reside)**, assinalando numa **escala de 1 a 5** (1 – *Discordo Totalmente*; 2 – *Discordo*; 3 – *Não Concordo, nem Discordo*; 4 – *Concordo*; 5 – *Concordo Totalmente*), em que medida as diferentes perguntas a seguir realizadas estão de acordo com a sua opinião. Responda de acordo com a opção que, para cada item, melhor descreva a Alta de Lisboa.

	Discordo Totalmente	Discordo	Não Concordo, nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
1. As casas/prédios do bairro estão muito próximas entre si.	<input type="text"/> 1	<input type="text"/> 2	<input type="text"/> 3	<input type="text"/> 4	<input type="text"/> 5
2. Existe espaço suficiente entre as casas/prédios do bairro.	<input type="text"/> 1	<input type="text"/> 2	<input type="text"/> 3	<input type="text"/> 4	<input type="text"/> 5
3. Neste bairro existe pouco espaço entre uma construção e outra.	<input type="text"/> 1	<input type="text"/> 2	<input type="text"/> 3	<input type="text"/> 4	<input type="text"/> 5
4. Os edifícios deste bairro são bonitos.	<input type="text"/> 1	<input type="text"/> 2	<input type="text"/> 3	<input type="text"/> 4	<input type="text"/> 5
5. Este bairro é agradável de ver.	<input type="text"/> 1	<input type="text"/> 2	<input type="text"/> 3	<input type="text"/> 4	<input type="text"/> 5
6. As cores dos edifícios do bairro são pouco adequadas (ao contexto).	<input type="text"/> 1	<input type="text"/> 2	<input type="text"/> 3	<input type="text"/> 4	<input type="text"/> 5
7. A dimensão dos edifícios do bairro é sufocante.	<input type="text"/> 1	<input type="text"/> 2	<input type="text"/> 3	<input type="text"/> 4	<input type="text"/> 5
8. Neste bairro, a dimensão dos edifícios é desproporcional entre si.	<input type="text"/> 1	<input type="text"/> 2	<input type="text"/> 3	<input type="text"/> 4	<input type="text"/> 5
9. Neste bairro, os edifícios são muito altos.	<input type="text"/> 1	<input type="text"/> 2	<input type="text"/> 3	<input type="text"/> 4	<input type="text"/> 5
10. Neste bairro, o modo como os carros estão estacionados impede as pessoas de se movimentarem a pé.	<input type="text"/> 1	<input type="text"/> 2	<input type="text"/> 3	<input type="text"/> 4	<input type="text"/> 5
11. No bairro há bastante espaço disponível para estacionar.	<input type="text"/> 1	<input type="text"/> 2	<input type="text"/> 3	<input type="text"/> 4	<input type="text"/> 5
12. Neste bairro, é fácil circular de bicicleta.	<input type="text"/> 1	<input type="text"/> 2	<input type="text"/> 3	<input type="text"/> 4	<input type="text"/> 5
13. A partir deste bairro é fácil chegar ao centro (da cidade).	<input type="text"/> 1	<input type="text"/> 2	<input type="text"/> 3	<input type="text"/> 4	<input type="text"/> 5
14. Este é um bairro bem ligado a partes importantes da cidade.	<input type="text"/> 1	<input type="text"/> 2	<input type="text"/> 3	<input type="text"/> 4	<input type="text"/> 5
15. Este bairro está isolado do resto da cidade.	<input type="text"/> 1	<input type="text"/> 2	<input type="text"/> 3	<input type="text"/> 4	<input type="text"/> 5

	Discordo Totalmente	Discordo	Não Concordo, nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
16. No bairro existem espaços verdes onde é possível relaxar.	<input type="text"/> 1	<input type="text"/> 2	<input type="text"/> 3	<input type="text"/> 4	<input type="text"/> 5
17. No bairro existem espaços verdes suficientes.	<input type="text"/> 1	<input type="text"/> 2	<input type="text"/> 3	<input type="text"/> 4	<input type="text"/> 5
18. Para aceder a um parque, infelizmente, é necessário deslocar-se a outros bairros da cidade.	<input type="text"/> 1	<input type="text"/> 2	<input type="text"/> 3	<input type="text"/> 4	<input type="text"/> 5
19. No bairro, os espaços verdes estão em boas condições.	<input type="text"/> 1	<input type="text"/> 2	<input type="text"/> 3	<input type="text"/> 4	<input type="text"/> 5
20. O bairro é frequentado por pessoas pouco recomendáveis.	<input type="text"/> 1	<input type="text"/> 2	<input type="text"/> 3	<input type="text"/> 4	<input type="text"/> 5
21. Neste bairro verifica-se frequentemente actos de vandalismo.	<input type="text"/> 1	<input type="text"/> 2	<input type="text"/> 3	<input type="text"/> 4	<input type="text"/> 5
22. Ao caminhar pelo bairro, durante a noite, corre-se o risco de ter más surpresas.	<input type="text"/> 1	<input type="text"/> 2	<input type="text"/> 3	<input type="text"/> 4	<input type="text"/> 5
23. Aqui, as pessoas fazem demasiadas “fofocas”.	<input type="text"/> 1	<input type="text"/> 2	<input type="text"/> 3	<input type="text"/> 4	<input type="text"/> 5
24. Aqui temos muitas vezes a impressão dos olhos dos outros estarem focados em nós.	<input type="text"/> 1	<input type="text"/> 2	<input type="text"/> 3	<input type="text"/> 4	<input type="text"/> 5
25. Neste bairro, as pessoas não se metem nos assuntos dos outros.	<input type="text"/> 1	<input type="text"/> 2	<input type="text"/> 3	<input type="text"/> 4	<input type="text"/> 5
26. É difícil fazer amizades entre as pessoas do bairro.	<input type="text"/> 1	<input type="text"/> 2	<input type="text"/> 3	<input type="text"/> 4	<input type="text"/> 5
27. No bairro é fácil travar conhecimento com outras pessoas.	<input type="text"/> 1	<input type="text"/> 2	<input type="text"/> 3	<input type="text"/> 4	<input type="text"/> 5
28. As pessoas do bairro tendem a isolar-se.	<input type="text"/> 1	<input type="text"/> 2	<input type="text"/> 3	<input type="text"/> 4	<input type="text"/> 5
29. O bairro está bem equipado com serviços educativos.	<input type="text"/> 1	<input type="text"/> 2	<input type="text"/> 3	<input type="text"/> 4	<input type="text"/> 5
30. As escolas de ensino obrigatório são facilmente alcançáveis a pé.	<input type="text"/> 1	<input type="text"/> 2	<input type="text"/> 3	<input type="text"/> 4	<input type="text"/> 5
31. As escolas do bairro são, em geral, de boa qualidade.	<input type="text"/> 1	<input type="text"/> 2	<input type="text"/> 3	<input type="text"/> 4	<input type="text"/> 5
32. Os serviços sociais do bairro são inadequados.	<input type="text"/> 1	<input type="text"/> 2	<input type="text"/> 3	<input type="text"/> 4	<input type="text"/> 5
33. No bairro faltam serviços de assistência às pessoas idosas.	<input type="text"/> 1	<input type="text"/> 2	<input type="text"/> 3	<input type="text"/> 4	<input type="text"/> 5

	Discordo Totalmente	Discordo	Não Concordo nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
34. Nesta zona, o Centro de Saúde local não está adequado às exigências dos moradores.	<input type="text"/> 1	<input type="text"/> 2	<input type="text"/> 3	<input type="text"/> 4	<input type="text"/> 5
35. Neste bairro é possível praticar várias actividades de desporto.	<input type="text"/> 1	<input type="text"/> 2	<input type="text"/> 3	<input type="text"/> 4	<input type="text"/> 5
36. Este é um bairro bem apetrechado em termos de equipamentos desportivos.	<input type="text"/> 1	<input type="text"/> 2	<input type="text"/> 3	<input type="text"/> 4	<input type="text"/> 5
37. No bairro existem zonas onde é possível praticar desporto ao ar livre.	<input type="text"/> 1	<input type="text"/> 2	<input type="text"/> 3	<input type="text"/> 4	<input type="text"/> 5
38. No bairro, escasseiam actividades de lazer para os moradores.	<input type="text"/> 1	<input type="text"/> 2	<input type="text"/> 3	<input type="text"/> 4	<input type="text"/> 5
39. À noite, o bairro oferece diversas atracções.	<input type="text"/> 1	<input type="text"/> 2	<input type="text"/> 3	<input type="text"/> 4	<input type="text"/> 5
40. Este bairro não está suficientemente equipado para receber eventos culturais.	<input type="text"/> 1	<input type="text"/> 2	<input type="text"/> 3	<input type="text"/> 4	<input type="text"/> 5
41. No bairro existem lojas de todo o género.	<input type="text"/> 1	<input type="text"/> 2	<input type="text"/> 3	<input type="text"/> 4	<input type="text"/> 5
42. Nas lojas do bairro podemos encontrar qualquer coisa.	<input type="text"/> 1	<input type="text"/> 2	<input type="text"/> 3	<input type="text"/> 4	<input type="text"/> 5
43. Este bairro está bem servido em termos de lojas.	<input type="text"/> 1	<input type="text"/> 2	<input type="text"/> 3	<input type="text"/> 4	<input type="text"/> 5
44. As lojas estão mal distribuídas no bairro.	<input type="text"/> 1	<input type="text"/> 2	<input type="text"/> 3	<input type="text"/> 4	<input type="text"/> 5
45. Os transportes públicos existentes garantem uma boa ligação às outras partes da cidade.	<input type="text"/> 1	<input type="text"/> 2	<input type="text"/> 3	<input type="text"/> 4	<input type="text"/> 5
46. A frequência dos transportes públicos é adequada às exigências dos moradores do bairro.	<input type="text"/> 1	<input type="text"/> 2	<input type="text"/> 3	<input type="text"/> 4	<input type="text"/> 5
47. Os autocarros do bairro são muito desconfortáveis.	<input type="text"/> 1	<input type="text"/> 2	<input type="text"/> 3	<input type="text"/> 4	<input type="text"/> 5
48. As paragens dos transportes públicos estão bem distribuídas no interior do bairro.	<input type="text"/> 1	<input type="text"/> 2	<input type="text"/> 3	<input type="text"/> 4	<input type="text"/> 5
49. Existe uma atmosfera serena neste bairro.	<input type="text"/> 1	<input type="text"/> 2	<input type="text"/> 3	<input type="text"/> 4	<input type="text"/> 5
50. Relativamente ao caos de outras zonas, este é um bairro onde ainda se pode viver.	<input type="text"/> 1	<input type="text"/> 2	<input type="text"/> 3	<input type="text"/> 4	<input type="text"/> 5
51. Morar neste bairro é bastante stressante.	<input type="text"/> 1	<input type="text"/> 2	<input type="text"/> 3	<input type="text"/> 4	<input type="text"/> 5

	Discordo Totalmente	Discordo	Não Concordo nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
52. Este bairro está cheio de actividades.	<input type="text"/> 1	<input type="text"/> 2	<input type="text"/> 3	<input type="text"/> 4	<input type="text"/> 5
53. Todos os dias há alguma novidade interessante no bairro.	<input type="text"/> 1	<input type="text"/> 2	<input type="text"/> 3	<input type="text"/> 4	<input type="text"/> 5
54. Neste bairro nunca acontece nada.	<input type="text"/> 1	<input type="text"/> 2	<input type="text"/> 3	<input type="text"/> 4	<input type="text"/> 5
55. O ar do bairro é limpo.	<input type="text"/> 1	<input type="text"/> 2	<input type="text"/> 3	<input type="text"/> 4	<input type="text"/> 5
56. No geral, este bairro não está poluído.	<input type="text"/> 1	<input type="text"/> 2	<input type="text"/> 3	<input type="text"/> 4	<input type="text"/> 5
57. Este é um bairro silencioso.	<input type="text"/> 1	<input type="text"/> 2	<input type="text"/> 3	<input type="text"/> 4	<input type="text"/> 5
58. Neste bairro a saúde dos moradores está ameaçada pela poluição.	<input type="text"/> 1	<input type="text"/> 2	<input type="text"/> 3	<input type="text"/> 4	<input type="text"/> 5
59. As estradas do bairro são limpas regularmente.	<input type="text"/> 1	<input type="text"/> 2	<input type="text"/> 3	<input type="text"/> 4	<input type="text"/> 5
60. A sinalética das estradas do bairro é mantida em boas condições.	<input type="text"/> 1	<input type="text"/> 2	<input type="text"/> 3	<input type="text"/> 4	<input type="text"/> 5
61. Os moradores da zona demonstram ser cuidadosos para com o seu bairro.	<input type="text"/> 1	<input type="text"/> 2	<input type="text"/> 3	<input type="text"/> 4	<input type="text"/> 5
62. Existem muitos buracos nas estradas do bairro.	<input type="text"/> 1	<input type="text"/> 2	<input type="text"/> 3	<input type="text"/> 4	<input type="text"/> 5



Relação entre Ruas e Condomínios de Venda Livre da Alta de Lisboa

Jardins de S. Bartolomeu	C	Avenida Nuno Kruz Abecassis Rua Tito de Moraes Avenida Sergio Vieira de Melo
Parque das Conchas	L	Avenida Helena Vaz da Silva Rua General Vasco Gonçalves Rua Arnaldo Ferreira
Condomínio do Parque	C	Rua Nuno Kruz Abecassis Rua Sérgio Vieira de Melo
Condomínio da Torre	L	Rua Luís Piçarra Avenida Jose Cardoso Pires Rua Helena Vaz da Silva Rua David Mourão Ferreira
Colina de S. Gonçalo	C	Rua Sérgio Vieira de Melo Rua 1 da Malha
Pátio S. João de Brito	L	Rua Helena Vaz da Silva Rua Shegundo Galarza Avenida Alvaro Cunhal
Parque S. João de Brito	L	Rua Helena Vaz da Silva Avenida Carlos Paredes Rua General Vasco Gonçalves
Colina S. João de Brito	L	Rua Belo Marques Rua Ferrer Trindade Rua Jose Cardoso Pires Rua Shegundo Galarza
Parque Lisboa	L	Avenida M ^a Helena Vieira da Silva (pingo doce) Rua Antonio Lopes Ribeiro
Edifício Evolution	L	Rua Helena Vaz da Silva Rua Nóbrega e Sousa
Edifício Dolce Vita	L	Rua Helena Vaz da Silva
Edifício Dolce Far Niente	L	Rua Nóbrega e Sousa

L – Freguesia do Lumiar

C – Freguesia da Charneca



Relação entre Ruas e PER da Alta de Lisboa

PER 1	L	Rua Maria Carlota (4, 6, 8, 10, 12) Rua Maria do Carmo Torres nº 1 Avenida David Mourão Ferreira Rua Maria Margarida
PER 2	L	Rua Maria do Carmo Torres nº 3 Rua Maria Alice (excepto nº 17 e 19)
PER 3	L	Rua Maria Alice nº 17 e 19 Rua Maria José da Guia Rua Pedro Queirós Pereira
PER 4	C	Rua Tito de Morais (21, 23, 25, 27, 29) Rua perpendicular à Rua Melo Antunes Rua Reis Pinto (4, 6, 8)
PER 5	C	Rua Tito de Morais (35, 37, 41, 45) Rua Bernardo Marques (1, 3, 5, 4, 8, 12) Rua Manuel Lopes (1, 3, 5, 7, 11, 13) Rua 8
PER 6	C	Rua Tito de Morais nº 2 a 20 Rua Kruz Abcassis nº 1 Rua Melo Antunes nº 8
PER 7	C	Rua Vasco da Gama Fernandes (1 a 17) Rua Octávio Pato (2 a 16)
PER 8	L	Rua Victor Cunha Rego (4, 5, 6, 7) Rua Eduardo Covas (2, 4, 6)
PER 9	L	Av. Carlos Paredes (7, 8, 9, 10, 12, 13) Rua José Cardoso Pires
PER 10	C	Rua Carlos Aboim Inglês Continuidade da Rua Vasco da Gama Fernandes
PER 11	C	Rua João de Amaral Rua Raúl Rego
PER 12	L	Rua José Cardoso Pires (em frente à Escola EB1 N°34) Rua Tomás del Negro Rua Luís Piçarra Alameda da Música
PER 13	C	Realojamento das Calvanas

L – freguesia do Lumiar

C – freguesia da Charneca

Macrodimensões da escala breve PREQ de Fornara, Bonaiuto e Bonnes (2009)

Tabela 1. *Macrodimensão Características Arquitectónico-urbanas da escala breve PREQ: Subescalas, Factores, Número de Itens e Alfa de Cronbach.*

Macrodimensão	Subescala	Factor	Nº de Itens	Alfa de Cronbach
<i>Características Arquitectónico-urbanas</i>	Espaço visuo-perceptual (planeamento arquitectónico e urbano de espaços)	1. Estética dos edifícios.	3	.72
		2. Densidade dos edifícios.	3	.85
		3. Volume dos edifícios.	3	.83
	Espaço funcional (organização da acessibilidade e estradas)	1. Funcionalidade interna.	3	.67
		2. Ligações externas.	3	.82
	Áreas verdes	Áreas verdes.	4	.87

Tabela 2. *Macrodimensão Características Sociorrelacionais da escala breve PREQ: Subescalas, Factores, Número de Itens e Alfa de Cronbach.*

Macrodimensão	Subescala	Factor	Nº de Itens	Alfa de Cronbach
<i>Características Sociorrelacionais</i>	Características sociorrelacionais	1. Segurança.	3	.78
		2. Discrição.	3	.79
		3. Sociabilidade.	3	.73

Tabela 3. *Macrodimensão Características Funcionais* da escala breve PREQ: Subescalas, Factores, Número de Itens e Alfa de Cronbach.

Macrodimensão	Subescala	Factor	Nº de Itens	Alfa de Cronbach
<i>Características Funcionais</i>	Serviços de bem-estar	1. Serviços escolares.	3	.79
		2. Serviços sociais.	3	.62
	Serviços recreativos	1. Serviços desportivos.	3	.82
		2. Actividades socioculturais.	3	.71
	Serviços comerciais	Serviços comerciais.	4	.88
	Serviços de transporte	Serviços de transporte.	4	.81

Tabela 4. *Macrodimensão Características Contextuais* da escala breve PREQ: Subescalas, Factores, Número de Itens e Alfa de Cronbach.

Macrodimensão	Subescala	Factor	Nº de Itens	Alfa de Cronbach
<i>Características Contextuais</i>	Estilo de vida	1. Relaxante vs. Stressante.	3	.71
		2. Estimulante vs. Aborrecido.	3	.67
	Saúde ambiental	Saúde ambiental.	4	.86
	Manutenção e cuidado.	Manutenção.	4	.70